UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HISTÓRIAS DE AMOR SOB A PERSPECTIVA DA MORALIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE MULHERES CASADAS DE DUAS GERAÇÕES

TATIANA MACHADO MORAES

VITÓRIA
2018

TATIANA MACHADO MORAES

HISTÓRIAS DE AMOR SOB A PERSPECTIVA DA MORALIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE MULHERES CASADAS DE DUAS GERAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Ortega

Coorientadora: Profa. Dra. Heloisa Moulin de Alencar

VITÓRIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M827h

Moraes, Tatiana Machado, 1991-
Histórias de amor sob a perspectiva da moralidade : um estudo comparativo entre mulheres casadas de duas gerações / Tatiana Machado Moraes. – 2018.
103 f. : il.

Orientador: Antonio Carlos Ortega. Coorientador: Heloisa Moulin de Alencar. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Mulheres casadas. 2. Amor. 3. Virtudes. 4. Relacionamento amoroso. 5. Moralidade. I. Ortega, Antonio Carlos. II. Alencar, Heloisa Moulin de. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-527/O

HISTÓRIAS DE AMOR SOB A PERSPECTIVA DA MORALIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE MULHERES CASADAS DE DUAS GERAÇÕES

TATIANA MACHADO MORAES

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espirito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Ortega – Orientador, UFES

Prof. Dr. Sávio Silveira de Queiroz – UFES

Prof[a]. Dr[a]. Ariadne Dettmann Alves - Instituto Ensinar Brasil DOCTUM

Dissertação defendida e aprovada em 23 de Abril de 2018

Dedico essa dissertação às minhas filhas,

para que sempre se lembrem que o trabalho dedicado dá bons frutos.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Miguel e Kátia,por terem me dado a vida e me ensinado a vivê-la acreditando em meus sonhos, o que me levou a nunca duvidar do meu mestrado.

Aos meus irmãos, Miguel e Natália por serem meus melhores amigos, e sempre terem me apoiado e encorajado a seguir em frente.

Ao meu marido Deivid, por ser um verdadeiro parceiro, por ter me encorajado e ter-se feito presente em cada página que escrevi.

Às minhas filhas Isabela, Elisa e Maria Luisa, por serem a inspiração da minha vida, por darem sentido à minha existência e serem minha maior fonte de força.

À minha tia Laércia, e minhas avós Yedda e Madalena, por seu incondicional amor e constantes palavras de incentivo.

Aos meus tios Fabiano e Roberto por sua persistência nos estudos e dedicação acadêmica e profissional, que são fonte de inspiração e exemplo para mim.

Também ao meu tio Roberto e à minha tia Kelly por me auxiliarem com a correção e tradução desse trabalho, elevando sua excelência.

À toda a minha família por darem sentido à minha vida, e por ser minha fonte de força e alegria quando as dificuldades vêm. Eu amo muito cada um de vocês!

Ao Professor e doutor Antonio Carlos Ortega, por ter sido meu verdadeiro orientador, por ter demonstrado fé em minha capacidade, o que me concedeu maior confiança em mim mesma e na minha competência de produzir e conduzir minha vida acadêmica.

À Professora e doutora Heloisa Moulin de Alencar, minha co-orientadora, por sua dedicada atenção e por sua paciência constante ao oferecer (co)orientação. Também por seu carinho, amor e generosidade comigo e com minhas filhas.

Aos dois por estarem ao meu lado do início ao fim, e por terem me incentivado nos momentos mais difíceis. Por sua fiel dedicação e amor à vida acadêmica que os levaram a serem excelentes, e por trabalharem de forma ética. Enfim, por terem se tornado para mim pessoas que orientarão toda minha vida profissional.

Aos diversos professores que, na graduação e na pós-graduação, dedicam sua vida a ensinar a psicologia de modo admirável, e por terem permitido que eu me apaixonasse por minha profissão.

À Jussara por ter se tornado uma verdadeira amiga e por sua valiosa colaboração para o desenvolvimento de cada etapa dessa pesquisa. Esta dissertação foi moldada graças à sua parceria.

Aos amigos que por serem minha base de apoio, por terem compreendido a minha ausência, e por sempre demostrarem que seu amor e amizade não reconhecem no tempo uma barreira.

Por fim, àquele a quem devo agradecer por tudo, por ter me concedido o dom da vida, e por ter se feito presente em cada etapa dela: Deus, meu grandioso Pai Eterno. Porque pude sentir seu amor me conduzindo do início ao fim do meu mestrado. Por jamais me deixar ou me desamparar, por estar comigo todos os dias da minha vida.

Sumário

1. Introdução **1**
1.1.Moralidade e Amor 3
1.2.Relacionamentos Amorosos na Contemporaneidade 12
1.3. Objetivos 22
1.3.1. Objetivo geral. 22
1.3.2. Objetivos específicos. 23
1.4. Método 23
1.4.1. Participantes. 25
1.4.2. Instrumento e procedimentos de coleta. 27
1.4.3. Tratamento e análise de dados. 28
2. Resultados e Discussão **30**
2.1. Artigo Um: O Início do Relacionamento Amoroso Sob a Perspectiva da Moralidade 31
2.2.Artigo Dois: Aspectos Morais na Decisão para o Casamento 55
3. Considerações Finais **79**
Referências 89
Apêndice A 94
Apêndice B 97
Apêndice C 101

Lista de Figuras

Figura 1: Roteiro de entrevista.....**27**

Figura2: Distribuição etária das entrevistadas.....**101**

Figura 3: Tempo de relacionamento (namoro/noivado) anterior ao casamento.....**102**

Figura 4: Tempo de casamento (ou coabitação) das entrevistadas.....**103**

Lista de Tabelas

Tabela 1:Justificativas apresentadas pelas mulheres para dar início ao relacionamento amoroso com o parceiro atual.....**41**

Tabela 2: Justificativas apresentadas pelas mulheres para a decisão de se casar ou coabitar com o parceiro atual.....**64**

Tabela 3: Categorias iniciais de tipos de resposta: Justificativas apresentadas pelas mulheres para dar início ao relacionamento amoroso com o parceiro atual.....,,,,.....**97**

Tabela 4: Categorias iniciais de tipos de resposta: Justificativas apresentadas pelas mulheres para a decisão de se casar ou coabitar com o parceiro atual.....,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,.....**99**

Tabela 5: Nível de formação das participantes.....**101**

Moraes, T. M. (2018). *Histórias de amor sob a perspectiva da moralidade: um estudo comparativo entre mulheres casadas de duas gerações*(Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil.103 p.

Resumo

Os relacionamentos amorosos são influenciados pelo contexto social em que serão desenvolvidos (Del Priore, 2012; Ferry, 2013), e o referido contexto do momento atual, pode ser considerado pouco favorável ao estabelecimento de relações respeitosas (La Taille, 2009) necessárias a autonomia moral (Piaget, 1932/1994), e propenso para relações frágeis e instáveis (Bauman, 2004). Assim, o presente estudo teve por objetivo realizar uma comparação, sob a perspectiva da moralidade, dos discursos de mulheres casadas de duas gerações acerca da escolha do parceiro no início do relacionamento e da decisão para o casamento. Para atingirmos este objetivo analisamos entrevistas feitas a 30 mulheres casadas com idade entre 20 e 30 anos,que foram realizadas em períodos distintos -1993 e 2013. Os principais resultados apontaram que a escolha pelo início do relacionamento é justificado, na maior parte das vezes, por argumentos de aspecto pessoal, ou seja, baseada em características pessoais do parceiro, ou em sentimentos próprios das mulheres. Nesse caso, virtudes como respeito, fidelidade, paciência e amor foram mencionadas dentre as características do parceiro, mas com baixa frequência frente a outras justificativas. Já a decisão pelo casamento foi explicada principalmente por meio de aspectos do casal, ou seja, as mulheres manifestaram atenção sobre características, sentimentos, desejos ou necessidades em comum entre os envolvidos. Por sua vez, as mulheres entrevistadas em 1993 pautaram sua escolha amorosa em aspectos da ordem dos sentimentos e dos desejos, salientando seus sentimentos no início do namoro, e ainda o desejo que ela e seu parceiro tinham de estar junto, ou ainda o desejo de outras pessoas sobre a realização do casamento. Por outro lado, as entrevistadas em 2013 destacaram aspectos mais práticos para o novo relacionamento, enfatizando características pessoais do parceiro no primeiro momento, e a estabilidade financeira e o conhecimento mútuo entre o casal no segundo. Consideramos que a presente pesquisa pode corroborar para a compreensão dos processos envolvidos no estabelecimento das relações amorosas na atualidade, podendo auxiliar na elaboração de propostas de intervenção que visem a agir sobre a fragilidade dos vínculos, e promover a construção de relações baseadas no respeito mútuo em que a prática da autonomia moral seja preconizada.

Palavras-chave:Moralidade, Virtudes, Amor, Relacionamento amoroso, Mulheres.

Abstract

The relationships are influenced by the social context in which they will be developed (Del Priore, 2012, Ferry, 2013), and at the context of the current moment can be considered unfavorable to the establishment of respectful relations (La Taille, 2009) required to develop moral autonomy, 1932/1994), and prone to fragile and unstable relationships (Bauman, 2004). Thus, the present study aimed to compare, from the perspective of morality, the discourses of married women of two generations on the choice of the partner at the beginning of the relationship and on the decision to marry. In order to reach this goal, we analyzed interviews with 30 married women aged between 20 and 30. The interviews were carried out in different periods - 1993 and 2013. The main results pointed out that the choice of starting the relationship is justified, in most cases, by the partner's personal characteristics or on women's personal feelings. In this case, virtues such as respect, loyalty, patience and love were mentioned among the desired characteristics of the partner, but with lower frequency compared to other justifications. Conversely, the marriage decision was mainly explained by common personal aspects of the couple. Women expressed attention on characteristics, feelings, desires or common needs. On the other hand, the women interviewed in 1993 based their choice on feelings and wills, emphasizing their personal feelings from the beginning of the relationship. On what concerns to marriage, they considered,their as well as and her partner wills to be together, and the desire of other people about the achievement of marriage. On the other hand, those interviewed in 2013 highlighted more practical aspects expected from the new relationship, such as the partner's personal characteristics in the first moment and secondly, financial stability and mutual acquaintance. The present research can corroborate to understand the processes involved in the establishment of current relationships. It can help in the design of intervention practices that aim to address the fragility of human bonds and to promote the construction of relationships based on mutual respect where the practice of moral autonomy is pledged.

***Keywords*:** Morality, Virtues, Love, Relationship, Women.

1. Introdução

Consideramos relevante ao contexto atual investigar quais aspectos têm sido valorizados na escolha por iniciar o relacionamento amoroso com um parceiro específico e na decisão para o casamento, visto que diversas mudanças culturais intensas vêm ocorrendo, em especial nas ultimas décadas, de modo que os relacionamentos atuais são estabelecidos com maior liberdade e em favor da felicidade e satisfação pessoal (Del Priore, 2012). Nesse sentido, Bauman (2004) afirma que osrelacionamento amorosos têm sido valorizados em razão dos benefícios que pode oferecer aos envolvidos, e nesse sentido podem ser desfeitos facilmente quando o custo da relação se torna maior que as vantagens obtidas por meio dela. Assim, a busca por satisfação pessoal aliada a facilidade de iniciar e encerrar relacionamentos amorosos têm levado a relacionamentos frágeis e instáveis.

Somamos a esse cenário uma cultura na qual o individualismo e o egoísmo se sobressaem, tornando dificultado o estabelecimento de relações em que o outro é visto como companheiro de igual valor (La Taille, 2009). Ora, o reconhecimento de outrem como seu igual e o respeito mútuo são fundamentais à relações reciprocas, ao desenvolvimento da moralidade plena, bem como à prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Sob esse ponto de vista, é de fundamental importância o conhecimento acerca da forma como outrem tem sido inserido nos relacionamentos contemporâneos, a fim de compreender as formas da moralidade que vêm sendo promovidas nesse contexto.

Ainda podemos ressaltar que, desde a revolução industrial na era moderna, um ideal de amor e felicidade foi atrelado ao casamento (Araújo, 2002; Ferry, 2013), de modo que diversos estudos têm ressaltado uma expectativa de que o amor seja pré-requisito para o casamento, bem como a esperança de vivenciá-lo na presença do amor e de uma realização emocional (Borges, Magalhães &Féres-Carneiro, 2014; Wagner, Falcke& Duarte, 1997; Zordan,Falcke, & Wagner., 2009). Essa tendência pode levar a conflitos decorrentes da desilusão dessas expectativas de amor e satisfação, que podem conduzir facilmente à dissolução do relacionamento amoroso (Araújo, 2002; Ferry, 2013; Zordan *et al.*, 2009), o que corrobora com a noção de que, na atualidade, os relacionamentos se apresentam de forma fragilizada (Bauman, 2004).

Por outro lado, é possível que o contexto de fragilidade dos vínculos impulsione uma busca pelo seu oposto, levando a valorização de características que proporcionem a durabilidade e estabilidade das relações (Blandón-Hincapié& López-Serna, 2016). Ainda

podemos adicionar que diferentes estudos mostram que os relacionamentos amorosos, o matrimônio e a constituição de uma família, podem ser motivados pela busca pessoal de satisfação, sendo desenvolvidos com caráter individual (Borges *et al.*, 2014); ou ainda, podem envolver outrem como um parceiro igual e ser desenvolvidos de modo coletivo (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont, Gouveia, & Costa, 2006; Wagner *et al.*, 1997). A esse respeito as pesquisas recentes não encontram unanimidade, reforçando, portanto, a importância de novas investigações. Nesse contexto, a ampliação do conhecimento acerca das relações amorosas contemporâneas pode ser importante para dar base à elaboração de propostas de intervenção e colaborar com o trabalho de profissionais da área.

Ademais, podemos identificar por meio de escritos teóricos e de pesquisas empíricas que nas últimas décadas intensas mudanças têm ocorrido, em especial para as mulheres no que diz respeito aos relacionamentos amorosos (Alencar, 1993; Coutinho &Menandro, 2010; Del Priore, 2012), gerando, dentre outros, maior liberdade feminina para se desenvolver acadêmica e financeiramente, auxiliando, desta forma, na independência financeira da mulher contemporânea (Del Priore, 2012; Secco&Lucas, 2015). Outra mudança notável é a redução da expectativa sobre papéis femininos e masculinos preestabelecidos dentro dos relacionamentos, que, com o passar das últimas décadas, temse tornado mais flexível. Nesse sentido, foi estabelecida crescente liberdade para as mulheres decidirem, por si mesmas, se desejavam desenvolver um relacionamento amoroso ou não, determinar os critérios para escolha de um parceiro, e em quais condições pretende mantê-lo (Del Priore, 2012).

Frente a estes apontamentos, reconhecemos a relevância da realização de estudos que se dediquem a compreender os modos como os relacionamentos têm sido estabelecidos na atualidade, como o outro tem sido neles envolvido, as questões morais, neles abarcados, bem como as mudanças que podem ou não ter ocorrido nas ultimas décadas, a despeito desses fatores. Nesse sentido, desenvolvemos nossa pesquisa a fim de estabelecer uma comparação sob a perspectiva da moralidade, dos discursos de mulheres casadas em diferentes décadas, a saber: em 1993, e em 2013.

Para tanto, nos valemos de dois bancos de dados: o primeiro formado de transcrições de entrevistas realizadas com 15 mulheres casadas em 1993, e o segundo com outras 15 entrevistadas em 2013 acerca dos aspectos por elas apontados na decisão para dar início a um relacionamento amoroso e ao casamento.Devemos salientar que, para a presente pesquisa, não consideramos como critério para a inclusão das participantes a oficializaçãoformal do matrimonio (talcomo registrocivil ou cerimônia religiosa), sendo que,o início do casamentofoi

determinado de acordo com o considerado por cada entrevistada, quando algumas o consideraram a partir de uma oficialização, e outras a partir do início da convivência diária com seuparceiro. Nesta dissertação, casamento e coabitação são considerados sinônimos.

Após expor nossas motivações para desenvolver tal estudo, desejamos apresentá-lo melhor, e, para tanto, distribuiremos o conteúdo em três capítulos principais. Esta breve introduçãoversa sobre o primeiro capítulo, que é composto por quatro subcapítulos.No primeiro subcapítulo da introdução,apresentaremos o embasamento teórico adotado para o estudo, a saber, as definições de moral e ética (La Taille, 2006), a teoria de desenvolvimento moral de Piaget (1932/1994), e a conceituação de ética da justiça e do cuidado propostos por Gilligan (1982).

O segundo subcapítulo da introduçãoserá destinado à descrição do contexto cultural contemporâneo bem como exploração de diversos estudos realizados no Brasil acerca de diferentes aspectos relevantes para o estabelecimento de relacionamentos nas últimas décadas, associando-os às mesmas teorias apresentados no subcapítulo anterior. Por sua vez, no terceiro e no quartosubcapítulos da introdução,serão apresentados os objetivos da presente pesquisa, os métodos, procedimentos e os critérios utilizados para coleta e análise dos resultados.

O segundo capítulo será destinado à apresentação dos resultados obtidos em nossa análise, bem como a discussão pertinente. Esse capítulo será subdividido em dois, sendo que cada um, apresentará na íntegra um artigo científico escrito a partir do estudo. Por fim o terceiro capítulo será destinado à apresentação das considerações finais que pudemos estabelecer frente a todas as análises aqui propostas.

1.1.Moralidade e Amor

Inicialmente, é importante destacar as definições de moralidade, às quais darão base a este trabalho. La Taille (2006), por meio da obra "*Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*", explica que conceitos são criados a fim de responder a questionamentos, e, nesse sentido, a moral pode preencherum campo que diz respeito às normas e regras, aos deveres, e que responde à pergunta: 'como devo agir?'. Portanto, se refere a formas de agir socialmente, geralmente reconhecido por regras como, por exemplo: 'não matar', 'não roubar', 'não mentir', e outras regras que são consideradas legítimas em uma sociedade específica. A moral, portanto, pode incluir conteúdos específicos diversos que podem variar de uma

sociedade para outra, mas que, de modo comum, dizem respeito ao reconhecimento da dignidade humana, do respeito ao outro, e do cuidado com a vida e com a verdade. De acordo com o referido autor, há uma força motriz desse plano, ou seja, um invariante que leva o sujeito a agir moralmente: um sentimento de obrigatoriedade em relação a esses deveres.

> Há algo comum a todas as expressões da moralidade. Esse algo em comum é o *sentimento de obrigatoriedade.*
>
> Lembremos que defini como questão moral a pergunta "como devo agir?". O verbo "dever" precisa ser entendido no seu sentido de obrigatoriedade (e não no seu sentido de probabilidade, como na expressão "ele deve estar chegando"). Do ponto de vista cultural, não há dúvida de que a exigência colocada aos indivíduos de agir segundo certas leis é uma realidade universal. Existirá algum grupo humano sem a imposição de deveres? Certamente, não. (La Taille, 2006, pp. 31-31)

Por outro lado, La Taille (2006) define que a ética diz respeito a uma busca de sentido para a vida que conduza a uma vida de felicidade, ou em outras palavras, cabe à ética a resposta da pergunta 'que vida vale a pena ser vivida?'. Fala, portanto, da condução de uma vida que faça sentido e proporcione uma vida boa. De modo semelhante ao plano moral, os conteúdos do plano ético poderão variar, mas deverão contar com um ponto essencial à ética:O reconhecimento de outrem como ser de valor. Se no plano moral encontramos o sentimento de obrigatoriedade como uma invariante, no plano ético encontraremos a busca da expansão de si. A expansão de si é referente a uma tentativa que um sujeito faz para enxergar a si mesmo como ser de valor, e de associar a si mesmo apenas valores que considere positivos. Assim, o empenho para que suas ações sejam coerentes com a ética, e com uma vida que faça sentido, será orientada para uma tentativa de expandir as representações de si de forma positiva.

> "Expansão de si próprio" articula-se convincentemente com a busca de sentido para a vida, com o "para que viver", pois ela é, em si mesma, uma razão de viver. (...) podemos doravante (...) dizer que uma condição necessária ao gozo da felicidade, da "vida boa", é *ver asi próprio como uma pessoa de valor*, capaz de afirmar-se enquanto tal, e de enxergar perspectivas de alcançar um grau satisfatório da tendência de elevar-se, de se desenvolver. (La Taille, 2006, pp. 47-48).

Tendo exposto a definição de moral e ética que adotaremos, interessa-nos destacar que partimos de uma noção de moralidade que foi inicialmente construída por meio da

investigação desenvolvida nos estudos de Piaget que deram origem ao livro "*O juízo moral na criança*" (1932/1994). Essa obra única veio a se tornar, como diz La Taille, Oliveira e Pinto (1992) um clássico e leitura obrigatória a quem se propõe a estudar aspectos psicológicos da moralidade. La Taille (2006) resume que Piaget estuda a moralidade em seus aspectos racionais, em uma noção construtivista do desenvolvimento. Seu trabalho tem quatro características fundamentais: o sujeito epistêmico; a gênese; a construção; e as interações sociais. Ele estudou o sujeito epistêmico, ou seja, procurou entender aquilo que é comum a todos, estudando assim, não um sujeito real, mas um sujeito que seria universal. Formulou a teoria de que o sujeito adulto é fruto de uma gênese, ou seja, de acordo com as condições do meio, ele irá se desenvolver passando por diferentes tendências, as quais se sucedem, sendo construídas uma sobre a outra, somando-se gradualmente novas características. Elas são fruto de uma construção ativa realizada pelo sujeito, por meio de interações sociais. Assim, segundo a teoria de desenvolvimento moral de Piaget, de acordo com as condições que as interações oferecerem ao sujeito, ele desenvolverá sua moralidade, inicialmente por uma tendência heterônoma, e, se as relações sociais forem propícias, poderá chegar até uma posterior autonomia (Piaget, 1932/1994).

O texto de Piaget (1932/1994) explora os estudos desenvolvidos com crianças acerca da prática e consciência das regras do jogo, dos juízos do dever moral e das noções de justiça. Ele perpassa temas como os tipos de relação social, a relação com a autoridade e as relações entre iguais. No que concerne ao desenvolvimento da consciência do dever moral, o teórico afirma que nos primeiros anos de vida o sujeito passa por um momento inicial no qual a criança ainda não compreende que há regras e deveres sociais, que podemos chamar de *anomia*. A entrada no mundo moral se daria então por meio de uma tendência chamada de *heteronomia*.na qual as relações são compreendidas pela criança como coercitivas, ou seja, as regras são exteriores ao sujeito e impostas por uma figura de autoridade, e por isso as relações são estabelecidas pelacoação, marcadas pelo respeito unilateral dirigido à regra e à quem as impõe.

Nesse momento de desenvolvimento moral, começaria a haver, por parte da criança, um entendimento de que há regras que devem ser seguidas, e que essas regras têm caráter arbitrário e exterior (é colocada pelo outro), e, portanto, são imutáveis, e até mesmo sagradas. As leis então precisariam ser seguidas a todo custo, e sua transgressão deve levar invariavelmente à punição. A primeira relação com a moralidade é estabelecida por um realismo moral, no qual toda obediência constitui um bom ato. Ora, mesmo a obediência a

uma lei injusta deve ser compreendida, segundo esta visão, como um bom ato, pelo simples fato de se tratar de acatar uma regra colocada. Além disso, as leis são compreendidas ‘ao pé da letra’, e não no espírito da regra, e responsabilidade dos atos é percebida de forma objetiva, sendo dado maior peso a consequência material do ato, que sua intencionalidade. A preocupação dentro dessa tendência é de respeitar a autoridade, em uma relação vertical e de respeito unilateral dirigido à mesma autoridade (Piaget, 1932/1994).

Por fim, se o ambiente for propício ao desenvolvimento moral, o sujeito poderá alcançar a *autonomia*, que consiste em uma superação de características anteriores. Esta tendência moral só é possível ser despertada dentro de um ambiente de cooperação, pois nela as regras são compreendidas como fruto de mútuos acordos do grupo social, onde cada participante é legislador (inclusive o próprio sujeito). As regras deixam então de ter caráter exterior e imutável, pois podem ser criadas e alteradas pelo grupo. As leis passam a ter função reguladora social, e, por este motivo, merecem ser respeitadas. Há também a superação do realismo moral. Ou seja, as regras morais estão sendo elaboradas ou reelaboradas pela consciência, e, portanto, os atos passam a ser julgados por sua intencionalidade – se foi intencional ou causal –, pois devem derivar do respeito mútuo. Além disso, as leis são entendidas em seu espírito, ou sua razão de ser, e podem ser tecnicamente burladas para que seu espírito se cumpra. Outrossim, os atos deixam de ser considerados bons pela pura obediência, sendo agora necessário um juízo das motivações e consequências de cada ato para realizar o julgamento do mesmo. De acordo com essa tendência, a preocupação passa a ser em estabelecer uma relação respeitosa com outrem, pois este se constituiu seu igual em uma relação horizontal (Piaget, 1932/1994).

Em suma, por meio de seus escritos Piaget (1932/1994) estabeleceu que a moralidade é fruto de um desenvolvimento que segue um vetor, de uma inicial heteronomia para uma possível autonomia. Embora o autor em sua obra tenha reconhecido que sentimentos e aspectos emocionais se constituem fatores fundamentais a essa construção, o referido autor deu ênfase em seus estudos aos aspectos racionais de tal desenvolvimento. Essa perspectiva adotada pelo teórico não passou despercebida por Gilligan (1982), que descreveu sua teoria como uma moralidade do direito, na qual a virtude da justiça impera por meio de uma análise que preza pela racionalidade lógica. A autora denomina essa perspectiva a *ética da justiça*, a qual se caracteriza pela preocupação em proporcionar a si e a outrem aquilo que lhe é direito, garantindo assim a presença da justiça no campo moral.

Em sua obra "*Uma voz diferente*", a autora propõe um segundo olhar fruto, não da racionalidade, mas da sensibilidade e capacidade de avaliar o outro em sua singularidade, e assim priorizar, não a justiça, mas a atenção e o cuidado para consigo e para com o outro – a chamada *ética do cuidado* (Gilligan, 1982). Essa ética aponta, portanto, para um cuidado em adotar o ponto de vista do outro e de suas necessidades, promovendo a atenção, preocupação e dedicação a outrem, baseada em uma noção de responsabilidade de gerar cuidado para si e para o outro dentro das relações estabelecidas.

La Taille (2006) assinala que, enquanto Piaget instigou amplamente o estudo da justiça dentro da moralidade, Gilligan (1982) propôs uma moralidade que engloba a generosidade e outras virtudes do cuidado com o outro. Ora, as virtudes morais se referem a formas respeitosas de relacionamento (La Taille, 2009), e, portanto, compõem um tema pertinente ao presente estudo. Mas, o que seriam as virtudes morais? Comte-Sponville (2007), em seu livro intitulado "*O Pequeno Tratado das Grandes Virtudes"*, assinala que a virtude é sinônimo de poder, é aquilo que pode levar a agir, ou seja, é aquilo que confere valor aos seres. A virtude do homem é aquilo leva o homem a buscar ser humano, buscar sua excelência. Então, o referido autor considera que a virtude é

> uma força que age, ou que pode agir. Assim a virtude de uma planta e de um remédio, que é tratar, de uma faca, que é cortar, ou de um homem, que é querer e agir humanamente. (...) a virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria (Comte-Sponville, 2007, pp. 7-8)

Por sua vez, La Taille (2001) acrescentaque podemos compreender a virtude por aquilo que *atribui valor*. A definição remete a qualidades que conferem valor a uma pessoa, como, por exemplo, beleza, habilidades diversas, ou ainda coragem, humildade etc. Percebemos que algumas virtudes podem se referir a atributos em geral da pessoa, enquanto outras remetem ao caráter ou à personalidade. Ao falar de virtudes morais (generosidade, coragem etc.), falamos sempre de atribuição de caráter. Desse ponto em diante, então, sempre que mencionarmos a palavra virtude, esta carregará consigo este último sentido apresentado, de qualidades que conferem valor a alguém, e mais, pensaremos em atribuições de caráter.

Comte-Sponville (2007) elege para dissertar em sua obra dezoito diferentes virtudes, explorando suas definições e seus aspectos morais. São elas: polidez; fidelidade; prudência; temperança; coragem; justiça; generosidade; compaixão; misericórdia; gratidão, humildade;

simplicidade; tolerância; pureza; doçura; boa-fé; humor; e amor. Dentre tantas virtudes, é interessante, por hora, destacar o *amor*, pois desempenha importante função no despertar moral (Piaget, 1932/1994). Ademais, de acordo com Comte-Sponville (2007), precisamos da moral por falta de amor. A moral seria uma forma de imitar o amor ou imitar ações de amor, que são necessárias à humanidade pela falta do amor real pelo outro. Ou seja, quando se ama, as ações morais são manifestas de forma automática, pois procuramos proporcionar o bem ao outro, agindo de forma justa, generosa etc. A exigência social pela prática de virtudes morais, teria, portanto, função de assegurar a boa convivência e garantir relações respeitosas. Caso houvesse amor, esse tipo de relacionamento seria estabelecido naturalmente pelo desejo de proporcionar o bem à figura amada. Além disso, e de forma paradoxal, o filósofo afirma que só podemos agir moralmente se antes tivermos amor, mesmo que pouco. É o amor ao valor da humanidade que nos conduz a desejar bem agir, ou agir de acordo com a moral. Desse modo, o amor é necessário à moral, e a moral leva ao amor. Amor e moral se entrelaçam, nas palavras do autor, em um "círculo (...) virtuoso" (p. 245).

Mas é preciso esclarecer o que constitui o amor de que falamos. Comte-Sponville (2007) explora três formas complementares de amor: o amor *eros*, o amor *philia*, e o amor *ágape*. Uma dessas formas é chamada *ágape*, e pode ser descrito como um amor universal, altruísta, até mesmo divino, pois ele é ofertado a todos de forma indiscriminada e universal. Esse pode ser direcionado a todos, seja ele um completo desconhecido, ou até mesmo um inimigo, pois ele consiste em desejar e proporcionar o bem a todos, mesmo àquele que lhe fez o mal (Comte-Sponville, 2007). Falamos em um amor puro e altruísta justamente pela característica de ser dirigido àquele de quem não se espera nada em troca, uma vez que se ama aquele com quem não foi construído um vínculo.

Já o amor *eros* é o amor apaixonado, movido intensamente na busca de algo que lhe faça falta. Seria a busca pela "sua metade" (p.248). Para explicar esse amor, o autor recorre a Aristófanes, e o Mito dos Andróginos. Segundo ele, na antiguidade viviam seres assexuados, dotados de grande força e coragem. Mas esses seres desafiaram o poder de Zeus, que, irado com a ousadia, cortou os seres ao meio, deixando-os fracos. Desde então, os humanos vagam pela Terra, na busca de encontrar sua outra metade que lhe foi arrancada, e assim completar-se. *Eros* é o amor que nos move nesse sentido, da busca por aquilo que nos falta, da busca de sanar a incompletude, e, portanto, fala de um amor àquilo que não se tem. É o amor vivenciado na fase inicial de um relacionamento amoroso, intenso e insaciável, muitas vezes podendo ser identificado como paixão. A convivência proporcionada pela continuidade do

relacionamento, ou até o casamento, pode possibilitar que *eros* vá se transformando em outra forma de amor em que não há falta do objeto, mas amor àquilo que se tem. Esse corresponde ao amor *philia*(Comte-Sponville, 2007).

De acordo com Comte-Sponville (2007), *philia* é o amor que tudo partilha, em que há igualdade, e que gera felicidade. Esse é o amor conjugal, ou também materno, paterno, filial, fraterno, e da amizade. Enfim, é aquele em que o objeto amado está presente, e por isso que nele há prazer, alegria. Alegria, por exemplo, que uma mãe sente ao olhar seu filho, ou da satisfação que um casal pode sentir no seio conjugal. Além disso, de modo semelhante ao *ágape, esse* amor se traduz por meio da ação, de proporcionar o bem, de dar ao outro sem nada esperar em troca. Seria, portanto, por amor, desejar e fazer o bem ao outro. Embora esse amor nada espere em retorno, não podemos mais dizer que é totalmente desinteressado, como dissemos a respeito de *ágape*, pois seu único alvo é o objeto de amor (o amigo, ou o parceiro amoroso, etc.), e sua busca é por propiciar alegria a quem já lhe proporciona a mesma sensação, e a satisfação dessa pessoa também lhe traz satisfação.

Comte-Sponville (2007) salienta que no desenvolvimento de um relacionamento amoroso é possível vivenciar em intensidades diferentes uma variedade dessas formas, sendo que *eros* pode ser mais intensamente vivido no início de um relacionamento, quando se busca conquistar aquele objeto de amor, enquanto que *philia*é aquele que mais se aproxima do amor conjugal, em que há alegria com a presença do parceiro. Contudo, é válido ressaltar que as formas de amor descritas pelo filósofo não são excludentes, mas que se entrelaçam na construção do amor, sendo que é possível vivenciar um entrelaçamento das entre *eros* e *philia*: “podemos (...) querer possuir (eros) aquilo cuja existência já é uma felicidade (*philia*), em outras palavras, amar apaixonadamente, ao mesmo tempo em que alegremente” (Comte-Sponville, 2007, p.275).

Tendo apresentado definições do amor enquanto virtude moral, retomaremos à função do amor no despertar do desenvolvimento da moralidade. Segundo a teoria de desenvolvimento moral de Piaget (1932/1994), o amor é fundamental à gênese da moralidade humana. A criança é inserida no mundo da moralidade por meio de relações de coação, quando aprende, por meio do respeito à figura de autoridade, por amor e medo a ela, a submeter-se às regras impostas. O medo a que nos referimos, neste caso, é o medo da criança diante do adulto, tanto o medo da punição quanto o medo que este retire seu amor caso ela não se submeta às regras da relação. O amor, como é de se esperar, refere-se também ao amor da criança por seu cuidador, que engloba a admiração e o desejo de agradar a essa figura. O

despertar moral passa, portanto, pelo amor à figura de autoridade e pelo medo de perder o amor que essa pessoa lhe reserva. Em um segundo momento de desenvolvimento moral, mais autônomo, as relações de coação dão espaço às relações de cooperação, em que o respeito é dirigido aos iguais. Assim, passa a predominar a reciprocidade e o respeito mútuo. Nesse momento, a criança tem medo de romper o elo de reciprocidade. É o medo totalmente moral de decair perante os olhos da pessoa admirada (La Taille, 2006).

Ainda é pertinente destacar que para o despertar moral a admiração se faz presente, como mencionado no parágrafo anterior. De acordo com Almeida (2004), a admiração por uma pessoa é gerada diante do reconhecimento de qualidades de outrem, e do desejo de incorporar tais qualidades a si próprio. Desse modo, a admiração que uma criança dirige aos seus cuidadores pode levar ao esforço por reconhecer e buscar reproduzir as qualidades morais desse, estabelecendo com esses cuidadores referência inicial para seu desenvolvimento cognitivo e moral. Além disso, a admiração pode ser dirigida a qualidades gerais de uma pessoa, incluindo ainda qualidades que são favoráveis ao estabelecimento e manutenção de um relacionamento, como carinho, generosidade, etc. (Almeida, 2004, 2008). A Admiração, portanto, na vida adulta pode estar associada ao desejo de estabelecer e manter um relacionamento amoroso com uma pessoa (Almeida, 2004), e na infância contribui para a construção de referência para a moralidade e para as formas de relacionamentos amorosos que serão buscados na vida adulta.

Essa foi, de fato, uma das constatações levantadas em alguns estudos recentes da psicologia da moralidade acerca do amor: que o amor é construído sob a referência da família (Alves, Alencar, & Ortega, 2012, 2014; Alves, Alencar, Ortega, Galvão, & Fonseca, 2015b). Além disso,por meio das pesquisas foi possível verificar que o amor pode ser relacionado a ações, e, também pode ser descrito como um sentimento (Alves, Alencar, & Ortega, 2010, 2012, 2014; Alves,Alencar, Ortega, Galvão, & Fonseca2015a, 2015b), sendo associado a relacionamentos amorosos por adolescentes e adultos (Alves *et al.*, 2015a, 2015b). Nesse caso, nos referimos a estudos desenvolvidos no campo da psicologia da moralidade acerca dos juízos de crianças (Alves, Alencar, & Ortega, 2012, 2014), de adolescentes (Alves et al., 2015b) e de mulheres adultas (Alves et al., 2015a) sobre o amor, e ainda um estudo exploratório com participantes de cinco a setenta anos (Alves, Alencar, & Ortega, 2010).

Para compreender a noção das crianças sobre o amor, Alves, Alencar e Ortega. (2012, 2014) empreenderam uma pesquisa com 40 crianças de ambos os sexos, com idade de seis e nove anos. Os resultados apontaram que, dentre outros aspectos, para as crianças, a família

constitui referência para a construção da noção de amor e que o amor está fortemente relacionado a atitudes. As formas de ação associadas ao amor podem ser divididas em dois núcleos: ações de amor para outrem, cujo foco está sobre a pessoa alvo, e ações com amor, cuja preocupação está na ação em si, e não em seu alvo. Entre os mais novos, foram mencionadas principalmente ações com amor que mantivessem o foco na ação em si e não no outro (Alves, Alencar, & Ortega, 2010, 2012, 2014). As crianças manifestaram ainda forte associação entre o amor e a família, indicando a relevância do vínculo amoroso da família e da amizade para a construção da referência de amor (Alves, Alencar, & Ortega, 2012, 2014).

Quando mudamos o foco para os adolescentes, as ênfases recebidas pelo amor também se alteraram. Alves *et al.* (2015b) entrevistaram seis adolescentes de 12, 15 e 18 anos acerca da concepção de amor, e os resultados apontaram principalmente para o relacionamento amoroso e o amor familiar. Os autores consideraram que as respostas que evocam o relacionamento amoroso entre duas pessoas devem ser esperadas nessa faixa etária, uma vez que é nessa fase da vida que o amor começa a ser associado ao namoro e ao casamento. De fato, este foi o tipo de resposta mais mencionado pelos jovens na pesquisa. Ademais, o amor por familiares foi amplamente citado em todas as idades, tornando evidente que a família permanece como referência para a construção da noção de amor ainda na adolescência.

A pesquisa de Alves *et al.* (2015a) com17 mulheres casadas com idade entre 20 e 30 anos vêm mostrar que na vida adulta feminina o amor está fortemente direcionado ao outro. Metade dos exemplos espontâneos de amor remetem ao amor direcionado aos familiares, aos amigos, animais de estimação e companheiro. Os autores ressaltam que, aparentemente, as mulheres casadas apresentam vínculo mais fortalecido com a família, fato que pode estar relacionado ao início de uma nova etapa (o casamento). Além disso, foi possível obter exemplos de amor com características altruístas, sendo por elas vinculado ao relacionamento com Deus e ajudar e amar o próximo. As mulheres indicaram ainda como forma de amor *doação, cuidado,abdicação, compreensão, dedicação, paciência e preocupação* (Alves *et al.*, 2015a).

Tendo apresentado alguns conceitos da psicologia da moralidade e amor que nortearão as análises da presente pesquisa, a seguir desenvolveremos a descrição dos principais aspectos da atualidade que têm influenciado os relacionamentos amorosos. Para tanto, continuaremos discorrendo acerca do amor, voltando o foco para mudanças históricas que se desenrolaram em torno das relações amorosas, nos últimos séculos, e, em seguida, mencionaremos as mudanças decorrentes da cultura atual que influem sobre as relações amorosas. Passaremos

então às características do atual contexto cultural, e por fim descreveremos os principais resultados de pesquisas recentes acerca dos relacionamentos.

1.2.Relacionamentos Amorosos na Contemporaneidade

Diferentes autores afirmam que na atualidade o amor é considerado como fundamental a manutenção de um relacionamento amoroso como um namoro ou até o casamento (Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013), contudo, esta é realmente uma noção ocidental e moderna, que foi construída na história da humanidade. Ferry (2013), em seu livro "*Do amor: Uma filosofia para o século XXI"*, explica que na era medieval da sociedade ocidental, os casamentos eram caracterizados como negociações familiares e financeiras, pois visavam à união de terras, obtenção de dotes, ou, até mesmo, a transmissão do sobrenome, por meio da continuidade da linhagem familiar. Nesse cenário, o amor, a sexualidade e a fidelidade não eram considerados fundamentais ao matrimônio.

Araújo (2002) realizou uma revisão de literatura na qual descreveu parte da história do amor, do casamento e da sexualidade, e descreveu que antigamente o amor e a sexualidade eram, geralmente, vivenciados em relações extraconjugais, e que o casamento por amor só foi idealizado a partir da revolução industrial (Araújo, 2002), primeiramente no meio operário, e posteriormente estendido à burguesia (Ferry, 2013). Ou seja, foi a partir do momento que houve uma migração para as cidades, e que o trabalho individual proporcionou a possibilidade de vivenciar certa autonomia para as próprias escolhas, que passou a ser possível escolher com quem se casar (Ferry, 2013). Foi a partir de então que, gradualmente, expectativas de amor e felicidade se atrelaram ao matrimônio, e que o erotismo ganhou importância na relação conjugal (Araújo, 2002). O quadro formado resultou em idealizações acerca do casamento, e em conflitos decorrentes da desilusão, quando tais expectativas não podiam ser cumpridas (Araújo, 2002).

Nas últimas décadas – desde o fim do século XX – asmudanças começaram a se intensificar no que diz respeito ao estabelecimento de relações amorosas e da vivência do amor, da felicidade e da sexualidade em seu seio. A esse respeito, Alencar (1993) desenvolveu um estudo com 15 mulheres casadas no Rio de Janeiro com idade entre 20 e 30 anos a fim de investigar valores que essas mulheres relacionavam ao amor e aos relacionamentos amorosos da época, e a pesquisa detectou transformações que vinham ocorrendo quanto à forma de expressão do amor, que lentamente distancia-se das expectativas

de papéis femininos e masculinos. As mulheres cariocas viviam na década de noventa uma dificuldade em romper e abandonar padrões das gerações passadas, mas tambémuma crescente fidelidade a novos valores (tidos como modernos para a época). De modo geral, as participantes não atribuíam ao homem o papel de sustentar financeiramente o lar, mas consideravam uma responsabilidade conjunta. Ademais, elas manifestaram apreço por qualidades masculinas que, em relação aos estereótipos de escolha de parceiro da época, podem ser consideradas consoantes, como o homem ser esforçado/determinado profissionalmente, ter idade superior a ela, ser experiente, maduro, etc., ou ainda características que destoam dessas expectativas, como ser carinhoso, meigo/sensível, carente/criança, compreensível/paciente e fiel. De acordo com a referida autora, o equilíbrio entre os dois tipos de escolha evidencia que a concepção de companheiro ideal vivia um processo de conflito, coexistindo estereótipos historicamente impostos, bem como novas noções, contrárias aos mesmos.

Alencar (1993) investigou ainda as motivações das participantes para a decisão pelo casamento, quando indicaram um eixo central para a decisão: a pressão social para tal. Desse modo, era esperado e cobrado socialmente das mulheres que, em certa idade, casassem e tivessem filhos, e mesmo as participantes expressaram esse caminho como algo natural, e de valor desejável, considerado parte da vida. Embora concordemos com Alencar (1993) e Del Priore (2012), de que tem havido uma diminuição da pressão social para a realização do casamento como parte natural da vida feminina, estudos recentes apontam que a expectativa social, em especial a familiar,permanece presente. Silva, Menezes e Lopes (2010) entrevistaram cinco casais que estavam prestes a se casarem, constatando que a família constitui forte influência como modelo para a escolha amorosa, bem como sua expectativa sobre a realização do casamento. O mesmo foi percebido por Zordan*et al.*(2009) entre 197 adultos solteiros de 20 a31 anos e de ambos sexos, que também manifestaram que há na esfera familiar uma pressão, em especial materna, em relação ao cumprimento dessa etapa.

Del Priore (2012), em seu livro "*História do amor no Brasil*", descreve outras mudanças sociais quem vêm ocorrendo nas últimas décadas, levando a uma flexibilização na expectativa e estigma social sobre o cumprimento de formas de relacionamento fixas, como o casamento, como havia algumas décadas passadas, quando havia grande expectativade que o homem fosse o único provedor financeiro, e à mulher era reservada posição de esposa, mãe e dona de casa. Desse modo, ultimamente essa expectativa vem sendo reduzida, o que gera diversas mudanças nos relacionamentos atuais.

Del Priore (2012) ainda descreve outras importantes mudanças ocorridas nas últimas décadas, como a crescente liberdade sexual que vem se estendendo gradativamente às mulheres nos últimos anos. De tal modo, segundo a autora, se décadas atrás existia grande tabu sobre o prazer sexual, em especial o feminino, hoje a sexualidade pode ser expressa com liberdade crescente, sem que seja necessária a constituição de um casamento para tal. Em uma pesquisa com 197 homens e mulheres solteiros, entre 20 e 31 anos, Falcke e Zordan (2010) verificaram que para os participantes a sexualidade é geralmente vinculada à afetividade para homens e mulheres, mas que o casamento não constitui pré-requisito para que ela possa ser vivenciada. De forma semelhante, a maioria dos adultos solteiros questionados por Zordan*et al.* (2009) discorda que a decisão para se casar possa ser motivada pelo desejo de vivenciar um relacionamento sexual. Acerca da sexualidade, podemos acrescentar também que atualmente o prazer e a satisfação sexual se constituem elemento influente sobre a satisfação e durabilidade do próprio relacionamento amoroso (Araújo, 2002)

Além do exposto, Del Priore (2012)descreve como mudança, pertinente ao fim do século XX e início do século XXI, a inserção e aceitação cada vez maior da mulher na área acadêmica e no mercado de trabalho, que auxilia para que muitas mulheres se desenvolvam profissionalmente e conquistem sua liberdade financeira. De acordo com a referida autora, antigamente as mulheres deviam passar da tutela dos pais para a tutela do marido, mas agora essas mulheres se veem mais independentes, e podem decidir se desejam se casar, e em quais circunstâncias planejam manter o matrimônio. Além disso, às mulheres cabia a função de manter o matrimonio “vivo”.Esse cenário também se alterou de modo que, nos últimos anos, a responsabilidade da duração de um relacionamento amoroso passou a ser atribuída a ambos envolvidos. Ademais, o divórcio, que antes trazia consigo grande estigma social, em especial para a mulher divorciada, hoje é considerado aceitável, ou até mesmo positivo em caso de infidelidade, e quando pautado na busca por vivenciar o amor e a felicidade própria.

Muitas das alterações das últimas décadas, descritas por Del Priore (2012), podem ser também observadas no resultado de uma pesquisa empreendida por Coutinho e Menandro (2010), com mulheres casadas em diferentes gerações. O estudo consistiu em entrevistar 10mulheres que vivenciaram o início de seu casamento e filhos, na década de 1960, e outras 10, filhas da primeira geração, que o fizeram na década de 1990. A pesquisa constatou que as gerações anteriores serviram de referência para a construção do ideal de casamento da segunda, seja para ser seguido ou, inversamente, evitado. As mulheres da primeira geração apontaram o casamento, como a único projeto de vida valorizado, e o estigma que seguia a

mulher que dele se desviasse, seja por permanecer solteira, ou por passar pelo divórcio. Os casamentos, portanto, deveriam durar por toda a vida, e cabia às mulheres a responsabilidade de garantir tal feito, inclusive o de tolerar a infidelidade ou desrespeito no matrimonio. A dependência financeira da mulher para com o marido se configurou fator relevante para a grande necessidade de manutenção do casamento. Para essa geração, o casamento significou até mesmo parte fundamental da construção da identidade feminina.

Já entre as mulheres mais jovens do estudo de Coutinho eMenandro(2010), o casamento foi descrito como um importante projeto de vida, que deveria ser coordenado com outros projetos, como estudar e ter uma carreira. Ademais, pretende-se que o casamento não seja vivido a todo custo, mas enquanto for baseado no amor, no respeito e na cumplicidade. A maior independência financeira da mulher teve forte influência sobre sua visão do casamento: A mulher não precisaria ou deveria manter o casamento obrigatoriamente, pois o divórcio se configurou agora uma opção aceitável em casos específicos (como infidelidade ou desrespeito do marido). Passou a ser exigida a maior participação masculina na esfera doméstica, e aumentou a necessidade da cumplicidade entre os cônjuges. Os pesquisadores concluíram que nas últimas décadas, o ideal de casamento, até que a morte os separe, cedeu espaço ao ideal de liberdade e respeito no matrimônio. A preocupação com o fim do casamento foi desbancada pela preocupação com a própria autonomia e boa educação da prole.

Ainda a esse respeito, Secco e Lucas (2015) realizaram estudo de caso com cinco mulheres, financeiramente independentes, em que verificaram que a vida financeira feminina pode influenciar sua vida amorosa, uma vez que os relacionamentos podem ser adiados a favor do desenvolvimento acadêmico e profissional.Ademais, as autoras notaram que a independência financeira proporciona liberdade para as mulheres decidirem quais critérios seguirá para a escolha do parceiro, e para escolher em quais circunstâncias a manutenção do relacionamento pode ser compensadora. As pesquisadoras concluíram que a autonomia na sociedade atual tem contribuído para que as pessoas sejam mais individualistas e busquem relacionamentos que promovam a satisfação própria, e para que sejam menos tolerantes na resolução de conflitos nesses relacionamentos. Nesse sentido, o divórcio foi indicado como negativo pelas participantes, uma vez que se configura primeira opção frente aos conflitos, mas também como positivos no sentido de proporcionar liberdade para escolher viver apenas em um relacionamento satisfatório.

Dessa maneira, por meio da literatura, podemos perceber que as mudanças vividas no século XX e XXI, e em especial nas últimas décadas, culminaram em um cenário de grande

liberdade para a decisão de estabelecer ou não um relacionamento amoroso, e igual liberdade para a escolha pela continuidade do mesmo, ou na opção pela dissolução dele, caso não seja capaz de satisfazer as expectativas dos envolvidos (Bauman, 2004; Coutinho &Menandro, 2010; Del Priore, 2012; Secco& Lucas, 2015). A esse respeito, Ferry (2013) afirmou que a nova constituição dos relacionamentos – baseados principalmente no amor – pode estar levando a construção de relacionamentos com bases frágeis, pois para o autor, quando o casamento só pode ser sustentado na presença do amor, o divórcio passa a ser uma conquista pessoal, e podemos esperar, nessa perspectiva, um crescimento de divórcios na era atual.

Bauman (2004) foi outro autor que avaliou que os relacionamentos amorosos na atualidade podem ser construídos de forma fragilizada e instável. Em seu livro "*Amor Líquido*", o autor descreve que, na contemporaneidade, há sim facilidade e liberdade em iniciar e encerrar relacionamentos, o que tem levado a estabelecimento de relações mais curtas e efêmeras, a depender daquilo que ela é capaz de proporcionar às partes envolvidas. Ele compara as relações amorosas com relações comerciais, nas quais há um investimento inicial de tempo, energia e dinheiro que, espera-se, gerará um retorno compensador pelo esforço empreendido. No relacionamento, o retorno esperado assume forma de atenção recebida, consolo e auxílio em momento de necessidade, companhia e até mesmo incentivo e aplausos nas conquistas.

Nessa perspectiva, os relacionamentos tornam-se mais efêmeros, uma vez que basta aparecer uma possibilidade melhor e maior de ganhos, um investimento amoroso que pareça mais promissor, para que o relacionamento se desfaça para dar lugar a outro mais vantajoso (Bauman, 2004). Em contraponto a essa visão, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) concordam que o contexto contemporâneo é favorável à instabilidade e superficialidade nas relações, mas que tal fenômeno pode estar levando as pessoas a buscarem negar essa tendência por meio de seus critérios para estabelecer um novo relacionamento, levando a uma tentativa de consolidar relações mais estáveis e seguras.

Outro autor que realizou uma análise do contexto contemporânea foi La Taille (2009), por meio de sua obra "*Formação ética: do tédio ao respeito de si*", na qual explicita que vivemos uma cultura do tédio e da vaidade caracterizada, dentre outros, pelo espetáculo de si, do crepúsculo do dever e do achatamento de valores. De acordo com essa visão, vivemos em uma cultura que valoriza o 'espetáculo' da própria vida, exibindo constantemente os bens adquiridos e conquistas realizadas a fim de permitir que obtenha destaque sobre o outro. Nessa conjuntura, o vaidoso explora tudo que possua de valor, e assim um

relacionamentopode facilmente se tornar um elemento a ser exibido. Ora, relações baseadas na igualdade e reciprocidade ficam dificultadas nesse sentido, pois exigiria evitar se destacar acima do companheiro para estar ao seu lado. E ainda mais, esse vínculo também nos parece um tanto frágil, pois bastaria que outro mais bonito ou mais inteligente ou de qualquer forma mais interessante apareça, para que a relação seja desfeita e substituída por outra mais vantajosa.

La Taille (2009) acrescenta que a cultura atual também se caracteriza por um achatamento de valores,ou seja, há uma rápida alteração daquilo que é socialmente valorizado, de modo que aquilo que hoje é altamente importante, amanhã pode ter pouca ou nenhuma visibilidade. Por esse motivo, os homens têm cada vez mais dificuldade de estabelecer critérios que validem tais valores na vida contemporânea. Quando todos os valores se equivalem, as pessoas começam a buscar aqueles que melhor lhe satisfaçam. O resultado desse cenário, de acordo com o referido autor, é um crepúsculo do dever, ou seja, uma noção reduzida de obrigatoriedade para com os deveres morais, de modo que, princípios morais como justiça, honestidade e responsabilidade aparecem, espontaneamente, cada vez menos, e há menor responsabilidade pelo respeito a outrem. A vida torna-se, então, uma busca pelo prazer próprio, o que acarreta uma visão egoísta, em que o outro não possui grande importância, mas ocupa posição de instrumento para a satisfação pessoal.

Assim sendo, o espetáculo de si, o crepúsculo do dever e o achatamento de valores,cada um desses aspectos individualmente e todos eles em conjunto, conduzem a uma dificuldade de estabelecer relacionamentos duradouros e profundos, em que o outro seja reconhecido como um companheiro igual, merecedor de consideração e cuidado.Dessa maneira, em um contexto social permeado pela fragilidade dos vínculos, convém indagarmos quais seriam as características almejadas em um parceiro amoroso.

Altafim, Lauandos e Caramaschi (2009) avaliaram a influência do ambiente sobre os atributos que são valorizados na escolha de um parceiro amoroso.Em um estudo com 100 universitários, solteiros, de ambos os sexos, constataram que a escolha de um parceiro sofre influência do ambiente em que ela é estabelecida. Por exemplo, em um ambiente mais descontraído, como uma festa, foram mais valorizadas pelos participantescaracterísticas voltadas para atração sexual (maneira de se vestir, elegância e sensualidade), que Altafim*et al.* (2009) associaram aos relacionamentos mais efêmeros, como o ‘ficar’. Em contrapartida, tanto homens quanto mulheres se mostram mais criteriosos para a escolha amorosa em um ambiente mais formal, como a faculdade, e valorizam atributos que os pesquisadores apontam

como voltados à manutenção e estabilidade de um relacionamento (gentileza, compreensão, criatividade, inteligência, bom nível de estudo, boa capacidade de ouvir, calma e maturidade).

De modo semelhante, outros estudos constataram que ambientes formais podem ser influentes sobre a formação de vínculo, uma vez que estabelecem um meio social favorável a construção de uma intimidade gradual (Garcia & Maciel, 2008; Barros, 2012). Por meio de revisão de literatura, Barros (2012) pontua que o ambiente de trabalho pode, por vezes, propiciar uma proximidade por meio do constante contato entre pessoas, no qual o compartilhamento de ideias comuns pode levar ao desenvolvimento de um relacionamento amoroso entre colegas de trabalho. Outro ambiente formal avaliado foi o religioso, no qual Garcia e Maciel (2008) entrevistaram 20 adultos solteiros e verificaram que frequentar um ambiente comum pode proporcionar a descoberta de afinidades que facilitam a formação de vínculo amoroso. Além disso, nesse tipo de ambiente foram valorizadas características como respeito, fidelidade, inteligência, maturidade, aceitação, beleza, carinho.

Enquanto os estudos citados indicam que ambientes formais são favoráveis a uma aproximação gradual e à valorização de características que favorecem a manutenção da relação (Garcia & Maciel, 2008; Barros, 2012), por outro lado, ambientes informais são mais propícios a uma aproximação imediata (Altafim*et al.*, 2009), pois proporcionam espontaneidade do primeiro contato, envolvendo troca de olhares e sorrisos (Almeida, 2008). A esse respeito, Guelfi, Frasson e Baltazar (2006) constataram que o ambiente informal é propício para a formação de relacionamentos duráveis, ao entrevistarem 25 casais de homens e mulheres, cuja maioria afirmou ter se conhecido nesse tipo de ambiente. Nesse caso, a decisão para o início da convivência diária (ou casamento) se baseou na afetividade ou compatibilidade do casal, enquanto que características do parceiro (como inteligência, fidelidade, companheirismo, respeito, caráter e cumplicidade) foram apontadas pelos participantes como responsáveis pela boa manutenção da relação.

De modo semelhante, em um estudo desenvolvido com 100 mulheres, entre 18 e 40 anos, Correa (2011) identificou que, para essas entrevistadas, atenção, companheirismo, sinceridade, amorosidade, responsabilidade, compreensão, paixão e determinação seriam propícios à formação de vínculo, e, portanto, valorizadas na seleção de parceiras de longo prazo. Já atração sexual, seguida de diversão, beleza, voluptuosidade, atenção, comunicação, culteza, amorosidade, determinação, compreensão, seriam as principais características esperadas para um relacionamento de curto prazo. Para a construção de uma relação duradoura, os oito adultos solteiros entrevistados por Smeha e Oliveira (2013) apontaram para

uma idealização de parceiro que une os dois tipos de características, idealização essa que inclui presença da confiança mútua, sinceridade, respeito, fidelidade, beleza física, identificação entre o casal, um companheiro com responsabilidade e um futuro profissional promissor.

Ademais, em uma pesquisa com 118 mulheres, entre 40 e 60 anos, Brito, Silva Júnior e Henriques (2009) constataram que, no entender das entrevistadas, atributos como inteligência, disposição para trabalhar, companheirismo, bom humor, amor e respeito são bons critérios para a escolha amorosa, pois são indicadores de um relacionamento duradouro. Em face oposta, a fidelidade não foi mencionada pelas participantes como um critério importante para manutenção do relacionamento. Este parece ser um ponto controverso, pois por um lado as mulheres entrevistadas na pesquisa de Brito *et al.*, (2009),e as mulheres casadas da década de 1960, do estudo de Coutinho eMenandro (2010), indicam que a fidelidade não se constitui critério para durabilidade de um relacionamento. Por outro lado, a geração de 1990, entrevistada por Coutinho e Menandro(2010), afirmou que a infidelidade pode levar um fim do matrimônio,e outras pesquisas indicam que a fidelidade é considerada critério para a escolha de um parceiro amoroso (Correa, 2011; Garcia & Maciel, 2008; Guelfi*et al.*, 2006; Smeha& Oliveira, 2013).

A respeito da fidelidade, podemos pontuar que Comte-Sponville (2007) a define como uma virtude moral que diz respeito a capacidade de manter na memória seus próprios valores e não se desviar deles, estando, enquanto virtude moral, subordinada à lei moral. Essa virtude, de acordo com o referido autor, seria parte integrante do despertar moral, pois é a disposição de se manter fiel às normas aprendidas que inspira o sujeito a noção de *dever* para com a moral. O filósofo ressalta que ainda podemos falar de uma fidelidade do casal, um para com o outro, que pode ser entendida como a postura de manter-se fiel e leal ao outro, e à palavra dado ao parceiro. Nesse caso, a infidelidade se faz com a quebra da verdade que havia entre o casal. “A verdade é valor mais elevado do que a exclusividade, e o amor me parece menos traído pelo amor (pelo outro) do que pela mentira. (...) O casal supõe tanto o amor como a duração. Supõe, portanto, a fidelidade” (Comte-Sponville, 2007, pp. 34-35).

Quando retomamos os dados dos estudos anteriormente descritos (Altafim*et al.*, 2009; Barros, 2012; Brito *et al.*, 2009; Correa, 2011; Garcia & Maciel, 2008; Smeha& Oliveira, 2013), percebemos que, na atualidade, diversas características pessoais do parceiro amoroso se configuram como critérios na escolha de um relacionamento, e que esse tipo de seleção sofre influência do ambiente em que ocorre, bem como do tipo de relacionamento que se

pretende estabelecer (seja ela de curta ou longa duração). Essa forma de escolha, de acordo com Almeida (2008), se baseia em fatores que sejam considerados, por aquele que escolhe, favoráveis à própria satisfação. O mesmo autor ainda destaca outra forma de seleção do parceiro amoroso que tem alto potencial para gerar satisfação: aquela baseada em afinidades e diferenças complementares entre o casal. É válido retomar que, segundo Garcia e Maciel (2008), a construção de afinidades entre um casal pode levar a formação de um vínculo amoroso.

Nesse caso, de acordo com Almeida (2008), a aproximação pode ser pautada em semelhanças de nível educativo, atitudes, valores e crenças. Quando falamos de diferenças complementares, estas possuem caráter de desafiar, motivar e estimular o parceiro. Elas potencializam a aproximação do casal, e favorecem a durabilidade e a satisfação do relacionamento amoroso, uma vez que forma-se uma 'equipe' em que cada parte tem capacidades diferentes, que juntas tornam o casal mais capaz que os indivíduos separadamente. Auxiliam, dessa forma, para que objetivos comuns sejam alcançados com maior facilidade e produz muitos reforços positivos para os envolvidos. Assim sendo, pode-se manter uma relação estável e satisfatória enquanto os ganhos que o casal for capaz de gerar sejam considerados mais pesados que os custos de manter-se no mesmo relacionamento.

A respeito de afinidades e diferenças complementares, Silva*et al.*,(2010) obtiveram,entre os casais que entrevistaram, que essas constituem o principal motivo para a decisão pelo matrimônio, pois a similaridade com seu companheiro, bem como o compartilhamento de interesses, ideias, valores e objetivos permitiu desenvolver uma relação mais harmônica, enquanto que as diferenças foram expressas pelos participantes com ênfase em seu caráter complementar que possibilitaria a eles a superação de limitações individuais.

Zordan, *et al.* (2009) também identificaram entre adultos solteiros que as afinidades e diferenças complementares podem compor uma das motivações pessoais para o casamento. Outro dado interessante levantado, nessa pesquisa, foi a baixa valorização do casamento na atualidade. Em outras palavras, os participantes afirmaram que o matrimônio ocupa posição de menor importância e é colocado como um projeto adiado, a ser conquistado depois de prioridades como formação profissional e realização pessoal. O mesmo dado também foi apresentado por Falcke e Zordan (2010) a despeito de sua pesquisa com 197 homens e mulheres reafirmando que o casamento constitui projeto de vida desejado, mas adiado em nome do investimento profissional. Ademais, Chaves (2010) entrevistou doze jovens adultos (de 18 a 25 anos), solteiros, de ambos os sexos, que relataram uma alta valorização da

liberdade individual e de conquistas em dimensões diversas da vida, tais como a realização profissional e financeira, que pode levar a adiar o matrimônio.

Ainda é válido retomar algumas pesquisas anteriormente descritas, visto que Secco e Lucas (2015) identificaram, entre mulheres financeiramente independentes, alta valorização da atividade profissional, e uma tendência a adiar relacionamentos amorosos em favor do desenvolvimento profissional próprio. Entre as mulheres da geração mais recente do estudo de Coutinho e Menandro (2010), o casamento foi considerado um projeto a ser coordenado com a vida acadêmica e profissional. Essa tendência, que vêm sendo relatada com frequência em pesquisas com adultos nos anos mais atuais (Chaves, 2010; Coutinho &Menandro, 2010; Falcke&Zordan, 2010; Secco& Lucas, 2015; Zordan*et al.*, 2009), também foi identificada por Wagner *et al.*(1997) entre 60 adolescentes de 12 a 17 anos, de ambos sexos, na década de 1990. Nessa pesquisa foi identificado que os jovens têm como projetos de vida principalmente a realização profissional, a felicidade e a realização pessoal, sendo o projeto de se casar e constituir família considerado de menor importância, ou a ser realizado posteriormente.

De forma coerente com essas constatações, Borges *et al.* (2014) identificou que para os adultos entrevistados, a liberdade individual é altamente valorizada, e, por esse motivo, a conjugalidade deve ter função de favorecer tal liberdade, e o vínculo amoroso deve ser constituído como um suporte subjetivo a cada indivíduo, servindo de fonte de força para desenvolver sua personalidade de forma autônoma. Os pesquisadores salientam que nessa perspectiva a escolha amorosa assume caráter paradoxal, uma vez que articula noções contrárias de liberdade individual e conjugalidade (Borges *et al.*, 2014).

A decisão para o início de um relacionamento amoroso se torna, portanto, um impasse entre sua liberdade individual a construção de um projeto de vida a dois. Os pesquisadores salientaram que a liberdade individual é componente importante para a constituição de vínculo, e que deve ser proporcionada nos relacionamentos atuais a fim de perdurarem no contexto contemporâneo.Para além da conjugalidade, a mesma pesquisa (Borges *et al.*, 2014) ainda apontou que a formação de uma nova família e o plano de ter filhos podem ser estabelecidos por um caráter individual, ou seja, visam a satisfação de desejos e se apoiam em objetivos próprios, que não serão necessariamente desenvolvidos juntamente com um companheiro, pois este é desejável, mas é dispensável sob esse ponto de vista.

Por outro lado, entre 10 adultos inseridos em uma relação amorosa, entrevistados por Fonseca e Duarte (2014), percebeu-se que os participantes esperavam, com o

casamento,estabelecer um parceiro que os acompanhassem por toda a vida. A opção pelo casamento também se fundamentou na expectativa de constituir um lar e uma família, onde filhos poderiam ser gerados, e a intimidade dos enamorados pudesse crescer. Em suma, nesse caso aexpectativa para o casamento era de realizar um projeto de felicidade do casal baseado no compromisso de um para com o outro.

De forma semelhante, Milfont*et al.*, (2006) constataram, entre 658 adultos solteiros, que o estabelecimento de um relacionamento amoroso estável pode ser considerado pré-requisito fundamental para a constituição de uma nova família. Os autores ainda relataram que a intenção de construir uma família também apresentou correlação positiva com o envolvimento e comprometimento de um casal, bem como, com o desejo de vivenciar o amor e um sentimento de pertencimento na relação. Relato semelhante foi obtido entre adolescentes por Wagner *et al.* (1997), quando os jovens definem o casamento principalmente como união e compromisso entre o casal, e como formação de uma família que confirma o amor dos cônjuges. Os mesmo jovens esperam encontrar em um casamento felicidade e amor.

De forma geral, podemos considerar que os relacionamentos amorosos têm sido estabelecidos principalmente com intenção de proporcionar satisfação pessoal (Bauman, 2004), por meio da vivência do amor e da felicidade (Del Priore, 2012), podendo se configurar como um projeto individual (Borges *et al.*, 2014) ou coletivo (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont, *et al.*, 2006; Wagner *et al.*, 1997). Além disso, o contexto cultural atual mostra-se pouco propício ao reconhecimento do outro como seu igual, limitando o estabelecimento de relações baseadas no respeito mútuo (La Taille, 2009), o que pode dificultar a prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Nesse cenário, consideramos de grande relevância compreender, do ponto de vista da moralidade, como os relacionamentos amorosos têm sido estabelecidos na atualidade. Com esta finalidade, apresentamos a seguir os objetivos e método utilizado no presente estudo.

1.3.Objetivos

1.3.1. Objetivo geral.

O presente estudo teve por objetivo geral realizar uma comparação, sob a perspectiva da moralidade, dos discursos de mulheres casadas de duas geraçõesacerca da escolha do parceirono início do relacionamento e da decisão para o casamento.Visando a melhor maneira de alcançarmos o objetivo geral, estabelecemos quatro objetivos específicos.

1.3.2.Objetivos específicos.

a) Investigar como as participantes conheceram os parceiros atuais;

b) Analisar as justificativas apresentadas pelas entrevistadas para a decisão de iniciar um relacionamento com o parceiro amoroso atual;

c) Avaliar as justificativas apresentadas pelas participantes para a decisão de se casar (ou passar a conviver);

d) Comparar os discursos das mulheres casadas de duas gerações no que diz respeito a cada um dos objetivos específicos anteriormente descritos.

1.4.Método

A presente análise foi desenvolvida a partir do registro transcrito de entrevistas realizadas e armazenadas anteriormente, mas que ainda não haviam recebido tratamento analítico sob a perspectiva da moralidade, o que, de acordo com Gil (2010), poderia ser caracterizado como uma pesquisa documental. Entretanto, de acordo com o referido autor, "algumas pesquisas, em função de suas características, não se enquadram facilmente num ou outro modelo" (p. 44), e, nesse sentido, consideramos que este estudo poderia ser melhor descrito como uma pesquisa de levantamento, uma vez que a coleta dos dados foi originalmente realizada por meio de "interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer" (Gil, 2010, p. 50).

Ademais, Souza e Menandro (2007) afirmam que pesquisas documentais podem ser identificadas de acordo com o método utilizado para obtenção dos dados em questão, visto que "documentos e registros de arquivos não são produzidos por indução direta, de acordo com objetivos de pesquisas específicas, tal como ocorre com entrevistas realizadas por pesquisadores" (p.158), o que corrobora com a ideia de que nossa pesquisa não possa ser classificada restritamente como documental.

No entanto, salientamos que nosso estudo foi realizado exclusivamente nos arquivos dos protocolos de entrevistas, sendo que a autora dessa dissertação não teve participação na coleta dos dados. É importante ressaltar,ainda,que os dados coletados em 2013 não haviam sido de forma alguma analisados. Quanto às entrevistas realizadas em 1993, haviam recebido tratamento analítico (Alencar, 1993), mas não sob a perspectiva da moralidade. O presente

estudo apresenta, portanto, nova análise dos bancos de dados, incluindo a análise comparativa entre os dois.

O primeiro banco de dados foi obtido por meio da pesquisa desenvolvida por Alencar (1993), na cidade em que residia, Rio de Janeiro (RJ), ao entrevistar 15 mulheres casadas, com objetivo de analisar valores, atitudes e crenças femininas dentro de seus relacionamentos amorosos, abordando os seguintes temas: histórias de amor, dinâmica amorosa, e relação de papéis femininos e masculinos no relacionamento. A autora realizou as entrevistas, transcreveu todas as respostas, e os dados originais foram armazenados por ela. A partir dos dados coletados, ainda em 1993, Alencar realizou uma análise, que culminou em sua dissertação de mestrado, intitulada: "*Depoimentos de amor: um estudo sob a optica feminina*".

O segundo conjunto de dados foi obtido em 2013, quando a professora Heloisa Moulin de Alencar e a então doutoranda Ariadne Dettmann Alves, idealizaram e estruturaram nova pesquisa com mulheres casadas, dessa vez a ser realizada na Grande Vitória (ES), onde residiam, e na qual visaram investigar os discursos de outras mulheres casadas, sobre suas vivências amorosas, no que tange aos seguintes temas: concepção de amor, histórias de amor, dinâmica amorosa e perspectivas atuais e futuras das relações amorosas. A pesquisa desenvolvida nesse segundo momento foi realizada com objetivo de proporcionar comparação entre os discursos femininos de duas décadas passadas e da atualidade, e foi realizada por meio deduas pesquisas de iniciação científica, ocorridas entre 2012 e 2014. As entrevistas foram realizadas por Jussara Abilio Galvão e Tais Peres Fonseca, alunas de iniciação científica na época, e sob a orientação de Heloisa Moulin de Alencar e coorientação de Ariadne Dettmann Alves. Novamente as entrevistas foram transcritas na íntegra e armazenadas pelas pesquisadoras.

Parte das entrevistas de 2013 culminou no artigo cientifico "*Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas*" (Alves *et al.*, 2015a). Contudo, devido a seu grande volume, os dados não puderam ser inteiramente analisados na ocasião. Desse modo, em 2016, no decorrer da estruturação da presente dissertação, as pesquisadoras disponibilizaram uma parcela dos dados coletados nas diferentes épocas, para que uma nova análise pudesse ser realizada, sendo a presente pesquisa responsável pela comparação dos discursos femininos de 1993 e de 2013 no que diz respeito às histórias de amor, ou em outras palavras, parte das trajetórias amorosas das entrevistadas.

As entrevistas realizadas em 2013 seguiram os mesmos critérios para selecionar os participantes eleitos por Alencar (1993). Esse cuidado intencionou permitir minimamente uma homogeneização de ambos grupos, tornando menor as diferenças nos meios das participantes das distintas décadas, permitindo, assim, a comparação dos referidos grupos. Realizaremos a seguir uma descrição mais detalhada dos bancos de dados utilizados – ou, melhor dizendo, das participantes originalmente entrevistadas, bem como do instrumento e o procedimento utilizados para coleta original dos dados que hoje compõe nossa pesquisa –, e os critérios que adotamos para a análise dos mesmos.

1.4.1.Participantes.

O banco de dados da presente pesquisa é constituído de dois conjuntos de protocolos, gerados por meio de transcrições de entrevistas, sendo o primeiro concebido em 1993, e o segundo em 2013. Os protocolos mais recentes foram produzidos com a finalidade de permitir comparação com os dados outrora coletados, e, para tanto, a coleta seguiu os mesmos parâmetros de escolhas estabelecidos por Alencar (1993). A saber, foram escolhidas 30 mulheres casadas, sem filhos, com faixa etária entre 20 e 30 anos, e pertencentes à classe média. Sendo que, destas, 15 eram residentes da Zona Sul do Rio de Janeiro (RJ) e foram entrevistadas em 1993, e outras 15, moradoras da região metropolitana da Grande Vitória (ES), e as entrevistas ocorreram em 2013.

O critério do casamento não se restringiu ao casamento formal – civil ou religioso –, mas incluiu a coabitação com companheiro. Desse modo, foram consideradas casadas aquelas mulheres que assim se declararam, sendo contado o tempo de casamento de acordo com sua consideração, seja ele a partir da realização de alguma cerimônia formal, ou a partir do início da coabitação com o parceiro. O banco de dados, portanto, não explicita diferenciação do tipo de casamento, e, portanto, a descrição dos resultados será realizada descrevendo os termos como sinônimos.

Foram entrevistadas apenas mulheres sem filhos, pois se partiu do pressuposto de que os filhos poderiam influir no relacionamento com o parceiro (Alencar, 1993). Rios e Gomes (2009) realizaram uma revisão de literatura a respeito da opção de casais por não terem filhos, quando constaram que a presença de filhos no casamento gera tantos pontos positivos, quanto negativos, sendo, portanto, influente sobre a vivência do casal de maneiras diversas. Desse modo, como a entrevista buscou investigar aspectos do relacionamento amoroso, ter filhos se

configurou critério de exclusão, a fim de evitar que tal variável influísse sobre as respostas das mulheres.

A faixa etária foi estabelecida com base na crença de que, nessa idade, as mulheres poderiam estar vivenciando “mais intensamente os conflitos existentes na relação amorosa” (Alencar, 1993, p. 51). Além disso, a escolha de Alencar por essa faixa também foi fundamentada no fato de que as participantes da pesquisa teriam vivenciado sua adolescência entre a década de 1970 e 1980, período que a sociedade brasileira vivenciou grandes transformações em relação a dinâmica amorosa, mudanças essas que poderiam se refletir sobre os valores e crenças das entrevistadas sobre as vivências no relacionamento amoroso. Com objetivo de manter os dois grupos de entrevistadas o mais semelhante possível, a mesma faixa etária foi mantida na seleção das mulheres entrevistadas em 2013.

Em relação à escolha da classe social, a definição de classe média não é um consenso na literatura, sendo que, economicamente, pode ser avaliada por meio da renda e poder de consumo de bens duráveis de um sujeito (Senna, 2015; Neri, 2008, 2009), ou ainda, por uma avaliação de uma expectativa de condições futuras melhores (Braga, 2012; Neri, 2008). A classe média brasileira ainda pode ser assim classificada em função de uma avaliação conjunta de diversos aspectos socioeconômicos dos sujeitos, considerando, além da condição econômica e de consumo, a oportunidade de maior nível de escolaridade, acesso a variadas opções culturais e de lazer, assim como sua inserção no mercado oficial de trabalho, entre outros (Braga, 2012; Senna, 2015). Uma definição de classe média ainda pode considerar grupos sociais que produzem e compartilham valores e informações comuns (Braga, 2012).

De acordo com as considerações de Alencar (1993), dentro de determinadas classes sociais, há certas conformidades de valores e no estilo de vida circulantes que podem ser observados, uma vez que os indivíduos são influenciados pelos meios que frequentam, formas de comunicação em massa a que tem acesso, etc. Desse modo, a classe social foi escolhida como critério de participação com o intuito de permitir a homogeneização das entrevistadas, possibilitando que as participantes compartilhassem de valores e ideologias comuns circulantes na região em que viviam. Alencar (1993) se reservou a entrevistar mulheres residentes na Zona Sul do Rio de janeiro (RJ), região em que se concentrava uma população com condições socioeconômicas semelhantes. Já em 2013 foram entrevistadas mulheres da região metropolitana da Grande Vitória (ES). Frente a complexidade de se elaborar uma definição de classe média no Brasil, as coletas realizadas nos dois períodos temporais seguiram a consideração de Alencar (1993), e o critério estabelecido para a classificação

específica derivou das declarações das próprias participantes, sendo as mesmas condições observadas no ato da entrevista.

1.4.2.Instrumento e procedimentos de coleta.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, com base em um roteiro semiestruturado. O instrumento elaborado para a entrevista realizada em 2013 teve por base o roteiro utilizado em 1993 (Alencar, 1993), o que permitiu a posterior comparação das respostas dos dois grupos. Os roteiros são constituídos de duas partes, sendo a primeira parte totalmente estruturada com a finalidade de levantar dados de caracterização das participantes. A segunda, semiestruturada visou a investigar a história da trajetória amorosa das participantes, envolvendo questões sobre a história do relacionamento, e as justificativas para iniciar o namoro com seu atual parceiro, e os motivos para a decisão pelo casamento. Esta última parte do instrumento contém perguntas básicas, que foram feitas a todas as participantes, e segue descrito na íntegra na **Figura 1**. Com a intenção de compreender mais claramente as respostas emitidas, em cada entrevista foram realizadas perguntas complementares que melhor investigaram os aspectos apontados pelas participantes.

Figura 1 - Roteiro de entrevista.

Caracterização dos participantes

1) Qual é o seu nome?
2) Quantos anos você tem?
3) Qual é a sua formação?
4) Em que você trabalha?
5) Quanto tempo durou o namoro/noivado (relacionamento anterior à convivência diária)?
6) Há quanto tempo você está casada (convive com seu parceiro)?

As histórias de amor

7) Como você conheceu a pessoa com quem você convive? Conte-me a história.
8) Por que escolheu essa pessoa para iniciar um relacionamento amoroso?
9) Como foi a decisão pela convivência diária (casar ou morar juntos)?

Tanto as entrevistadas no ano 1993 quanto as de 2013 foram selecionadas por meio de indicações, partindo inicialmente do círculo social das próprias pesquisadoras, e posteriormente por indicação das próprias participantes. Após selecionar as participantes, as pesquisadoras entraram em contato e esclareceram o motivo de realizar essa entrevista com uma temática específica, foram explicados os procedimentos gerais, e foram assegurados às participantes que os resultados seriam divulgados de modo a não permitir sua identificação. Com finalidade de garantir a não identificação das entrevistadas, para registro dos protocolos foram utilizados nomes fictícios para cada participante, sendo que as participantes do passado (1993) foram identificadas com nome iniciados pela letra P, enquanto que as mulheres da atualidade (2013) receberam nomes com a letra inicial A.

Na realização da entrevista, foi assinado pelas entrevistadas de 2013 o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo garantido que todos os procedimentos éticos previstos pela Resolução nº 466\2012 (2012) do Conselho Nacional de Saúde seriam respeitados. A coleta de dados desenvolvida em 2013 obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo (Apêndice A). Ressaltamos que na ocasião da coleta de 1993, pela legislação em vigor, não havia necessidade de aprovação de qualquer comitê de ética, motivo pelo qual não houve submissão da pesquisa naquele momento, e as participantes da época emitiram consentimento oral para participação da entrevista.

1.4.3. Tratamento e análise de dados.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na ocasião de sua realização (nos anos de 1993 e de 2013), o que gerou os protocolos que utilizamos na presente pesquisa.Para nosso estudo, priorizamos aanalise qualitativa,e para tanto desenvolvemos a categorização dos dados de acordo com o proposto por Delval (2002), ou seja, foi realizada leitura e releitura sistemática de todos os protocolos, o que permitiu perceber os tipos iniciais de respostas, e possibilitou a organização das tendências de respostas que se repetiram. Assim, foram estruturadas em categorias iniciais, ou categorias detalhadas. Em seguida identificamos semelhanças entre diferentes categorias detalhadas, e as agrupamos de acordo com o sentido das respostas nelas contidas. Desse modo, estabelecemos categorias resumidas, que compreendiam grandes tendências de respostas.

Tendo estabelecido as categorias, foi realizada umaavaliação quantitativa dos percentuais, o que possibilitou perceber as principais frequências dos tipos de respostas, bem

como realizar comparação entre os discursos das mulheres das duas diferentes épocas, sendo que as diferenças mais evidentes entre os dois grupos foram devidamente analisadas comparativamente.Para tanto, contrapomos o percentual de respostas de cada categoriapara os dois grupos de entrevistadas, e consideramos diferenças relevantes para nossa discussão, quando a diferença do percentual entre os dois grupos foi maior que sete por cento. Também foram identificadasdiferenças menores, ou seja, respostas pouco mais frequentes em um dos grupos, quando a distânciaentre os percentuais eram inferiores asete.

Em suma, os dados dos dois momentos temporais foram analisados qualitativamente de forma conjunta, e posteriormente foram calculadas e contrapostas as frequências das categoriaspara cada grupo, o que deu origem às tabelas que apresentaremos no decorrer do presente trabalho. Os estudos que serão apresentados a seguir contam com essas tabelas de frequência, sendo que a **Tabela 1** (apresentada no artigo um) e **Tabela 2** (no artigo dois)são referentes às categorias resumidas. Para consultar as categorias detalhadas, verificar a **Tabela 3**, e a **Tabela 4** presentes no Apêndice B, no fim da dissertação.

2. Resultados e Discussão

Este capítulo será destinado à descrição e discussão dos resultados obtidos por meio de nossa análise, bem como dos estudos desenvolvidos a seu respeito, e será dividido em doissubcapítulos. Cada um dos subcapítulos apresenta estudos completos acerca da segunda parte do roteiro (perguntas sete a nove), e os objetivos específicos deste trabalho. Em relação à primeira parte do roteiro (perguntas um a seis), referente a caracterização das entrevistadas, parte dos dados encontram-se descritos na sessão de resultados e discussão dos dois artigos que serão a seguir apresentados, mas uma descrição completa de todos os dados obtidos encontram-se descritos no Apêndice C.

Desse modo, o primeiro subcapítulo, intitulado "Artigo Um: O Início do Relacionamento Amoroso Sob a Perspectiva da Moralidade" é referente à primeira parte de nossa análise, e conta com os dados obtidos por meio das perguntas 7 (Como você conheceu a pessoa com quem você convive? Conte-me a história) e 8 (Por que escolheu essa pessoa para iniciar um relacionamento amoroso?)do roteiro de entrevistas, que resultou em um artigo científico de nome"O início do relacionamento amoroso sob a perspectiva da moralidade: estudo comparativo entre mulheres de duas gerações",que será submetido auma revista Qualis B2. Já o subcapítulointitulado "Artigo Dois: Aspectos Morais na Decisão para o Casamento", corresponde ao artigo gerado das discussões baseadas na questão 9 (Como foi a decisão pela convivência diária (casar ou morar juntos)?)do roteiro, denominado "Aspectos morais na decisão para o casamento segundo mulheres de duas gerações", que deve ser submetido auma revista QualisB3.

Ainda salientamos que as normas de formatação utilizadas na apresentação dos artigos seguirão as mesmas exigidas pelos periódicos ao qual serão submetidos, apresentando, portanto, um formato diferente dos outros capítulos da dissertação em alguns aspectos. Contudo, optamos por não seguir uma das normas da revista na apresentação deste trabalho: no artigo dois inserimos a tabela de resultados no corpo do texto, e não ao fim do artigo como é exigido pela revista, e isso fizemos a fim de facilitar e padronizar a apresentação dos resultados.

Dito isto, segue a apresentação dos subcapítulos que contêm as análises propostas na presente pesquisa.

2.1.Artigo Um: O Início do Relacionamento Amoroso Sob a Perspectiva da Moralidade

O início do relacionamento amoroso sob a perspectiva da moralidade: estudo comparativo entre mulheres de duas gerações

The beginning of the love relationship from the perspective of morality: a comparative study between women of two generations

Título Resumido: Escolha Amorosa para Mulheres de Duas Gerações

Short Title: Love Choice for Women of two Generations

Resumo

Investigamos, sob a perspectiva da moralidade, as possíveis diferenças nos discursos de mulheres que viviam em conjugalidade, em períodos distintos, (1993 e 2013) sobre como conheceram seus parceiros e os motivos para decidirem iniciar um relacionamento amoroso com eles. Foram entrevistadas 15 mulheres em 1993, e outras 15, em 2013, de 20 a 30 anos, sem filhos, e de classe média. Priorizamos uma análise qualitativa dos dados, e posteriormente realizamos comparação entre os dois grupos. Por meio dos resultados, verificamos que as mulheres entrevistadas no passado tendem a enfatizar os próprios sentimentos em relação ao parceiroao decidir pelo relacionamento, enquanto as do momento mais atualpriorizam as qualidades do companheiro que favorecem a boa convivência e que se aproximam de valores morais. Ademais, a decisão baseada em virtudes morais aumentou nas justificativas das mulheres entrevistadas no presente, contudo foi pouco mencionada se comparada a frequência de outras justificativas. Consideramos que o presente estudo é relevante no que tange ao levantamento de novos conhecimentos sobre a escolha amorosa e sua relação com a moralidade, e ainda pode contribuir para elaboração de propostas de intervenção que visem a construção de relações respeitosas.

Palavras-chave: moral; virtudes; relação amorosa.

Abstract

We investigated, from the perspective of morality, the different speeches of women living in conjugality in different periods (1993 and 2013) on how they met their partners and the reasons to initiate a loving relationship with them. Fifteen women were interviewed in 1993, and other 15 in 2013. They were between 20-30 years old, childless, and middle class. We used qualitative analysis, and later we did a comparative analysis of both groups. Results showed that the women interviewed in 1993 tend to emphasize their own feelings in relation to their partner and their maturity when deciding to establish a relationship. While in the other group they prioritize the qualities of their companion that favor a harmonic coexistence. In addition, although little mentioned, the decision based on moral virtues increased in the justifications of the women interviewed in 2013. The present study is relevant to the field of new studies on love affair choice and its relation with morality. It also contributes to the design of intervention practices among couples toward the construction of respectful relationships.

Keywords:morality; virtues; love relationship.

No presente estudo temos por objetivo investigar, sob a perspectiva da moralidade, possíveis diferenças entre os discursos de jovens mulheres que viviam em conjugalidade com homens em períodos distintos, isto é, no passado, em 1993, e atualmente, em 2013, acerca da sua trajetória amorosa inicial: desde como conheceram seus atuais companheiros, até a decisão para dar início ao relacionamento amoroso com eles.

Nosso interesse pelo tema decorre das mudanças ocorridas nas relações amorosas nas últimas décadas, que podem refletir na escolha do parceiro amoroso. Dessa maneira, Del Priore (2012) destacou algumas transformações ocorridas nos relacionamentos amorosos, de

meados do século passado até os dias atuais, que incidiram, dentre outros aspectos, sobre a liberdade feminina para iniciar ou encerrar um relacionamento, de acordo com os critérios que considerasse adequados. Tal liberdade decorre de uma crescente independência financeira, adquirida frente a maior possibilidade de se desenvolver acadêmica e profissionalmente, aliada a uma flexibilização da expectativa de que a mulher ocupasse exclusivamente o papel de mãe e dona de casa e fosse a única responsável pela manutenção do relacionamento amoroso.

Além do exposto, Coutinho e Menandro (2010) estudaram a significação do casamento para mulheres de diferentes gerações, metade delas casadas na década de 1960, e outra metade nos anos de 1990. Os autores constataram, com base no relato das participantes mais velhas, que, para algumas gerações, o casamento constituía como único projeto de vida, cabendo a elas o papel de desdobrar-se para garantir sua manutenção, inclusive o de tolerar a infidelidade ou o desrespeito no matrimonio. Já a geração mais recente, apontou para um casamento baseado no amor, no respeito e na cumplicidade, a ser coordenado com outros projetos de vida, acadêmicos e profissionais.

Ademais, Secco e Lucas (2015) entrevistaram mulheres financeiramente autônomas, concluindo que a independência financeira proporciona liberdade para estabelecer e manter relacionamentos amorosos, com base na cumplicidade e afinidade, cuja duração depende da qualidade da relação. Desse modo, a mulher moderna, mais independente, vê-se capaz de decidir se e com quem deseja estabelecer uma relação, e ainda em quais condições pretende manter tal relacionamento (Del Priore, 2012; Coutinho &Menandro, 2010; Secco& Lucas, 2015).

Acerca dos relacionamentos estabelecidos na contemporaneidade e sua durabilidade, o sociólogo Bauman (2004) concluiu que as relações atuais se apresentam frágeis, pois sua estabilidade e durabilidade assemelham-se a relações comerciais, nas quais deve haver um

investimento inicial que seja recompensado, caso contrário, a relação deve ser desfeita. Em contraponto, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) apontaram que o atual contexto de fragilidade dos vínculos pode estar levando as pessoas a valorizarem seu inverso, buscando por relações que favoreçam características favoráveis à segurança e estabilidade das mesmas.

Ainda podemos acrescentar que o contexto que vivemos na atualidade não é propício à presença de valores morais dentro dos relacionamentos, pois vivemos um contexto cultural que pode ser chamado de cultura do tédio e da vaidade (La Taille, 2009). De acordo com La Taille (2009), tal cultura pode ser caracterizada por um achatamento de valores e um 'crepúsculo do dever', que resultam em uma diminuição da visibilidade e prestígio de valores morais. O referido autor ainda explicou que o achatamento de valores, refere-se a uma alteração constante daquilo que é socialmente valorizado, fenômeno que incide, inclusive, sobre valores morais como a fidelidade, o respeito e o amor. Tal cultura caminha, portanto, para um 'crepúsculo do dever', ou seja, um diminuído senso de dever para com a moralidade.

Pode-se questionar se a presença (ou não) de virtudes morais pode influir sobre a qualidade das relações amorosas estabelecidas, e, concordando com La Taille (2009), Comte-Sponville (2007), e Piaget (1932/1994), teremos de responder afirmativamente. Definimos aqui virtude moral como traços de caráter ou de personalidade que sejam condizentes com a moralidade, e, por conseguinte, que se refiram ao reconhecimento de outrem como ser de valor, e que favoreçam o estabelecimento de formas de relacionamento respeitosas (Comte-Sponville, 2007; La Taille, 2009).

Quanto ao respeito nas relações, a presença do respeito mútuo é fundamental para a construção de relações de cooperação, regidas pela reciprocidade, relações essas fundamentais ao desenvolvimento moral pleno e à prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). De acordo com a teoria de desenvolvimento moral legada por Piaget (1932/1994), haveria duas tendências pelas quais os sujeitos passam ao desenvolver suas capacidades morais.

Inicialmente, as crianças começam a adentrar na moralidade por meio de constantes instruções, e por amor e medo daqueles que as impôs, elas esforçam-se por cumpri-las, e posteriormente por compreendê-las.

O respeito, nesse momento, é unilateral, uma vez que, para a criança, apenas a autoridade o mereceria. Essa tendência é chamada *heteronomia*. Para que haja a passagem para uma etapa posterior, de*autonomia* moral, é preciso que sejam estabelecidas relações de cooperação nas quais o respeito seja mútuo e que permita a todos os envolvidos na relação exercerem de forma autônoma a avaliação moral (Piaget, 1932/1994).

Outrossim, Gilligan (1982) estudou a moralidade e constatou que a tendência feminina é de inclinar-se a uma ética do cuidado, como forma de exercício da moralidade, resultante de uma sensibilidade que atente para singularidade e necessidades específicas de cada pessoa, buscando promover o cuidado para consigo e com outrem. Essa visão ética promove a atenção, a preocupação, a dedicação, a compreensão, entre outros valores que favoreçam o cuidado do outro e a noção de responsabilidade para com as relações estabelecidas.

Além disso, no entender de Comte-Sponville (2007), a prática do amor leva a uma manifestação espontânea de ações morais, pois o amor busca proporcionar o bem ao outro. O autor descreve que o amor pode ser expresso por três formas. O amor *eros*, movido intensamente na procura de algo que ainda lhe falta, seria esse o amor da paixão. Já amor *philia*, é o amor que busca proporcionar o bem ao objeto amoroso, é o amor da partilha e da felicidade. Por fim, o amor *ágape* é o amor divino e altruísta que deseja proporcionar bem a todos, sendo oferecido ao próximo, mesmo a um estranho ou a um inimigo.

A respeito do amor, podemos acrescentar que, dentro das pesquisas da moralidade, ele tem sido descrito como um sentimento por crianças (Alves, Alencar, & Ortega, 2012, 2014), adolescentes (Alves *et al.*, 2015b) e adultos (Alves*et al.*,2015a), sendo que adolescentes e

adultos tendem a relacioná-lo ao amor romântico e às relações amorosas (Alves *et al.*, 2015a, 2015b).

O cenário geral apresentado aponta dois pontos centrais, que podem ser contrapostos. No primeiro, percebemos que o amor e outras virtudes morais, bem como uma ética do cuidado, podem promover relações respeitosas que proporcionam o cuidado para outrem (Comte-Sponville, 2007; Gilligan, 1982; La Taille, 2009; Piaget, 1932/1994). O segundo aponta para a cultura atual, que parece ser contrária a tal construção (La Taille, 2009) e favorável a relações frágeis e instáveis (Bauman, 2004). Frente a tal paradoxo, nos últimos anos, muitos pesquisadores vêm se interessando por estudar a escolha amorosa sob diferentes perspectivas.

A respeito disso, estudos têm constatado que o ambiente social em que a escolha amorosa ocorre tem influência sobre a mesma, sendo que, em ambientes descontraídos, homens e mulheres tendem a valorizar características voltadas para atração sexual, que podem ser associados aos relacionamentos mais efêmeros (Altafim*et al.*, 2009). Por outro lado, os ambientes formais são mais propícios a uma aproximação e construção de intimidade gradual (Garcia & Maciel, 2008; Barros, 2012), sendo a escolha amorosa mais criteriosa e com tendência de valorizar atributos voltados a relacionamentos estáveis (Altafim*et al.*, 2009).

Ademais, para a escolha de parceiro(a) amoroso, homens e mulheres têm apontado principalmente para as características do parceiro, valorizando que ele seja atencioso, companheiro sincero, responsável, compreensivo, respeitoso, paciente, fiel, entre outras qualidades (Brito *et al.*, 2009; Correa, 2011; Garcia & Maciel, 2008; Guelfi*et al.*, 2006;Smeha& Oliveira, 2013; Zordan*et al.*, 2009), características essas que têm sido apontadas pela literatura como favoráveis tanto a formação de vínculos entre os novos enamorados, quanto para a manutenção do relacionamento (Almeida, 2008; Brito *et al.*, 2009;

Correa, 2011; Guelfi*et al.*, 2006; Smeha& Oliveira, 2013), e capazes de promover a satisfação pessoal daquele que escolhe (Almeida, 2008).

Algumas das qualidades destacadas, como o respeito e a fidelidade (Garcia & Maciel, 2008; Guelfi*et al.*, 2006; Smeha& Oliveira, 2013), podem ser apontadas como relacionadas a moralidade (Comte-Sponville, 2007; Piaget, 1932/1994), pois podem ser compreendidas como virtudes morais compatíveis com relações respeitosas (Comte-Sponville, 2007; La Taille, 2009; Piaget, 1932/1994). Sob o ponto de vista da moralidade, a fidelidade pode ser definida como uma disposição para manter-se firme (ou leal) aos valores firmados no passado, ao passo que a infidelidade é abandonar tais valores, quebrá-los (Comte-Sponville, 2007). Já a infidelidade do casal, de acordo com Comte-Sponville (2007), diz respeito a quebra, não só da exclusividade entre os envolvidos, mas da verdade oferecida à outra parte.

Além desse aspecto, a escolha amorosa também foi apontada como fruto de sentimentos, como o amor ou a paixão, e da atração sexual, dos quais resultariam a primeira troca de olhares, a aproximação inicial e o crescente desejo de estar junto (Almeida, 2008; Brito *et al.*, 2009; Lago, 2002; Zordan*et al.*, 2009). Dessa forma, enquanto a relação puder ser sustentada pelo amor, pela paixão ou satisfação sexual, perdurará (Almeida, 2008; Brito *et al.*, 2009; Zordan*et al.*, 2009). Segundo Almeida (2004), a admiração também pode ser considerada como importante fator na formação do vínculo afetivo, uma vez que dela nasce o amor, e que ela aponta para características que sejam estimadas e aspiradas, às quais se deseja incorporar a si, incorporação essa realizada por meio da formação de uma unidade amorosa (Almeida, 2004; 2008).

Outro fator destacado para a escolha amorosa tem sido a afinidade e diferenças existentes entre o casal. As afinidades diriam respeito a semelhanças de ideias, valores, objetivos (Silva*et al.*, 2010; Zordan*et al.*, 2009), propiciando a identificação entre o casal e a promoção de diversos reforços positivos para os envolvidos (Almeida, 2004). Já as diferenças

referem-se à complementaridade proporcionada entre o casal, em que ambos possuem qualidades diferentes que, somadas, tornam o casal mais forte e mais apto a alcançar objetivos comuns (Almeida, 2004, 2008; Silva *et al.*, 2010).

Ressaltamos, diante dos múltiplos estudos a respeito da escolha do parceiro amoroso, que, até o momento, não foram desenvolvidas pesquisas a esserespeito sob a perspectiva da área da psicologia da moralidade. Diante das mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas (Coutinho &Menandro, 2010; Del Priore, 2012) e do contexto contemporâneo pouco propício a relacionamentos estabelecidos entre iguais (La Taille, 2009), consideramos relevante compreender, segundo a psicologia da moralidade, os fatores que têm influenciado a decisão para se relacionar com um parceiro específico. Por conseguinte, segue a descrição do método utilizado, bem como dos resultados alcançados na presente investigação.

Método

Participantes

Para a presente análise foram entrevistadas 30 mulheres de 20 a 30 anos, que viviam em conjugalidade com homens, sem filhos, e pertencentes à classe média. As participantes estavam divididas em dois grupos: o primeiro constituído por 15 mulheres residentes no Rio de Janeiro (RJ), que foram entrevistadas por Alencar (1993), e o segundo por outras 15 mulheres da Grande Vitória (ES), que foram entrevistadas em 2013.

Instrumento e Procedimentos de Coleta

Todas as participantes foram entrevistadas individualmente, com base em um roteiro semiestruturado desenvolvido por Alencar (1993) destinado a investigara caracterização das entrevistadas, bem como a história da trajetória amorosa das participantes, requerendo a cada

mulher que relatasse como conheceu seu atual companheiro conjugal, e por que decidiu iniciar um relacionamento amoroso com ele.

As participantes de 2013 assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo, e foram seguidos os procedimentos éticos previstos pela Resolução nº 466\2012 (2012) do Conselho Nacional de Saúde. Na ocasião das entrevistas realizadas em 1993, seguindo a legislação em vigor, as participantes emitiram consentimento verbal para participação da pesquisa aqui referida.

Tratamento e Análise de Dados

Os dados foram reunidos e analisados qualitativamente sendo organizados em categorias de tipos de respostasde acordo com o proposto por Delval (2002), por meio da leitura e releitura sistemática de todos os protocolos, que permitiram perceber tendências gerais de tipos de explicações. Os dados de 1993 e de 2013 tiveram suas frequências contadas, e foram analisados e comparados, de modo que apresentaremos os resultados gerais, e destacaremos as diferenças entre as mulheres entrevistadas no presente e no passado, quando relevantes.Para a discussão,comparamos as frequências de reposta dos dois grupos entrevistados, e consideramos relevantes as diferenças entre os anos,quandoeram mais evidentes, ou seja, no caso do presente artigo, quando o percentual de respostas de cada grupo apresentou discrepância maior que sete por cento.

Resultados e Discussão

Para apresentação dos resultados, inicialmente ressaltamos que foi permitido às participantes emitirem quantas respostas achassem necessárias, de modo que as descrições

apresentam o número de justificativas emitidas (n), e não o número de participantes. Enfatizamos que descreveremos todos os dados obtidos nas entrevistas, porém, apenas discutiremos os dados mais relevantes para nossa análise. Sublinhamos ainda que foram empregadosnomes fictícios iniciados com a letra “A” para nos referir às mulheres entrevistadas em 2013 e com a letra “P” para identificar as participantes de 1993.

Inicialmente foi pedidoàs mulheres entrevistadas que relatassem sua trajetória amorosa, quando as mulheres afirmaram que conheceram seus parceiros em ambientes formais (n=18), sendo que dessas, 12 foram em ambiente acadêmico, três em igreja, e outros três em local de trabalho.Ou ainda os conheceram em ambientes informais (n=12), tais como festa (n=6), praia (n=1), cinema (n=1), terminal rodoviário (n=1), ou ambientes informaisnão especificados (n=3). É interessante salientar que não houve diferenças relevantes entre as mulheres do passado e da atualidade no que concerne a forma que conheceram seus parceiros, ou seja, a distribuição entre os diferentes tipos de ambientes se deu de forma equilibrada entre os dois grupos.

Quando as mulheres conheceram seus parceiros em ambientes informais, em sua maioria iniciaram o relacionamento amoroso dentro de um curto espaço de tempo, ou seja, de modo mais rápido (n=8), e as outras (n=4) o fizeram em um maior período de tempo, gradualmente.Já entre aquelas mulheres que conheceram seus parceiros em ambientes formais (n=18), a tendência foi de desenvolver um relacionamento de forma gradual (n= 16), sendo que não foi possível identificar a resposta de outras duas participantes. O resultado parece confirmar dados da literatura, uma vez que Garcia e Maciel (2008), e Barros (2012) apontam que ambientes formais como instituição religiosa e o local de trabalho podem ser propícios para a construção de relacionamentos amorosos de forma gradual, dado que permite a descoberta de afinidades e a construção de uma intimidade gradual por meio da convivência regular, que pode culminar em um relacionamento amoroso.

Em seguida,foi questionadoàs mulheres os motivos para decidir dar início a um relacionamento com o atual parceiro amoroso, e as mulheres entrevistadas emitiram 146 justificativas. Reunimos os motivos mencionados e estabelecemos sete categorias, conforme dados apresentados na **Tabela 1**. A organização da tabela foi realizadade modo a facilitar a descrição e discussãodos resultados, iniciando porquatro categorias que reúnem características do parceiro, seguida de duas que contêm aspectos relacionados às próprias mulheres, de outracategoria referente a aspectos do casal, e na sequência uma categoria a respeito da concepção de outras pessoas. Por último, foram mencionados*outros* argumentos que não puderam ser reunidos em categorias semelhantes.

Tabela 1 - Justificativas apresentadas pelas mulheres para dar início ao relacionamento amoroso com o parceiro atual.

CATEGORIAS	**1993**		**2013**		**TOTAL**	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
1) Características do parceiro que favorecem a boa convivência	23	34,33	33	41,77	56	38,36
2) Características do parceiro que contribuem com a capacidade de prover	11	16,42	9	11,39	20	13,70
3) Características do parceiro que se aproximam de valores morais	1	1,49	9	11,39	10	6,85
4) Outras características do parceiro	0	0,00	7	8,86	7	4,79
5) Sentimentos próprios	12	17,91	3	3,80	15	10,27
6) Maturidade pessoal	4	5,97	0	0,00	4	2,74
7) Afinidades/Diferenças entre o casal	7	10,45	10	12,66	17	11,64
8) A concepção dos outros sobre ele	3	4,48	0	0,00	3	2,06
9) Outros	6	8,95	8	10,13	14	9,59
TOTAL	**67**	**100**	**79**	**100**	**146**	**100**

Características do parceiro que favorecem a boa convivência apontaram como motivos para iniciar um relacionamento, diferentes atributos pessoais de seusparceiros que poderiam favorecer a boa convivência, como ser carinhoso, gentil, educado, tranquilo, atencioso, solícito, simpático, divertido, maduro, comprometido, responsável, compreensivo e

sincero. Esse tipo de argumento foi amplamente mencionado pelas mulheres dos dois tempos, sendo mais predominante entre as participantes da atualidade (2013).

Constatamos que as mulheres que iniciaram um relacionamento em ambiente formal apresentaram maior tendência de valorizar as características do homem que *favorecem a boa convivência* se comparadas às mulheres que iniciaram o relacionamento em ambiente informal. Quanto a isso, Altafim*et al.* (2009) afirmaram que em ambientes formais, homens e mulheres tendem a valorizar atributos voltados a relacionamentos estáveis, como gentileza, compreensão, criatividade, inteligência, bom nível de estudo, boa capacidade de ouvir, calma, e maturidade.

A maior parte das características masculinas que foram incluídas nesse tipo de explicação éapontada na literatura como propícia para a formação de vínculo e manutenção de um relacionamento duradouro (Almeida, 2008; Brito *et al.*, 2009; Correa, 2011; Guelfi*et al.*, 2006; Smeha& Oliveira, 2013). Além disso, pesquisas anteriores já obtiveram dados semelhantes quando adultos apontaram que, para a escolha amorosa, valorizam parceiros que possam ser companheiros (Brito *et al.*, 2009; Correa, 2011; Guelfi*et al.*, 2006; Zordan*et al.*, 2009), maduros, carinhosos (Garcia & Maciel, 2008), responsáveis, sinceros e atenciosos (Correa, 2011; Smeha& Oliveira, 2013).

Ademais, percebemos que as participantes manifestaram apreço por algumas características que remetem à ética do cuidado descrita por Gilligan (1982), noção esta que parece ser contemplada pelas participantes ao valorizarem as capacidades de ser atencioso, solícito, comprometido, responsável e compreensivo, que podem promover o cuidado para com o outro.

O motivo *características dele que contribuem com a capacidade de prover*, remete a atributos do homem que poderiam auxiliar sua aptidão de tornar-se um bom provedor, como a

disposição para trabalhar e estudar, inteligência, ou ainda por sua capacidade de transmitir segurança e proteção para a companheira. Esse tipo de argumento foi ressaltado por ambas gerações, com frequência pouco maior entre as mulheres do passado (1993). Segundo a literatura, esses atributos foram valorizados no passado, quando era atribuído ao homem o papel de provedor do lar (Del Priore, 2012), e continuam a ser valorizados nos dias atuais, uma vez que a independência financeira masculina pode proporcionar maior afinidade de ideias e objetivos com mulheres financeiramente independentes (Secco& Lucas, 2015)

É válido ressaltar que 25 das 30 entrevistadas (sendo 12 delas de 1993 e 13 de 2013)exerciam atividade profissional no momento da pesquisa, e que 19 delas já possuíam graduação concluída (12 de 1993, e 7 de 2013), e outras 10 participantes cursavam a graduação (3 de 1993, e 7 de 2013). Desse modo, percebemos que nossas participantes, em sua maioria, possuíam características favoráveis a sua própria capacidade de prover sustento financeiro.Por esse motivo consideramos ser possível que os argumentos que valorizam a capacidade de prover masculina possam estar apontando para a busca por um companheiro com quem possam compartilhar afinidades e responsabilidades financeiras, e não de quem dependerão totalmente financeiramente.

Outra explicação é referente a *características dele que se aproximam de valores morais*, ou seja, foram mencionados atributos do homem que sinalizam virtudes morais dele como justificativa para dar início a um relacionamento. Os valores morais mencionados foram o respeito, a fidelidade, a paciência e o amor como virtude. Dizemos que pertencem ao campo moral, pois remetem a formas respeitosas de relacionamento (La Taille, 2009, Piaget, 1932/1994) em que o outro necessariamente é reconhecido como ser de igual valor (Comte-Sponville, 2007).

Percebemos que as virtudes morais foram mencionadas com uma baixa frequência se comparadas ao total de justificativas emitidas pelas mulheres, o que pode ser coerente com o

crepúsculo do dever inerente à atualidade (La Taille, 2009), e com os relacionamentos amorosos descritos por Bauman (2004), cuja função é de garantir uma satisfação pessoal, o que não necessariamente envolveria valores morais, uma vez que estes dizem respeito a relações entre iguais, e não relações que busquem exclusivamente vantagens pessoais.

Ainda é válido ressaltar que esse tipo de argumento foi mais predominante entre as mulheres entrevistadas em 2013, evidenciando que tal característica parece ter recebido maior destaque nos últimos anos. Consonantes com os nossos dados, Coutinho e Menandro (2010) também constataram, em sua pesquisa, uma valorização da fidelidade e do respeito como requisito para o relacionamento amoroso dentre as mulheres casadas na década de 1990. Por outro lado, para aquelas casadas algumas décadas antes, em 1960, a união amorosa deveria durar por toda a vida, mesmo que a fidelidade e o respeito estivessem ausentes na relação. Ou seja, com base no estudo de Coutinho e Menandro (2010), e nos relatos das nossas entrevistadas, nos últimos anos as mulheres parecem estar cada vez mais exigentes quanto a presença da fidelidade e do respeito no relacionamento.

Diante do aumento da valorização das virtudes morais entre as entrevistadas de 2013, quando comparadas às de 1993, levantamos a possibilidade de que as primeiras vivenciam uma ausência de valores morais na sociedade e a fragilidade dos vínculos de forma mais intensa que as segundas, e também, de modo oposto, um retorno da valorização das virtudes dentro dos relacionamentos, resultando assim no destaque de algumas virtudes morais para a escolha amorosa. Nesse mesmo sentido,Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) ressaltam que o contexto de instabilidade dos relacionamentos da atualidade pode estar levando as pessoas a buscarem pelo seu oposto, isto é, valorizar relacionamentos que reflitam segurança para os envolvidos. Consideramos que novos estudos devem ser realizados a respeito da relação entre percepção da fragilidade dos vínculos e da ausência de virtudes na cultura atual, e da valorização das mesmas na escolha amorosa.

Quanto à menção do respeito como motivo para iniciar um relacionamento, é possível que tal escolha esteja indicando uma tentativa de construir uma relação de cooperação, uma vez que o respeito mútuo é apontado por Piaget (1932/1994) como característica fundamental das relações entre iguais regidas pela reciprocidade, na qual a autonomia moral pode ser exercida por todos os envolvidos. Consideramos importante que sejam realizadas pesquisas acerca do tipo de respeito (unilateral ou mútuo) evocado na escolha do parceiro amoroso, bem como da forma como são estabelecidos dentro do relacionamento amoroso.

Já no que se refere ao amor como valor moral, salientamos que nesse tipo de resposta, as participantes enfatizaram o amor como um valor do companheiro, como ilustrado no relato de Alice ***"Tem valores como (...) o amor ao próximo, sabe?"***, o que diferencia esse tipo de resposta do amor como um sentimento, que mencionaremos nos resultados a seguir. O amor enquanto valor mencionado pelas participantes parece remeter ao amor *ágape* descrito por Comte-Sponville (2007), que é um amor divino, universal e altruísta, pois é ofertado e ao próximo, e que corresponde a um desejo de proporcionar o bem a todos.

As entrevistadas de 2013 ainda mencionaram *outras características dele*, que envolveram qualidades muito diferentes entre si. Desse modo, foram citadas como motivo para iniciar um relacionamento o fato do parceiro ser religioso, ou ainda por ser bonito ou elegante. As quatro primeiras categorias apresentadas somam 93 das 143 justificativas totais, e todas recorrem às características pessoais do parceiro como fundamento para a escolha amorosa, evidenciando que as mulheres entrevistadas têm se mostrado bastante criteriosas quanto às qualidades masculinas para a escolha de um parceiro. Esta tendência é mais predominante nas mulheres entrevistadas no presente em relação às características morais, que favorecem a convivência, e outras características, uma vez que esse tipo de resposta foi maior entre as participantes da atualidade.

Outra explicação foi pautada nos *sentimentos próprios*quanto ao parceiro, como motivo para dar início ao relacionamento amoroso, sendo que esta foi mencionada de forma mais predominante entre asmulheres de 1993. Desse modo, essas mulheres apontam que decidiram iniciar a relação devido aos seus próprios sentimentos. Nesse sentido foram mencionados sentimentos (sentimentos inespecíficos, paixão, amor e felicidade), e ainda atração física e admiração que ela sentia por ele. De tal forma, indo ao encontro desse resultado, outros pesquisadores constataram que entre jovens (Lago, 2002) e adultos (Zordan*et al.* 2009) os sentimentos, em especial o amor, têm sido apontados como fundamental para dar início ao namoro, uma vez que o amor pode construir o elo de ligação entre os enamorados (Lago, 2002).

Nesse caso as participantes se referem ao amor como um sentimento que tinham em relação ao homem, como ilustra a fala de Paloma ***"Mas eu, eu senti nesse momento (...) uma coisa de muito amor"***. Pesquisas também indicam que o amor é concebido como um sentimento desde a infância (Alves, Alencar, & Ortega, 2012, 2014), sendo associado a relacionamentos amoroso por adolescentes (Alves *et al.*, 2015b) e adultos (Alves *et al.*, 2015a).

Asformas de amor que foramrelatadas nas entrevistas podem ser aproximadasdo amor *eros* que Comte-Sponville (2007) relata, pois este é o amor intenso que remete à paixão descrita pelas entrevistadas. Além disso, percebemos traços que se assemelham ao amor *philia*, que correspondente ao amor que gera felicidade pela presença do ser amado, sendo esta felicidade também mencionada entre as participantes. Verificamos assim, o entrelaçamento entre amor, paixão e alegria, ou o vínculo entre *eros* e *philia*, pois, no entender do referido autor, podemos "amar apaixonadamente, ao mesmo tempo em que alegremente" (2007, p.275).

As entrevistadas assinalaram ainda a admiração que sentiam pelo companheiro, o que poderia ser esperado, uma vez que, de acordo com Almeida (2008), a admiração pode constituir um princípio necessário à seleção de um parceiro.Segundo este último autor,da admiração pode nascer o amor e o desejo de estabelecer um laço afetivo, pois ela aponta para características que almeja para si, as quais se deseja incorporar por meio da formação da unidade amorosa (Almeida, 2004, 2008).

Algumas participantes do passado (de 1993) descreveram que a decisão foi baseada na *maturidade pessoal,* ou seja, as entrevistadas afirmaram identificar a própria maturidade. Se nas primeiras categorias encontramos características pessoais do parceiro, nas duas últimas (*sentimentospróprios*e *maturidade pessoal*) percebemos exclusivamente características da própria mulher como fundamento para escolher um parceiro amoroso.É interessante observar que a maior parte dos *sentimentos próprios*foramemitidas pelas entrevistadas de 1993, evidenciando que as mulheres dessa época deram maior ênfase aos próprios sentimentos para dar início a um relacionamento amoroso, se comparadas às entrevistadas do momento atual.

Diante dos dados constados na presente pesquisa, identificamos que as mulheres da geração passada manifestam maior inclinação para estabelecer um relacionamento pautado nos em seuspróprios sentimentos em relação ao parceiro, sendo este um critério que pode ser considerado mais pessoal. Por sua vez, na atualidade parece crescer a propensão pela seleção baseada nas características pessoaisdo companheiro. Assim, as entrevistadas de 2013 se mostraram mais exigentes com as capacidades individuais do companheiro de manter uma boa convivência, e de estabelecer um relacionamento respeitosopor meio de valores morais.

Esses resultados podem ser coerentes com os escritos de Del Priore (2012), uma vez que, no passado recaia sobre a mulher a responsabilidade de manter o relacionamento, e nesse sentido consideramos que seria razoável que as mulheres, algumas décadas atrás, se pautassem nas próprias características (sua maturidade, por exemplo) e sentimentos para

iniciar um relacionamento, como foi indicado em nossa pesquisa, uma vez que seria sua responsabilidade garantir também a manutenção do mesmo.

Por outro lado, de acordo com a autora já mencionada, nos últimos anos a responsabilidade pela manutenção do relacionamento começou a recair sobre ambos, o que supomosestar de acordo com a fato de que a escolha de um parceiro na atualidade se paute mais nas características e naquilo que ele tem a oferecer dentro do relacionamento, como constatamos entre nossas entrevistadas. Ademais, a referida autora descreve que a crescente autonomia que a mulher vem conquistando na sociedade permite que ela seja mais criteriosa ao decidir se e com quem estabelecerá e manterá um relacionamento amoroso, o que também pode explicar porque as entrevistadas da atualidade apresentam-se mais criteriosas quanto às características do parceiro em sua escolha amorosa.

Outro motivo declarado para dar início ao relacionamento foram *afinidades e diferenças entre o casal*, sendo que 13 justificativas que enfatizavam afinidades, e apenas 4as diferenças. As afinidades versaram sobre projetos de vida, objetivos profissionais e financeiros, hábitos, gostos e valores semelhantes. Já as diferenças deram ênfase às características destoantes ou opostas que os tornava melhores enquanto casal, pois proporcionavam equilíbrio e complementaridade. Destacamos que esta categoria faz menção a aspectos do casal, ou seja, estabelecem uma relação entre os dois envolvidos, falando daquilo que é comum a ambos. De modo diferente, as categorias anteriormente descritas faziam referência a aspectos pessoais, hora envolvendo as características do parceiro, hora os sentimentos e maturidade das mulheres.

Resultado semelhante foi encontrado por Silva *et al* .(2010) e Zordan*et al*. (2009), que constataram que, para adultos, as afinidades entre o casal constituem motivação para decisão para o casamento, assim como as diferenças complementares. Segundo Almeida (2004), as afinidades e diferenças complementares permitem formar uma ‘equipe’ em que cada parte

tem capacidades diferentes, que juntas tornam o casal mais capaz que os indivíduos, auxiliando dessa forma para que objetivos comuns e satisfações pessoais sejam alcançados com maior facilidade. Postas as principais discussões quanto a escolha de iniciar o relacionamento amoroso, seguiremos as considerações finais que pudemos tecer acerca dos resultados obtidos.

Considerações finais

As participantes conheceram as pessoas com quem convivem em conjugalidade principalmente em ambientes formais, o que proporcionou notadamente uma aproximação gradual do casal. Algumas entrevistadas também conheceram seus respectivos parceiros em ambientes informais, quando foi mais propícia uma aproximação rápida entre os envolvidos.

Constamos também que os principais argumentos apontados pelas mulheres para dar início a um relacionamento amoroso pautam-se nas características do parceiro, de forma mais predominante entre as entrevistadas em 2013, que enfatizaram mais as *características que favorecem a boa convivência,que se aproximam de valores morais e outras características dele*. Desse modo, verificamos que as mulheres entrevistadas no presente têm se mostrado bastante criteriosas quanto às capacidades pessoais do companheiro amoroso de favorecer uma boa convivência e de promover relações respeitosas.

Frente a todas justificativas postas para dar início a um relacionamento, as virtudes morais têm sido mencionadas com frequência muito baixa. Considerando que as virtudes morais se referem a formas respeitosas de relacionamento em que o outro é reconhecido como ser de igual valor (Comte-Sponville, 2007; La Taille, 2009),sugerimos que mais investigações sejam realizadas acerca da pequena ênfase que elas têm recebido na decisão de dar início a um relacionamento.Por outro lado, a menção às virtudes morais aumentou entre as

entrevistadas de 2013, evidenciando um possível movimento de resgate à valorização das virtudes na escolha amorosa, mesmo que ainda pouco frequente. Ora, é possível que, assim como descrito por Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), o atual contexto de instabilidade das relações amorosas (Bauman, 2004) esteja levando a um aumento na busca por valores que reflitam maior segurança no relacionamento, tal como valores de fidelidade, respeito, paciência e amor.

Dentre as *características dele que se aproximam de valores morais*, há a indicação do respeito como uma justificativa para dar início a um relacionamento. Tal menção ao respeito pode estar indicando a tentativa de se construir relações de cooperação baseadas no respeito mútuo e propicias ao exercício da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Desse modo, é importante que sejam realizados estudos que investiguem os tipos de respeito relacionados aos critérios de escolha amorosa, bem como os tipos de relações que se busca estabelecer por meio dele.

Acrescentamos a isso a diminuição da ênfase nos sentimentos e características próprias para a decisão de iniciar um namoro, uma vez que as mulheres o fizeram de forma mais predominante em 1993 do que em 2013. Assim, percebemos que as mulheres de 1993 enfatizaram um critério que pode ser considerado mais pessoal, que são seus próprios sentimentos, enquanto que as de 2013 destacaram principalmente as características pessoais dos parceiros, que favorecem a boa convivência e que se aproximam dos valores morais.

É válido ressaltar ainda que,de uma forma geral,grande parte dos argumentos das mulheres se pautounas características do parceiro, em seus próprios sentimentos, ou ainda em sua maturidade, dando grande ênfase a aspectos pessoais próprios das mulheres entrevistas ou nas características pessoais dos parceiros. É apenas na justificativa relacionada às *afinidades e diferenças* que encontramos referência a aspectos que façam menção ao casal, salientando características semelhantes ou opostas ao considerar os dois de forma conjunta.

Por fim, a literatura indica que diferentes aspectos da escolha amorosa, como a escolha baseada nas características do companheiro, baseado nos próprios sentimentos e na valorização das afinidades e diferenças do casal (Almeida, 2004, 2008; Zordan*et al.*, 2009), aspectos esses indicados por nossas participantes, podem estar apontando de variadas formas para a busca da satisfação pessoal. Tal interpretação é favorável à análise do amor na cultura contemporânea proposta por Bauman (2004), que favorece a construção de relacionamentos frágeis e instáveis. Contudo, ressaltamos que tal relação com a satisfação pessoal não pôde ser observada nos argumentos emitidos na presente pesquisa. Sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas acerca da relação entre as justificativas para iniciar um relacionamento amoroso e a busca de satisfação.

Consideramos que o estudo acerca de como relacionamentos amorosos são estabelecidos pode trazer importantes contribuições, tanto no que diz respeito a compreensão de como tais escolhas podem relacionar-se com a moralidade, como na elaboração de propostas de intervenção para o fortalecimento de relacionamentos baseados em formas respeitosas que permitam a prática da autonomia moral.

Referências

Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: um estudo sob a ótica feminina* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia*, 22(1), 15-22. Recuperado de http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12765.

Almeida, T. (2008). *Fatores que influenciam o desenvolvimento do namoro*. Artigo apresentado no Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde mental e violência: Contribuições no campo da Psicologia Clínica Social, São Paulo, SP. Recuperado de http://www.artigonal.com/relacoes-amorosas-artigos/fatores-que-influenciam-o-desenvolvimento-do-namoro-735930.htm

Altafim, E. R. P., Lauandos, J. M., & Caramaschi, S. (2009). Seleção de parceiros: Diferenças entre gêneros em diferentes contextos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 117-129. Recuperado de http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=539481&indexSearch=ID.

Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2012). Exemplos sobre a importância do amor: estudo com crianças no contexto da moralidade**.** *Temas em Psicologia*, *20*(1), 261-272. Recuperado em de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2012000100019&script=sci_arttext

Alves, A. D., Alencar, H. M. D., & Ortega, A. C. (2014). Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 e 9anos. *Revista Psicopedagogia*, *31*(94), 21-34. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000100004

Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015a). Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas. *Revista de Ciências Humanas e Arte*s *(Online)*, 21(1), 105-131. Recuperado de http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v21n1/00_arius_v21_n1_2015_edicao_completa.pdf#page=105.

Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015b). Estudo exploratório acerca da concepção do amor e possibilidade de amar para adolescentes. *Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da FAINOR*, *8*(1), 158-173. Recuperado de http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/353/225.

Barros, J. (2012). *Relações amorosas no local de trabalho: eu e os outros* (Dissertação de mestrado). Recuperado de http://hdl.handle.net/10071/6368.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humano* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja em la actualidad: Jóvenes en busca de estabilidad. *Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505-517. doi: 10.11600/1692715x. 14134271014.

Brito, R. C. S., Silva Júnior, M. D., & Henriques, A. L. (2009). Critérios de escolha de parceria amorosa em mulheres climatéricas e menopausadas. *Revista do NUFEN*, 1(2), 55-74. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200005

Comte-Sponville, A. (2007). *Pequeno tratado das grandes virtudes* (E. Brandão, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1995).

Correa, H. V. V. (2011). *Critérios utilizados na seleção de parceiras amorosas em relacionamentos de curto e longo prazo entre mulheres de orientação homossexual em idade reprodutiva* (Tese de doutorado). Recuperado de http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5346/1/Dissertacao_CriteriosUtilizadosSelecao.pdf.

Coutinho, S. M. D. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações:" Que seja terno enquanto dure". *Psicologia clínica*, 22(2), 83-106. doi: 10.1590/S0103-56652010000200007

Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo,SP: Contexto.

Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Obra original publicada em 2001).

Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: teoria e prática*, 10(1), 95-112. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100008.

Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rio de Janeiro,RJ: Editora Rosa dos Tempos.

Guelfi, E. C., Frasson, C. A., & Baltazar, J. A. (2006). Análise dos fatores que levaram à escolha do cônjuge em indivíduos pesquisados na cidade de londrina e região. *Terra e Cultura*, (43), 81-89. Recuperado de http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n43/terra_08.pdf.

La Taille, Y. (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si.* Porto Alegre,RS: Artmed.

Lago, S. P. (2002). *Namoro pra Escolher (com quem casar): idéias e práticas de namoro entre jovens em Belém/PA.* Artigo apresentado nos Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, MG. Recuperado de http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1250/1214

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança.* (4a ed.) (E. Lenardon, Trad.). São Paulo,SP: Summus. (Obra original publicada em 1932).

Resolução 466/2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. (2012). Ministério da Saúde, Brasília. Recuperado de http://www.conselho.saude.gov.br.

Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando familias*, 19(1), 61-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006

Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia (Campinas)*. 27(3) 383-391. Recuperado de http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98803.

Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. D. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003.

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009).Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&tlng=es.

2.2.Artigo Dois:Aspectos Morais na Decisão para o Casamento

Aspectos Morais na Decisão para o Casamento Segundo Mulheres de Duas Gerações

Moral Aspects in Marriage Decision According to Two-Generation Women

Resumo

Objetivamos comparar, sob a perspectiva da moralidade, os discursos de mulheres casadas em períodos distintos (1993 e 2013) em relação às justificativas por elas apresentadas para a decisão de se casarem. Para tanto, foram entrevistadas 30 mulheres casadas, de 20 a 30 anos, sendo que metade delas foi entrevistada em 1993 e a outra metade em 2013. Para análise dos dados priorizamos uma abordagem qualitativa segundo o proposto por Delval (2002). Nos resultados identificamosque as mulheres entrevistadas no tempo mais atualressaltam aspectos práticos para a sua escolha, tais como estabilidade financeira, e o conhecimento mútuo do casal. Já asentrevistadas do período passadoapresentaram predominantemente justificativas relacionadas ao campo dos desejos, como o desejo que ela e seu parceiro tinham de estar junto, e também o desejo de outras pessoas sobre a realização do casamento. Ademais, as participantes enfatizaram as justificativas relacionadas às características, sentimentos, desejos e necessidadescomuns ao casal. Consideramos que esses resultados podem fornecer subsídios teóricos para elaboração de intervenções profissionais que visem a proporcionar a construção de relacionamentos amorosos respeitosos e duradouros em oposição à atual fragilidade dos vínculos.

Palavras-chave: Moralidade; relacionamento amoroso; casamento.

Abstract

We aim to compare, from the perspective of morality, the speeches of married women in different periods (1993 and 2013) in relation to their justifications on their decision to get married. To that end, 30 married women, aged between 20 and 30, were interviewed, half of whom were interviewed in 1993 and the other half in 2013. To analyze the data, we applied a qualitative approach as proposed by Delval (2002). In the results we identified that women interviewed in 2013 highlight the practical aspects of their choice, such as financial stability, and the couple's mutual acquaintance. The interviewees from 1993 have predominantly presented more personal justifications, such as the will to be together, and also the will of other people. In addition, the participants emphasized the justifications related to the characteristics, feelings, wishes and to the couple's common needs. We believe that these results can provide theoretical inputs for the elaboration of professional interventions to support the construction of respectful and lasting love relationships in opposition to the current fragility of human bonds.

Keywords: Moralility; love relationship; marriage.

Temos por objetivo nesse estudo realizar uma comparação, sob a perspectiva da moralidade, dos discursos de mulheres casadas em períodos distintos (1993 e 2013) em relação às justificativas para sua decisão pelo casamento ou pela convivência diária com o parceiro amoroso. O questionamento mostra-se pertinente frente constantes mudanças ocorridas nas formas de estabelecer relacionamentos amorosos ao longo da história moderna. Para melhor esclarecer, a seguir apresentaremos alguns dos principais aspectos que tem influenciado o contexto dos relacionamentos na atualidade.

Na atualidade há grande apreciação do amor como base para o casamento, e esta noção é reflexo de uma construção moderna, pois apenas ganhou força a partir da época da revolução industrial (Araújo, 2002; Ferry, 2013), inicialmente no meio operário, e posteriormente se expandindo para a burguesia (Ferry, 2013), sendo que antes disso os casamentos eram caracterizados como negociações familiares e financeiras (Del Priore, 2012; Ferry, 2013), e o amor e a paixão, quando vivenciados, o eram geralmente de forma extraconjugal (Araújo, 2002).

Na era moderna, então, tanto o amor quanto a sexualidade passaram a participar da expectativa matrimonial (Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013). Além disso, Del Priore (2012) descreveu que diversas mudanças vêm ocorrendo nas últimas décadas, de modo geral, proporcionando maior liberdade (em especial para as mulheres) em estabelecer e desfazer relacionamentos de acordo com sua capacidade de proporcionar felicidade e amor. A esse respeito, Zordan*et al.* (2009) constataram, em uma pesquisa com adultos solteiros, que a possibilidade de vivenciar o amor e a realização emocional constituiria base para o desejo de se casar.

De modo semelhante, em outra pesquisa, Wagner *et al.*(1997) obtiveram que adolescentes acreditam no amor como base do casamento. Contudo, esse tipo de matrimônio pode ser fragilizado, já que poderia ser desfeito caso não possa sustentar a satisfação emocional e amorosa dos envolvidos (Zordan*et al.*, 2009). Além disso, de acordo com a pesquisa de Borges*et al.*, (2014), segundo os adultos entrevistados, a continuidade do matrimônio na ausência do amor pode ser considerada até mesmo uma hipocrisia.

Ademais, outra mudança recente descrita por Del Priore (2012) é a crescente liberdade em vivenciar a sexualidade, em especial entre as mulheres, que algumas décadas atrás viviam um grande tabu em torno desse tema, sendo que culturalmente o prazer feminino era condenado, em especial antes do casamento. Na era moderna, então, tanto o amor quanto a

sexualidade passaram a participar da expectativa matrimonial (Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013), e na atualidade vem sido estabelecida crescente liberdade sexual que permite às mulheres, e principalmente aos homens, que experienciem sua sexualidade sem que o casamento constitua pré-requisito para tal (Del Priore, 2012; Falcke&Zordan, 2010).

De modo coerente, pesquisas descrevem que o desejo de vivenciar um relacionamento sexual não constitui hoje motivação para a decisão de um casamento (Falcke&Zordan, 2010; Zordan*et al.*, 2009). Segundo Araújo (2002), hoje a sexualidade de um casal é de grande importância para a satisfação e durabilidade ao próprio relacionamento.

Já em relação ao amor atrelado ao casamento, Comte-Sponville (2007) descreveu que o amor pode assumir diferentes formas, sendo que o amor *eros* seria comum de ser encontrado no início de uma relação amorosa, que é o amor apaixonado e intenso, que busca no objeto de amor uma saciedade daquilo que lhe falta. Seria, portanto, o entrelaçamento entre amor e paixão que podem ser intensamente vividos nessa etapa inicial do relacionamento. O referido autor ainda descreve que a convivência da relação pode levar ao desenvolvimento de um amor *philia*, em que é sentida felicidade com a presença do objeto de amor, ao qual se busca proporcionar o bem sem nada esperar em troca.

O amor e a paixão descritos pela literatura (Araújo, 2002; Bauman, 2004; Comte-Sponville, 2007; Del Priore, 2012), foram associados à noção de casamento no século passado, e ainda encontram força no discurso de jovens e adultos na atualidade (Borges *et al.*, 2014; Coutinho &Menandro, 2010; Wagner *et al.*, 1997; Zordan*et al.*, 2009).

Por outro lado, o estudo desenvolvido por Borges *et al.* (2014), revelou que, entre os adultos entrevistados, o casamento tem assumido caráter individual na atualidade. Ou seja, é esperado que o matrimônio seja capaz de favorecer a liberdade individual de cada envolvido. A pesquisa mostrou ainda que constituir uma família e ter filhos também podem se constituir

como planos individuais, nos quais um companheiro é desejável, mas não é indispensável. Contudo, esta visão parece não ser unânime.

Outras pesquisas constataram que, para adolescentes (Wagner *et al.*, 1997) e adultos (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont*et al.*, 2006), a opção pelo casamento se fundamenta na expectativa de constituir um lar e uma família, onde filhos poderiam ser gerados, a intimidade e o tempo de convivência do casal pudessem aumentar (Fonseca & Duarte, 2014), e no qual o comprometimento e envolvimento na relação amorosa seriam influentes sobre o casamento e a constituição da nova família (Milfont*et al.*, 2006). Assim sendo, a opção pelo casamento poderia também ser construído ao lado de outrem, ou em outras palavras, de modo coletivo.

Acrescentaremos a essa análise, outro aspecto que o casamento tem assumido na atualidade: nos últimos anos diferentes pesquisas têm identificado que, apesar de valorizado, ele tem sido adiado ou considerado com importância menor quando comparado a projetos de desenvolvimento acadêmico, profissional e econômico (Chaves, 2010; Falcke&Zordan, 2010; Secco& Lucas, 2015; Wagner *et al.*, 1997; Zordan*et al.*, 2009).

Ainda a respeito do casamento, Alencar (1993) identificou entre mulheres casadas em 1993, uma diminuída expectativa feminina sobre o papel de provedor que antes o homem ocupava no matrimônio, e uma valorização da capacidade de ambos para prover financeiramente o lar. Coutinho e Menandro (2010), em uma pesquisa com mulheres de duas gerações diferentes, casadas em 1960 e em 1990, constataram que, para a primeira geração, o casamento era único projeto de vida valorizado, enquanto que para a segunda geração, ele passou a ser coordenado com outros projetos, como estudar e ter uma carreira.

Estesestudos se aproximam do relato de Del Priore (2012), pois, segundo a autora, as mudanças ocorridas nas últimas décadas têm levado a uma liberdade crescente para a mulher

se desenvolver acadêmica e profissionalmente, uma vez que se reduziu a expectativa de que ocupasse exclusivamente a função de esposa, mãe e dona de casa.

Ademais, em décadas passadas, a pressão social constituía eixo central para a decisão pelo casamento, (Alencar, 1993), o que parece ter se reduzido com o passar das últimas décadas (Coutinho &Menandro, 2010; Del Priore, 2012). Contudo, a expectativa familiar ainda se mostra influente sobre a decisão para o casamento (Silva*et al.*, 2010; Zordan*et al.* 2009).

De forma geral, constatamos que o cenário parece estar apontando para uma tendência da busca da liberdade pessoal e satisfação individual, no qual o matrimônio tem função de auxiliar a vivenciar a felicidade e o amor (Bauman, 2004;Del Priore, 2012). Por outro lado, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) consideram que é possível que o atual contexto de instabilidade dos relacionamentos possa impulsionar as pessoas a buscarem o oposto, ou seja, por relações mais estáveis e seguras. Ademais, percebemos que o casamento pode se constituir projeto individualizado (Borges *et al.*, 2014), ou que envolva o outro como parceiro igual (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont, *et al.*, 2006; Wagner *et al.*, 1997).

Além disso, reconhecemos que na cultura atual há uma tendência para o estabelecimento de relacionamentos frágeis, em que o outro pode não ocupar lugar de um igual, mas de instrumento para a satisfação pessoal (Bauman, 2004; Del Priore, 2012). Este aspecto da atualidade pode ser preocupante, uma vez que é sabido, por meio dos escritos legados por Piaget(1932/1994), que há grande importância em se estabelecer relações de reciprocidade onde o outro seja reconhecido como um igual, e em que respeito mútuo seja preconizado, pois é apenas em um ambiente com essas características que a autonomia moral pode ser desenvolvida e posta em prática.

Frente a isso, consideramos pertinente indagar como o outro pode ser inserido no projeto de se casar, uma vez que, se constituído de forma individual, torna-se pouco provável que sejaconstruída uma relação de reciprocidade, o que pode não favorecer a prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Por outro lado, incluir o outro como seu igual, podeser coerente com a moral e a ética descritas por La Taille (2006). Nesse sentido, é importante mencionarmos os referenciais teóricos da moralidade que guiam o objetivo deste estudo, e as formas como podem dialogar com os diferentes tipos de relações.

Segundo La Taille (2006), podemos considerar a moral pertinente ao campo que responde à pergunta ‘como devo agir’, ou seja, corresponde ao âmbito dos deveres, às formas de agir perante o outro, estando intimamente ligado aos modos de relacionamento com outrem. Já o plano ético responde à questão ‘que vida quero viver', definindo assim uma dimensão de uma vida que valha apena ser vivida, incidindo sobre uma idealização de uma vida boa para si e que inclua outrem como ser de valor (La Taille, 2006).

Podemos adicionar que, do ponto de vista da moralidade, a capacidade de estabelecer relações recíprocas é de fundamental importância. De acordo com Piaget (1932/1994), o desenvolvimento moral se inicia por um estágio de *heteronomia*, no qual as regras são confundidas com aquele que as determina, compondo assim relações de assimetria, em que o respeito é unilateral, dirigido à figura de autoridade. Esse tipo de relações não favorece o exercício da autonomia intelectual ou moral.

Por outro lado, uma vez que o sujeito começa a internalizar as leis é possível que passe a avaliar as normas de forma mais refinada, desenvolvendo sua capacidade de julgar por si mesmo aquilo que moralmente é bom ou ruim. Para tanto, é necessário um relacionamento de respeito recíproco e mútuo, em que todos os envolvidos possam expressar tal autonomia moral (Piaget, 1932/1994). É válido ainda destacar os escritos de Gilligan (1982), outra autora

que realizou uma diferente análise da moralidade. Em sua obra, ela realiza uma distinção entre uma *ética da justiça*, e uma *ética do cuidado*.

De acordo com a referida autora, a *ética da justiça*é caracterizada por uma valorização dos direitos e da justiça que podem ser alcançados por meio do exercício da racionalidade lógica. Desse modo, pode haver uma preocupação em viabilizar ao outro aquilo que é seu por direito, e em promover a justiça. Por sua vez, a *ética do cuidado* caracteriza-se pela sensibilidade que preza pela singularidade e necessidades do outro, promovendo desse modo atenção e cuidadopara si a para outrem (Gilligan, 1982).

Tendo apresentado diversos aspectos dos relacionamentos amorosos e dos estudos acerca da moralidade, ressaltamosque os seguintes aspectos múltiplos levam ao interesse pela presente pesquisa: a relevância da moralidade para o estabelecimento de relações respeitosas e autônomas (La Taille, 2006; Piaget, 1932/1994), a tendência atual para a busca da satisfação pessoal (Bauman, 2004; Del Priore, 2012), e a possibilidade de estabelecer o casamento de modo individualizado (Borges *et al.*, 2014) ou coletivo (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont*et al.*, 2006; Wagner *et al.*, 1997). Assim sendo, consideramos pertinente a investigação das justificativas de jovens mulheres casadas para se estabelecer um casamento.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 30 mulheres casadas, de 20 a 30 anos, sem filhos, e pertencentes à classe média, sendo que metade delas foi entrevistada em 1993 no Rio de Janeiro por Alencar (1993), e a outra parte em 2013 na Grande Vitoria. É válido ressaltar que foram consideradas mulheres casadasaquelas que assim se declaravam, não sendo exigido delas nenhum tipo de oficialização da união. Desse modo, questionamos às mulheres a

respeito do momento que passaram a considerar-se casadas, seja por meio de uma cerimônia oficial, ou do momento em que iniciaram a coabitação.

Instrumento e Procedimentos de Coleta

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais baseadas em um roteiro de perguntas básicas. As perguntas abordaram dados de caracterização das participantes, como formação acadêmica, atividade profissional, tempo de relacionamento anterior ao matrimônio (ou início da coabitação), e uma questão acerca das justificativas para sua decisão de se casar ou de passar a conviver com o parceiro amoroso atual.

As mulheres entrevistadas em 2013 assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e para a pesquisa foram seguidos os procedimentos éticos previstos pela Resolução nº 466\2012 (2012) do Conselho Nacional de Saúde. Obtivemos parecer favorável do Conselho de Ética. Às entrevistadas de 1993, respeitando a legislação em vigor na época, foi requerido consentimento verbal na ocasião da entrevista.

Tratamento e Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas, analisadas e em seguida foram estabelecidas categorias de tipos de respostas, de acordo com o método proposto por Delval (2002), de leitura e releitura sistemática de todos os protocolos até que se tornem claras tendências de tipos dejustificativas. Por fim, realizamos uma contagem das frequências das respostas ecomparamos as semelhanças e diferenças nas frequências dos dois grupos de participantes, de 1993 e de 2013. Discutimos apenas as diferenças mais evidentes, quando o percentual de respostas apresentou discrepância maior que sete por cento entre os dois grupos entrevistados.

Resultados e discussão

Foi questionadoàs mulheres quais motivos que as levaram a decidir por casarem-se (ou passarem a coabitar) com seus respectivos parceiros no momento que o fizeram. As entrevistadas puderam formularquantas justificativas achassem pertinentes à questão. Desse modo, salientamos que o 'n' de cada categoria representa a quantidade de repostas emitidas, e não o número de participantes que o fizeram. A distribuição de todas as categorias estabelecidas encontra-se ilustrada na **Tabela 2**.

Tabela 2 - Justificativas apresentadas pelas mulheres para a decisão de se casar ou coabitar com o parceiro atual.

CATEGORIAS	1993		2013		TOTAL	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
1) Estabilidade financeira	4	10,81	14	29,17	18	21,18
2) Sentimentos	5	13,52	5	10,41	10	11,76
3) Desejo de estar junto	9	24,32	1	2,08	10	11,76
4) Desejo de constituir família	4	10,81	5	10,41	9	10,59
5) Desejo de outras pessoas	5	13,52	3	6,25	8	9,41
6) Conhecimento mútuo	1	2,70	6	12,50	7	8,24
7) Idade/ maturidade	3	8,11	2	4,17	5	5,89
8) Pragmatismo/conveniência	1	2,70	2	4,17	3	3,53
9) Sexualidade	0	0,00	2	4,17	2	2,35
10) Privacidade	1	2,70	1	2,08	2	2,35
11) Características de parceiro ideal	0	0,00	2	4,17	2	2,35
12) Religiosidade	0	0,00	2	4,17	2	2,35
13) Outros	4	10,81	3	6,25	7	8,24
TOTAL	**37**	**100**	**48**	**100**	**85**	**100**

Ressaltamos que, no decorrer do texto apenas descreveremos e discutiremos os resultados mais expressivos, ou que apresentaram maior relevância dentro dos objetivos do presente estudo. Os dados de caracterização das participantes serão apresentados ao leitor no decorrer da discussão quando apresentarem implicação no que concerne a questão da decisão para o casamento.

O tipo de justificativa mais relatado pelas participantes foi ter alcançado a *estabilidade financeira*, ou seja, as entrevistadas salientaram que decidiram pela convivência diária naquele momento porque o seu parceiro, ou, na maior parte do casos, ambos já haviam estabelecido uma boa remuneração, estabilidade no emprego, adquirido imóvel próprio, sendo, então, um bom momento para optar por um casamento. Pesquisas anteriores também apontam que, na atualidade, o casamento tem sido considerado importante, mas adiado em favor de conquistas acadêmicas, profissionais e financeiras, sendo dessa forma considerado entre adolescentes (Wagner *et al.*, 1997), e adultos (Chaves, 2010; Falcke&Zordan, 2010; Secco& Lucas, 2015; Zordan*et al.*, 2009).

A esse respeito, constatamos em nossa pesquisa que as mulheres da geração atual parecem valorizar mais a estabilidade financeira como critério para a decisão de se casar se comparadas às mulheres entrevistadas há duas décadas, visto que esse tipo de argumento foi mais predominante em 2013. Salientamos que as mulheres entrevistadas nos dois períodos de tempo possuíam características de desenvolvimento acadêmico e profissionalmuito semelhantes, uma vez que a maior parte delas possuía formação acadêmica de nível superior concluída ou em curso (todas as 15 entrevistadas de 1993, e 14 daquelas de 2013), e exerciam atividade profissional (12 de 1993, e 13 de 2013). Contudo, embora os dois grupos possuíssem, aparentemente, o mesmo nível de desenvolvimento acadêmico e profissional, há claramente um diferente nível de valorização deste aspecto.

Podemos considerar então que a diferença na valorização do aspecto financeiro expresso pelas entrevistadas parece estar relacionada a mudanças ocorridas no contexto cultural nas últimas décadas. Em uma pesquisa com duas gerações de mulheres casadas, Coutinho e Menandro (2010) constataram que no final do século XX, o casamento deixou a posição de principal projeto de vida para mulheres, para ser coordenado com outros projetos, como estudar e ter uma carreira. Ademais, percebemos que os estudos com adultos que têm

mostrado o casamento como projeto adiado em nome da estabilidade financeira são recentes (Chaves, 2010; Falcke&Zordan, 2010; Secco& Lucas, 2015; Zordan*et al.*, 2009), ou em outras palavras, foram realizados em anos mais próximos de 2013, e não pudemos encontrar dados semelhantes no início da década de 1990.

Outra justificativa para a decisão para a convivência diária, mencionada pelas mulheres que participaram do nosso estudo, versa sobre os *sentimentos* que elas e seus companheiros sentiam mutuamente, sendo que foram mencionados como sentimentos amor, paixão, saudade e sentimentos inespecíficos. Estudos anteriores também constataram que o amor tem sido considerado como base para a decisão do casamento para os adolescentes (Wagner *et al.*, 1997) e entre os adultos solteiros (Borges *et al.*, 2014; Zordan*et al.*, 2009). O amor como base para o casamento também pode estar relacionado a fragilidade dos vínculos, uma vez que a relação tende a manter-se apenas enquanto o amor puder ser sentido dentro do relacionamento (Bauman, 2004; Del Priore, 2012; Zordan*et al.*, 2009; Wagner *et al.*, 1997). A esse respeito, Borges *et al.* (2014) constataram, entre adultos, que a continuidade do casamento pode até mesmo ser considerado uma hipocrisia caso não seja baseado no amor e na paixão.

Salientamos ainda que a valorização do amor como premissa ao casamento, expressa pelas participantes, é uma noção moderna (Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013). Além disso, o amor referido pelas participantes pode ser compreendido como o amor *eros*, que é descrito por Comte-Sponville (2007) como o amor do início de um relacionamento, sendo uma forma de amor intensa e apaixonada que se move pela busca por suprir o sentimento de que algo lhe falta. Essa noção é resgatada pelas mulheres ao salientarem a paixão intensa sentida por ambos, como relata Paloma "***eu acho que a gente se ama muito, muito. A gente é muito apaixonado um pelo outro e teria todos os motivos do mundo, quer***

dizer, para se casar*”,*e o sentimento de saudade, que remete à falta que se busca suprir com a união.

Outra explicação foi o *desejo de estar junto.*Ou seja, setejustificativasenfatizaram o desejo que ambos tinham de aprofundar o relacionamento, dividindo o espaço e a convivência diária, sendo que outras três também salientaram seu desejo pessoal.As falas assemelham-se àquilo que foi constatado por Fonseca e Duarte (2014) ao entrevistar casais, uma vez que a opção pelo casamento também se fundamentou na expectativa de aumentar a intimidade, e a convivência. Convém destacar que tal argumento foi consideradode modo mais predominante pelas entrevistadas do passado, sendo que apenas uma o fez em 2013. Contudo, não podemos encontrar, por meio da literatura, dados que possam explicar a manifestação desse tipo de argumento nas diferentes gerações de mulheres.

No entanto, verificamos que o tempo de relacionamento anterior a decisão para a convivência diária é diferente nos dois grupos entrevistados, sendo que boa parte das participantes de 1993 tiveram tempo de relacionamento anterior ao casamento inferior a três anos (n=7), enquanto as de 2013 tiveram tempo principalmente superior a três anos (n=11). Levantamos o questionamento se o menor tempo de relacionamento pode estar relacionado a maior intensidade do desejo de aprofundar o relacionamento e aumentar a convivência por meio do matrimônio.

Ademais, consideramos que na atualidade as mulheres tem acesso a diversas formas de ‘estar junto’ com seus parceiros que não eram possíveis algumas há décadas. Por exemplo, hoje é culturalmente mais aceito que namorados durmam juntos, fiquem na casa um do outro, ou viagem juntos, coisa que era culturalmente criticada na década de 1990. Além disso, hoje o grande acesso a diversos meios de tecnologia permitem o contato constante com as pessoas mesmo que estejam fisicamente distantes. É possível portanto que o contexto cultural e tecnológico atual esteja influenciando tal tipo de percepção.

O *desejo de constituir família* também foi apontado como motivo para a decisão pelo casamento.Nessa categoria, agrupamos argumentos referentes ao desejo constituir família (n=5, sendo n=1 entre as mulheres de 1993, e n=4 entre as de 2013), e ainda ao desejo específico de constituir uma família com filhos (n=4, sendo n=3 para 1993, e n=1 para 2013). De acordo com pesquisas anteriores, para adolescentes o casamento pode ser definido como a intenção de formar uma família (Wagner *et al.*, 1997), enquanto que, entre adultos, a decisão para o casamento é baseada na expectativa de constituir família e um lar onde filhos possam ser gerados e cuidados (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont*et al.*, 2006). Ademais, Milfont*et al.* (2006) afirmaram que o comprometimento e o envolvimento frente a relações afetivas são diretamente relacionados ao desejo de constituir família. Desse modo, podemos compreender que a decisão para o casamento relacionado ao desejo de constituir família pode ser um indicativo de envolvimento e comprometimento com o relacionamento afetivo estável com o parceiro amoroso.

Salientamos ainda que o desejo de constituir família e ter filhos foi expresso pelas mulheres, principalmente, como um desejo comum do casal, uma vez que oito das nove justificativas totais referiam-se a um desejo mútuo, e apenas uma referia-se ao desejo exclusivamente dela de constituir uma família com filhos, o que parece indicar que a constituição familiar pode estar sendo planejada pelo casal. O resultado é contrário ao encontrado por Borges *et al,* (2014), pois os adultos de seu estudo descreveram constituição familiar como um plano individual.

Ainda se mostrou influente o *desejo de outras pessoas*, ou seja, o desejo do namorado ou de familiares, sendo que este foi mais predominante entre as entrevistadas de 1993. As justificativas das entrevistadas revelaram dois diferentes aspectos relacionados ao *desejo de outras pessoas* para a decisão do casamento. Por um lado, cinco de oito (sendo trêsdas entrevistadas de 1993, e dois de 2013) manifestaram o desejo de outras pessoas como uma

pressão social de se casar, e então o casamento veio para cumprir com tal exigência exterior. Coutinho e Menandro (2010), bem como Alencar (1993) identificaram no discurso feminino a pressão social para o cumprimento de papéis sociais esperados para as mulheres de décadas passadas como influente para a decisão do casamento.

Os dados também vão ao encontro daqueles descritos por Zordan*et al.* (2009) e Silva *et al.* (2010), pois constataram que a expectativa familiar, se mantém relevante sobre as motivações para casar-se. Constatamos, portanto, que, embora a expectativa social sobre o cumprimento do casamento como parte da vida feminina venha se flexibilizando e perdendo força na atualidade (Del Priore, 2012), ainda se faz presente no discurso feminino, principalmente entre nossas entrevistadas de 1993, mas também nas de 2013.

Por outro lado, três argumentos (dois de mulheres de 1993 e um de 2013) apontaram para uma atenção da mulher sobre o desejo do outro, e um cuidado em gerar alegria ao satisfazer tal vontade. Essa noção nos remete a *ética do cuidado* descrito por Gilligan (1982), uma vez que essas entrevistadas, aparentemente, buscavam proporcionar cuidado para com o outro ao decidir por seu próprio casamento.

Em alguns casos, as entrevistadas expressaram que o *conhecimento mútuo* do casal, ou seja, o fato de ambos já conhecerem bem um ao outro, devido a convivência proporcionada no tempo de namoro, levaram a ambos sentirem-se prontos para a decisão. Esse tipo de argumento teve predomínio entre entrevistadas de 2013, sendo que, apenas uma participante do passado o fez. Ressaltamos, novamente, que se comparado o tempo de relacionamento anterior a decisão para o casamento, as entrevistadas em 2013 se relacionaram com o parceiro na maior parte das vezes por um tempo maior que as mulheres de 1993.

Desse modo, poderíamos considerar que seria coerente que as participantes que desenvolveram o relacionamento por um período mais longo, apresentassem argumentos

voltados ao conhecimento mútuo com maior frequência se comparadas àquelas com menor tempo de relacionamento.

Outras justificativas giraram em torno da ideia de que a *idade ou maturidade* dela, dele, ou de ambos já teria alcançado certo nível que promoveria a possibilidade de buscar por uma relação estável como o matrimônio. Também houve explicações que apontaram para o *pragmatismo ou conveniência* da decisão, ou seja, aspectos práticos que a convivência diária poderia proporcionar a ambos.

Algumas das entrevistadas alegaram que optaram por se casar (ou coabitar) devido a*sexualidade* do casal, ou seja, pelo desejo de ter relações sexuais que não poderiam ser praticadas no namoro devido às crenças religiosas dessas mulheres ou de suas famílias. Por meio da literatura, podemos avaliar que a sexualidade é um tema relevante no que diz respeito ao relacionamento amoroso, uma vez que o prazer sexual recíproco pode ser influente sobre a satisfação e durabilidade no relacionamento (Araújo, 2002).

É válido salientar que em pesquisas anteriores encontramos respaldo para pensar que a atual liberdade sexual tem constituído fator para adiar o matrimônio, uma vez que este não se faz necessário para expressão da mesma entre o casal (Falcke&Zordan, 2010), e que adultos solteiros têm discordado que o casamento possa ser motivado pelo desejo de vivenciar um relacionamento sexual (Zordan*et al.*, 2009).

É possível, portanto, que tal liberdade sexual da contemporaneidade seja responsável pela baixa frequência desse tipo de argumento. Salientamos que as únicas entrevistadas que assim o responderam, foram participantes que deram ênfase ao aspecto religioso que limita a liberdade da expressão sexual do casal antes do casamento, sendo, portanto, coerente que essa justificativa se faça presente nessa parcela específica das participantes.

Com baixa frequência, ainda foram mencionadas a *privacidade do casal*, como a expectativa de ambos em ter um tempo e um espaço exclusivo deles em que pudessem vivenciar privacidade e liberdade. Além disso, as *características de parceiro ideal*, ou seja, sem detalhar quais características seriam essas, as mulheres ressaltaram que seus companheiros possuíam características que elas valorizavam para um parceiro ideal. Algumas entrevistadas assinalaram ainda aspectos de sua própria*religiosidade* como fator importante para sua decisão.

Por fim, desejamos estabelecer um apontamento acerca dos resultados deste artigo como um todo. Analisamos aqui as justificativas de mulheres casadas para casar-se (ou passar a coabitar), e obtivemos argumentos de diferentes tipos, alguns de aspectos mais práticos e objetivos, como questões financeiras, grau de conhecimento entre o casal, destacado predominantemente pelas mulheres de 2013, e outros aspectos menos objetivos, da ordem dos desejos, que abordaram o desejo de estar junto e também o desejo de outras pessoas, mais mencionado pelas de 1993. Contudo identificamos como um traço comum a consideração de aspectos que fazem menção ao casal. Ou seja, ao serem questionadas sobre como decidiram se casar, respondem muitas vezes mencionando características, sentimentos, desejos e necessidade que elas consideram ser comum a ambos, falando, então, de uma visão de casal.

Desse modo,percebemos que as mulheres estabeleceram os motivos para a decisão pelo matrimonio baseadas na maior parte das vezes em características que, segundo sua visão, eram comuns aos dois envolvidos, como a estabilidade financeira de ambos (n=12), os sentimentos mútuos (n=9), o desejo comum de estar juntos (n=7), e de constituir família (n=8), o conhecimento que ambos tinham um do outro (n=7), a idade ou maturidade dos dois (n=1), a conveniência que geraria a ambos (n=3), a sexualidade do casal (n=2), e a privacidade necessária aos dois (n=2).

Ou seja, 51justificativas (sendo 32 das participantes entrevistas em 2013) de todos os 85 argumentos mencionados,remetem a aspectos conjuntos, e, portanto, percebemos que estes têm predominância no discurso feminino, principalmente entre as mulheres do momento atual. Ainda recordamos que parte das falas acerca do *desejo de outras pessoas* expressa uma preocupação em proporcionar o bem a outras pessoas, bem como o parceiro e familiares. Consideramos então, que a decisão para um casamento, e, portanto, um projeto a ser construído ao lado de outra pessoa, está sendo pautado por essas mulheres principalmente na consideração de aspectos comuns, indicando uma preocupação com outrem, em suascaracterísticas, sentimentos e desejos.

Dessa forma, existe a possibilidade de que tal visão esteja relacionada a uma tentativa de proporcionar uma vida boa que valha a pena ser vivida para si e para o outro, que poderia ser coerente com uma vida ética (La Taille, 2006), uma ética do cuidado (Gilligan, 1982), e ainda poderia ser vivenciada por meio de relações de reciprocidade e de respeito mútuo, que por sua vez são compatíveis com a prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Novas pesquisas poderão investigar melhor possíveis relações entre a atenção a aspectos comuns ao casal, e a busca por uma vida ética (Gilligan, 1982;La Taille, 2006), e por relações de reciprocidade na presença do respeito mútuo e da autonomia moral (Piaget, 1932/1994).

Em um contexto cultural de relacionamentos fluídos, que prioriza a liberdade individual e a satisfação própria (Bauman, 2004; Borges *et al.*, 2014; Del Priore, 2012), consideramos que os resultados obtidos no presente estudo parecem indicar um contraponto a tal cultura, uma vez que se busca por consolidar um relacionamento com base em aspectos que sejam comuns ao casal. É possível que os dados da presente pesquisa estejam indo ao encontrodo proposto porBlandón-Hincapié e López-Serna (2016), quando afirmaram que a presente instabilidade pode impulsionar as pessoas para que busquem relacionamentos mais estáveis na atualidade. Posto isso, teceremos as considerações finais deste estudo.

Considerações Finais

Os dados da presente pesquisa permitem compreender que, para as mulheres, a *estabilidade financeira* constitui fator de grande relevância para a decisão de se casar ou coabitar, principalmente entre as mulheres da geração atual, de modo que, expressam o casamento como um projeto posterior a algumas conquistas acadêmicas, profissionais e financeiras. Embora os dados identifiquem que as mulheres das duas gerações (1993 e 2013) possuam características semelhantes de desenvolvimento acadêmico e profissional, identificamos que o nível de valorização que atribuem a *estabilidade financeira* como pré-requisito ao casamento é maior entre as da geração atual, o que contribui para considerarmos que tal aumento se deve a alterações no contexto cultural e econômico nas últimas décadas.

É possível, portanto, que esse dado esteja apontando para o fortalecimento de uma cultura em que o projeto de se casar venha dividindo espaço com outros projetos de desenvolvimento acadêmico e econômico. Nesse sentido, diferentes pesquisas têm mostrado que nas últimas décadas o casamento tem sido considerado com menor importância, ou um projeto a ser adiado em nome do desenvolvimento profissional dos indivíduos (Chaves, 2010; Coutinho &Menandro, 2010; Falcke&Zordan, 2010; Secco& Lucas, 2015; Wagner *et al.*, 1997; Zordan*et al.*, 2009).

Para o casamento também foram mencionados os *sentimentos* do casal. Percebemos na descrição que as participantes recorreram principalmente a sentimentos que se aproximam do amor *eros* (Comte-Sponville, 2007), comum ao início do relacionamento. Essa noção ainda pode estar relacionada à fragilidade dos vínculos na contemporaneidade, pois, de acordo com a literatura, a tendência é que esse tipo de relacionamento apenas dure enquanto o amor puder

ser sentido em seu seio (Bauman, 2004; Del Priore, 2012; Zordan*et al.*, 2009; Wagner *et al.*, 1997).

Ademais, obtivemos, entre as mulheres dos diferentes períodos temporais, argumentos acerca do *desejo de estar junto*, bem como do *conhecimento mútuo*, que podem estar relacionados ao tempo de relacionamento anterior ao casamento. Desse modo, o menor tempo de relacionamento poderia estar levando as mulheres do passado a vivenciarem com mais intensidade o desejo de estar junto com o parceiro, e, de modo oposto, o maior tempo de convivência proporcionado pelo relacionamento mais longo, poderia levar mulheres da atualidade a alegar que o *conhecimento mútuo* construído entre o casal seria suficiente para fundamentar sua decisão. Diante disso, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas, com mulheres de diferentes gerações, e com casais com diferentes durações do namoro/noivado, acerca das possíveis relações entre tempo de relacionamento anterior ao casamento, e as justificativas para a decisão sobre o mesmo, tais como o desejo de estar junto e o conhecimento mútuo entre o casal.

É válido ressaltar que, entre as entrevistadas do passado, encontramos de forma mais predominante argumentos voltados para o *desejo de estar junto* e o *desejo de outras pessoas*, ou, de outra forma, podemos dizer que as mulheres de 1993 justificaram sua decisão para o casamento muitas vezes baseado em aspectos da ordem do desejo. Por outro lado, entre as entrevistadas do presente identificamos maior predominância em argumentos mais pragmáticos, voltados para a *estabilidade financeira* e o *conhecimento mútuo*entre o casal.

Além do mais, percebemos que a maior parte das justificativas para a decisão pelo matrimônio foi baseada em considerações que contemplam características, desejos, sentimentos e necessidades de outrem, seja o parceiro amoroso, ou as famílias envolvidas no novo enlace, o que parece estar se aproximando de características de uma ética do cuidado (Gilligan, 1982).Ainda pode estar relacionado a uma busca por proporcionar a si e ao outro

uma vida que valha a pena ser vivida, e, portanto, ser coerente com a ética (La Taille, 2006). Nesse sentido, é de grande importância que novos estudos visem a investigar o modo como o outro vem sendo inseridos dentro dos relacionamentos amorosos, a fim de compreender possíveis relações entre a formação do casal e a construção de uma vidaética.

Diante dos resultados obtidos, consideramos que as mulheres têm optado pelo matrimônio baseadas, principalmente, em aspectos que incluem outrem, possivelmente como parceiro igual, cujos desejos e sentimentos são considerados ao lado dos próprios. Nesse tipo de relação,podem ser estabelecidas relações de reciprocidade e de respeito mútuo, o que possibilitaria que a autonomia moral fosse exercida pelos envolvidos (Piaget, 1932/1994). Dessa forma, sugerimos que outras pesquisas sejam desenvolvidas a fim de investigar mais amplamente o modo como o outro é considerado, bem como a forma de relação (se visa ao individualismo ou cooperação) dentro dos relacionamentos amorosos.

Isto posto, ressaltamos que este estudo limitou-se a estudar os motivos de jovens mulheres casadas para a coabitação com seus parceiros nos anos de 1993 e 2013, e por esse motivo sugerimos que estudos futuros ampliem a população investigada, envolvendo homens e mulheres, solteiros e/ou inseridos em relações amorosas de diferentes durações. Consideramos que os dados que levantamos colaboram para a compreensão de que há, nos dias de hoje,alta valorização de aspectos comuns ao casal na decisão paracasamento, e que aspectos práticos e da ordem dos desejos podem influenciar na referida decisão. Além disso, o presente artigo levanta importantes questões para futuras investigações. Por fim, consideramos que o estudo acerca dos relacionamentos amorosos na atualidade pode contribuir para a elaboração de propostas de intervenção de profissionais que trabalhem com o tema em questão, e que visem proporcionar a construção de relações respeitosas e duradouras, em oposição ao atual contexto cultural, que é favorável à fragilidade dos vínculos.

Referências

Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: um estudo sob a ótica feminina* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Araújo, M. D. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), 70-77. doi: 10.1590/S1414-98932002000200009

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humano* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja em la actualidad: Jóvenes en busca de estabilidad. *Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505-517. doi: 10.11600/1692715x. 14134271014.

Borges, C. D. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000300008

Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em revista*, 16(1), 28-46. doi: 10.5752/P. 1678-9563.2010.

Comte-Sponville, A. (2007). *Pequeno tratado das grandes virtudes* (E. Brandão, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1995).

Coutinho, S. M. D. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações:" Que seja terno enquanto dure". *Psicologia clínica*, 22(2), 83-106. doi: 10.1590/S0103-56652010000200007

Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo,SP: Contexto.

Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Obra original publicada em 2001).

Falcke, D., & Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos brasileiros de Psicologia*, 62(2), 143-155. Recuperado de http://www.redalyc.org/html/2290/229016553013/

Ferry, L. (2013). *Do amor: uma filosofia para o século XXI* (R. Janowitzer, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Difel.

Fonseca, S. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. Recuperado de https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1237

Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rio de Janeiro,RJ: Editora Rosa dos Tempos.

La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre,RS: Artmed.

Milfont, T. L., Gouveia, V. V., & Costa, J. B. (2006). Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 25-33. Recuperado de http://www.redalyc.org/html/188/18819105/

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança.* (4a ed.) (E. Lenardon, Trad.). São Paulo,SP: Summus. (Obra original publicada em 1932).

Resolução 466/2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. (2012). Ministério da Saúde, Brasília. Recuperado de http://www.conselho.saude.gov.br.

Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando familias*, 19(1), 61-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006

Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia (Campinas)*. 27(3) 383-391. Recuperado de http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98803.

Wagner, A., Falcke, D., & Duarte, E. M. B. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1). Recuperado de http://www.redalyc.org/html/188/18810111/

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009).Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&tlng=es.

3. Considerações Finais

A presente dissertação objetivou investigar, sob a perspectiva da moralidade,parte da trajetória amorosa de mulheres casadas, desdea forma como conheceram os atuais parceiros, as justificativas para decisão por iniciar o relacionamento com eles, e a decisão pelo casamento, sendo que os dois primeiros foram contemplados pelo estudo descrito no artigo um, e o último por meio do artigo dois.Neste capítulo final teceremos nossas consideraçõesdiante dos resultados gerais, e para tanto iniciaremos retomando os principais resultados de cada artigo separadamente, ressaltando, em conformidade com nossos objetivos, as diferenças entre os relatos das mulheresdos distintos períodos, bem como a relação das justificativas com a moral e a ética.Posteriormente, discutiremos o nosso trabalho como um todo, estabelecendo possíveis relações entre os dois estudos já mencionados, bem como os limites e contribuições da dissertação.

No artigo um tratamos do início da história amorosa das mulheres, e constatamos,de modo geral, que os casamentos foram frutos, na maior parte das vezes, de relacionamentos iniciados em ambientes formais, tais como acadêmico, religioso ou de trabalho, e em uma minoria, em ambientes informais. Também obtivemos que a maior parte das participantes descreveu que seu relacionamento foi desenvolvido de forma gradual, sendo que esse tipo de construção aconteceu principalmente quando a aproximação ocorreu nos ambientes formais. Percebemos, por meio da literatura, que essa construção mais lenta e gradual é coerente com as condições proporcionadas por esse tipo de ambiente, visto que possibilitam uma convivência frequente que favorece ao casal se conhecer gradualmente, compartilhando ideias, descobrindo afinidades que possam resultar em um relacionamento amoroso (Barros, 2012; Garcia & Maciel, 2008).

Ainda a esse respeito, identificamos que, quando comparadas as entrevistadas que relataram conhecer seu parceiro em ambiente formal e informal, as primeiras apresentaram maior frequência de menção às *características do parceiro que favorecem a boa convivência* como justificativa para dar início ao relacionamento, o que pode estar de acordo com o estudo apresentado por Altafim*et al.* (2009), o qual descreve que a seleção de um parceiro pode ser influenciada pelo ambiente em que ela ocorre, sendo que ambientes formais são mais propícios para uma escolha baseada em características que favoreçam um relacionamento duradouro.

Na decisão pelo início do relacionamento amoroso, as justificativas centradas nas características do parceiro constituiu o argumento mais mencionado, tanto no passado como na atualidade. Assim foram valorizadas características que *favoreçam a boa convivência*, que *contribuam para a capacidade de prover*, que *se aproximam de valores morais*, ou *outras características*. Quanto às *características que favorecem a boa convivência* do casal, *se aproximam de valores morais*, e *outras características*, essas foram indicadascom predominância pelas participantes de 2013, enquanto que as que *contribuem para a capacidade de prover*foram pouco mais frequentes em 1993, indicando um aumento da valorização dos primeiros tipos de características masculinas entre as participantes do período mais atual. O dado indica que as mulheres têm se mostrado altamente criteriosas quanto às qualidades masculinas para a decisão para dar início ao relacionamento amoroso com o parceiro,ou, em outras palavras, são bastante seletivas quanto àquilo que o homem tem a oferecer na relação, sendo que essa tendência teve sua frequência aumentada no período mais recente.

Esse dado é coerente com o contexto atual, uma vez que ele tem, de modo crescente, permitido que as mulheres deixem de ser as únicas responsáveis pelo relacionamento amoroso, como era algumas décadas passadas (Coutinho &Menandro, 2010; Del Priore, 2012), sendo essa responsabilidade cada vez mais compartilhada entre o casal. Assim, parece-nos lógico que as mulheres valorizem cada vez mais as características do parceiro, ou àquilo que ele tem a oferecer dentro do relacionamento de modo que ele seja capaz de sustentar uma boa convivência e uma relação respeitosa por meiode valores morais que permitam a continuidade do enlace.

Ainda consideramos, que este resultado pode estar reforçando aquilo que Del Priore (2012) e Coutinho e Menandro (2010) constataram: nas décadas mais atuais têm havido maior valorização por parte das mulheres da presença da fidelidade, do respeito e do amor no relacionamento, exigência essa que pode ter resultado da maior liberdade que as mulheres conquistaram nas últimas décadas para decidir ou não iniciar uma relação, e em quais circunstâncias pretende mantê-la ou encerrá-la. A descrita liberdade é resultante, entre outros fatores, da maior independência financeira da mulher – que, constatamos aqui,pode ser característica do grupo entrevistado, uma vez que possuem características de desenvolvimento acadêmico e profissional.

Desejamos destacar a baixa menção dos valores morais em relação ao total de justificativas, e ainda, que foi mencionada de forma predominante em 2013. Partimos do

pressuposto que vivemos uma cultura da vaidade caracterizada por um crepúsculo do dever e da decorrente desvalorização de virtudes morais (La Taille, 2009), e um contexto de fragilidade dos vínculos, em que as relações têm função de proporcionar ganhos e vantagens (Bauman, 2004) que pouco ou nada dizem respeito a presença das mesmas virtudes. Assim, cremos que o atual contexto promove uma desvalorização das virtudes morais, o que parece ser coerente com a baixa frequência desse tipo de resposta. Entretanto, há um aumento entre as entrevistadas de 2013, da valorização de características que podem ser aproximadas de virtudes morais e que dizem respeito a constituição de relações respeitosas. Consideramos que é possível que esse tipo de dado esteja apontando para um retorno a valorização das virtudes dentro dos relacionamentos, que se oponha ao contexto atual no que diz respeito a cultura da vaidade e relações frágeis, anteriormente descritas.

Nessa perspectiva, nossa análise também parece ir ao encontro da proposta de Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), que sugerem que a instabilidade dos relacionamentos na atualidade tem impulsionado a busca por segurança dentro dos mesmos. Assim sendo, torna-se importante que sejam desenvolvidas pesquisas que investiguem o espaço que as virtudes podem ocupar na escolha de um parceiro amoroso, bem como a relação entre esse tipo de valorização coma fragilidade dos vínculos e o ambiente cultural em que a escolha amorosa é realizada.

Além disso, podemos destacar que entre as virtudes morais foi mencionado o respeito, o que levanta a possibilidade de uma valorização de relacionamentos baseados no respeito mútuo, em que os parceiros são iguais. Tais características são favoráveis a um ambiente de cooperação em que a prática da autonomia moral é estimulada. Nesse sentido, é importante que sejam realizados estudos visando a investigar os tipos de respeito que podem ser preconizados e formas de relação que se busca estabelecer por meio dele em um relacionamento amoroso nos tempos atuais.

Os sentimentos da mulher também compuseram argumento para iniciar um relacionamento, sendo que as mulheres de 1993 recorreram a esse tipo de justificativa com frequência maior que as da atualidade. Ou seja, quando comparamos as respostas mais predominantes nos dois períodos temporais, percebemos que as mulheres do passado (1993) se pautaram mais nos próprios sentimentos, e ainda foram as únicas a mencionarem a própria maturidade, ou seja, dão ênfase a questões de aspecto pessoal próprios dessas mulheres.

Também foram indicadas, pelas participantes das duas gerações, as *afinidades e diferenças* entre o casal como um critério para sua escolha. Nesse tipo de resposta foi salientado, pela primeira vez nesse estudo, questões que são pertinentes ao casal, pois são argumentos que giram em torno de projetos, objetivos, hábitos, gostos, valores que as mulheres percebem como semelhantes entre ela e seu parceiro. Já as diferenças, enfatizaram que características distintas ou opostas entre eles, permitia ao casal maior equilíbrio e complementaridade.

Assim sendo, as principais justificativas para dar início ao relacionamento amoroso com um específico parceiro giraram em torno das características do companheiro, dos sentimentos próprios ou de afinidades e diferenças. Além do mais, em relatos da literatura, encontramos estudos que indicam que cada um desses tipos de argumento podem indicar uma busca por satisfação pessoal (Almeida, 2004, 2008; Zordan *et al.*, 2009), o que ainda poderia ser coerente com a fragilidade dos vínculos modernos, conforme descrito por Bauman (2004). Salientamos que não foi nosso objetivo investigar a busca por satisfação pessoal, de modo que as explicações obtidas não permitiram observar tais aspectos, e por esse motivo sugerimos que futuras pesquisas visem a investigar possíveis relações entre as justificativas para iniciar um relacionamento e a busca de satisfação própria e o estabelecimento de relações frágeis.

No artigo dois, quando nos voltamos à decisão pelo casamento, foram abordados diferentes aspectos influentes sobre tal decisão, desde noções financeiras, até diferentes sentimentos, desejos e características do casal. O principal argumento que percebemos é valorização da estabilidade financeira como um pré-requisito ao casamento, ou seja, as participantes manifestaram que, uma vez que já haviam conquistado, de diferentes modos, alguma característica de estabilidade financeira, o casal poderia então dar seguimento a um plano de unir-se em matrimônio. Esse tipo de noção foi explorado com maior intensidade entre as entrevistadas de 2013.

Salientamos que, tanto entre as participantes de 1993, quanto entre as de 2013, encontramos característicascomo ampla formação acadêmica de nível superior e exercício de atividade profissional. Contudo, a valorização da *estabilidade financeira* se mostrou muito maior entre as entrevistadas de 2013, o que nos leva a considerar que é possível que uma cultura de supervalorização de conquistas acadêmicas e profissionais, em detrimento de conquistas amorosas, tenha ganhado força nos últimos anos.

Corroborando com esta visão, diversos estudos com adultos produzidos nos anos mais recentes manifestamque o casamento é expresso como projeto de vida importante, mas com importância menor que conquistas acadêmicas, profissionais e financeiras (Chaves, 2010; Coutinho &Menandro, 2010; Falcke&Zordan, 2010; Secco& Lucas, 2015; Zordan*et al.*, 2009). Consideramos interessante, que sejam realizadas pesquisas com diferentes gerações a despeito da valorização de projetos de diferentes áreas da vida, a fim de compreender como o outro pode ser inserido nesses diferentes tipos de projetos e prioridades.

Os sentimentos também apareceram como fator relevante para a escolha de se casar, sendo que, nesse caso, as falas remeteram principalmente a uma noção de *amor eros*, como descrito por Comte-Sponville (2007), pois descreveram um intenso amor sentido, bem como uma paixão (que também remete a intensidade) e saudade, que indicam a sensação de que algo lhe falta, e que se busca suprir por meio do relacionamento. Considerando que questionamos a decisão anterior ao casamento, podemos avaliar coerente que sejam descritos sentimentos de tamanha intensidade, pois, segundo o filósofo citado, este é o amor geralmente encontrado no início da relação,e que leva a uma aproximação dos enamorados. Ainda é válido salientar que, de acordo com a literatura, relacionamentos baseados no amor podem ser considerados frágeis, uma vez que tendem a ser mantidos apenas enquanto ela puder ser sentido dentro da relação (Del Priore, 2012; Zordan*et al.*, 2009; Wagner *et al.*, 1997)

Além do mais, constatamos dois tipos de argumentos, para a decisão do casamento, que apresentaram evidente diferença de frequência entre as distintas gerações entrevistadas. Foram eles: o *desejo de estar junto*, expresso principalmente pelas entrevistadas de 1993; e o *conhecimento mútuo* entre o casal, que foi pontuado em sua maioria pelas entrevistadas de 2013. A primeira justificativa manifesta um desejo do casal de aumentar sua convivência e intimidade, aprofundando o relacionamento. Já a segunda explicação está baseada na alegação de que o casal já se conhecia o suficiente para tomar a decisão. Tendo esse resultado em vista, avaliamos o tempo de relacionamento, anterior ao casamento, das diferentes gerações entrevistadas. Percebemos que, entre as participantes de 1993, grande parte dos relacionamentos teve duração menor que três anos, enquanto que entre as de 2013, a maioria se relacionou por um período superior a este.

Levantamos a possibilidade de que um menor tempo de relacionamento esteja relacionado a maior intensidade do desejo de estar junto ao parceiro, enquanto que, por outro lado, uma relação mais longa pode levar a sensação de um amplo conhecimento mútuo entre o casal. Contudo, nosso estudo se limitou a compreender as justificativas para a decisão pelo

casamento ou/e convivência diária de um pequeno grupo de mulheres, de modo que não é possível realizar uma generalização desse tipo de dado. Nesse sentido, salientamos a importância de que novos estudos sejam desenvolvidos com um maior número de casais, em que a decisão pelo casamento tenha ocorrido depois de diferentes tempos de duração do namoro/noivado, a fim de investigar mais amplamente possíveis relações entre esta variável, e o desejo de estar junto, bem como sua a percepção de conhecimento mútuo, e outras justificativas para a decisão.

Além disso, podemos apontar que a maior parte das justificativas totais foram pautadas em aspectos comuns ao casal, ou, em outras palavras, as entrevistadas manifestaram atenção àestabilidade financeira de ambos, os sentimentos mútuos, o desejo comum de estar junto, e de constituir família, o conhecimento que ambos tinham um do outro, a idade ou maturidade dos dois, a conveniência que geraria a ambos, a sexualidade do casal, e a privacidade necessária aos dois. Ou seja, em relação ao casamento identificamos uma predominância de justificativas que consideram, características, sentimentos, desejos e necessidades próprias e de outrem, enfatizando aspectos conjuntos dos dois envolvidos.

É possível que tal tipo de atenção seja condizente com uma ética do cuidado, como foi descrita por Gilligan (1982), caso se refira a um cuidado de identificar as necessidades do outro a fim de proporcionar o bem a ele, bem como para si mesma. Esse tipo de argumento ainda poderiaser coerente com uma vida ética, uma vez que visasseproporcionar, para si e para o outro, uma vida que vale a pena ser vivida (La Taille, 2006). Sendo assim, é interessante que futuras investigações abarquem a atenção a aspectos comuns e construção de uma noção de casal, bem como a busca (ou não) em desenvolver, por meio do relacionamento amoroso, uma vida ética (La Taille, 2006) e coerente com aética do cuidado (Gilligan, 1982).

Ainda podemos notar que, nesse tipo de relação, em que atributos do outro são destacadas ao lado das próprias, o outro pode estarocupando lugar de igual, o que poderia propiciar uma relação de cooperação pautada no respeito mútuo, o que, por sua vez, pode proporcionar a prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Sob esse ponto de vista, sugerimos que outros estudos sejam desenvolvidos com amplo público acerca do modo como o outro tem sido considerado, e as formas de respeito viabilizadas pela relação,se os tipos de relações estabelecidas são propensas a cooperação, ou se visam ao individualismo, e ainda, se são favoráveis a uma vida ética e à pratica da autonomia moral.

Frente aos diversos resultados totais, buscamos estabelecer uma articulação entre as justificativas como um todo, e identificamos algumas semelhanças nos argumentos levantados.De modo que descreveremos, inicialmente, as categorias semelhantes encontradas e, em seguida, compararemos as tendências de respostas dos distintos anos pesquisados.Um ponto comum que constatamos, nos dois estudos, foia valorização dos *sentimentos*tanto na escolha por iniciar o relacionamento quanto na decisão pelo casamento. No primeiro caso, as mulheres enfatizaram os próprios sentimentos, como sentimentos inespecíficos, paixão e amor e felicidade, e ainda foi possível aproximar as noções de amor às descrições de *eros* e *philia*(Comte-Sponville, 2007). Esse tipo de menção ao sentimento pessoal foi realizado de forma predominante entre as mulheres de 1993.

Já no segundo momento, que diz respeito ao matrimônio, as entrevistadas deram enfoque aos sentimentos mútuos que o casal tinha um pelo outro, expressando amor (que também remeteu ao amor *eros*), sentimento inespecífico, e outros sentimentos como paixão e saudade. A menção de sentimentos mútuos para a decisão pelo casamento foi encontrada nas duas gerações entrevistadas, sem que pudéssemos encontrar diferenças relevantes para nossa discussão. Consideramos, portanto, que os sentimentos podem constituir importante base para uma decisão quando se trata de relacionamentos amorosos, sendo que, para o namoro é dada ênfase aos sentimentos pessoais, e para o casamento, àquilo que é sentido mutuamente entre o casal. Nesse sentido, ressaltamos que pesquisas podem ser desenvolvidas a respeito do lugar de importância que distintos sentimentos podem ter para o estabelecimento de diferentes tipos de relacionamentos.

Ademais, a *maturidade* também se repetiu entre as justificativas, embora o tenha sido com pouca frequência, se comparado ao total de argumentos emitidos. No caso da decisão pelo início do relacionamento, a ênfase na maturidade pessoal foi realizada apenas pelas mulheres do passado (1993). Para a decisão do casamento, foi considerada a maturidade dos dois, sendo mencionada nos dois grupos entrevistados (para maiores detalhes ver **Tabela 4** no Apêndice B).

Outro tipo de justificativa que encontramos, com núcleo comum, foi a menção das características do parceiro como motivo para decidir por um relacionamento. Mas, agora, percebemos formas muito distintas de tratar do assunto em cada fase do relacionamento. Por um lado, ao indagar sobre a escolha por estabelecer um início de relacionamento com seu parceiro, mencionaram amplamente diversas características específicas do parceiro, passando

por diferentes qualidades, que poderiam favorecer o relacionamento, e que auxiliariam em sua capacidade de prover, que dissessem respeito aos valores morais e ainda outras características.

Dentre as justificativas para iniciar o namoro, essas constituem sua maioria (93 de 146), e foram aludidas por mulheres de ambos os períodos, e com maior frequência em 2013. Já na decisão para o casamento, com frequência muito baixa, foram mencionadas, de forma mais geral e inespecífica, por meio da menção a*características de parceiro ideal*. Ou seja, sem entrar em maiores descrições ou detalhes, as entrevistadas mencionaram que o seu parceiro possuía características que elas valorizavam para um parceiro ideal. Nesse caso, apenas duas participantes de 2013 fizeram esse tipo de menção.

Há ainda outro aspecto que pode ser observado nos resultados gerais, e que se destaca quanto à decisão pelo casamento, que é a menção de justificativas que envolveram o casal. Este aspecto se torna claro na escolha pelo início do relacionamento, quando falamos das *afinidades e diferenças entre o casal*, momento em que as mulheres deram destaque a semelhanças e diferenças em relação às qualidades dos dois envolvidos. Esse tipo de argumento reuniu 17 das 146 justificativas para dar início a um relacionamento amoroso com um parceiro específico, e sendo mencionado em ambas asgerações.

Já em relação à decisão pelo matrimônio, não foi em apenas uma categoria que observamos menção ao casal, mas em 9 das 13 categorias, somando 51 de todas as 85 justificativas emitidas. Na apresentação dos resultados, e na **Tabela 4** (ver Apêndice B) estão descritas as quantidades de justificativas desse tipo dentro de cada uma das categorias na decisão pelo matrimonio. Assim,constatamos que na decisão por um relacionamento, seja no namoro, ou no casamento, há a consideração de aspectos do casal, ou das características, sentimentos, desejos e necessidades, que são comuns ou mútuos entre o par amoroso,entretanto, ocorrendo de forma mais intensa no que diz respeito a decisão para se casar. Esse tipo de resposta é interessante porque pode indicar a construção de uma relação entre iguais. Sob essa perspectiva já propusemos nova investigação, quando discutimos as justificativas para o casamento.

De forma diferente, os argumentos para dar início ao relacionamento reuniu, com maior frequência, justificativas voltadas para aspectos pessoais, hora falando de características do parceiro, hora mencionando sentimentos e características da própria mulher (nas categorias *sentimentos próprios* e *maturidade pessoal*), somando 112 das 146 justificativas para dar início ao relacionamento. Percebemos, portanto, que quando se trata da

escolha por iniciar o relacionamento amoroso, há uma predominância na menção de argumentos pautados em questões pessoais, enquanto que o inverso se dá na decisão pelo casamento, quando a maioria das justificativas englobaram o casal. Nesse sentido é importante que novas pesquisas busquem investigar mais amplamente a relação entre os tipos de justificativas para se relacionar, bem como a percepção de individualidade e a construção da noção de casal, em diferentes tipos de relacionamento amoroso, e em relações de variadas durações.

Tendo discutido algumas semelhanças encontradas nos resultados totais, passaremos a considerar os principais dados referentes àscomparações dos discursos das duas gerações de mulheres. Entre as mulheres entrevistadas em 1993, foram mencionadas,de forma predominante como justificativa para iniciar um relacionamento amoroso, os *sentimentos próprios*, enquanto que para o casamento, falaram principalmente do *desejo de estar junto*, e do *desejo de outras pessoas*. Já em 2013, foram declaradas no primeiro momento as *características do parceiro que favorecem a boa convivência*, *que se aproximam de valores morais*, e *outras características*, enquanto que, no segundo momento, as justificativas mais referidas foram a *estabilidade financeira* e o *conhecimento mútuo*.

Constatamos então, entre as entrevistadas de 2013, uma tendência para a eleição de critérios que refletem aspectos mais práticos do relacionamento que está sendo desenvolvido. Desse modo, para o início do namoro mostram-se criteriosas quanto aspectos pessoais do parceiro, no que concerne às características que o parceiro possui, avaliando suas qualidades de diferentes tipos, enquanto que, para o casamento, valorizam aspectos mais pragmáticos, como a capacidade de ambos de estabelecer uma vida economicamente mais estável e o fato de conhecerem bem um ao outro antes de tomar tal decisão. Por outro lado, entre as mulheres de 1993, fica mais evidente a eleição de critérios pessoais da ordem dos sentimentos e dos desejos, sendo que, na decisão pelo início do namoro foram salientados seus *sentimentospróprios.* Já na decisão pelo casamento, salientaram aspectos da ordem do desejo, seu próprio desejo, do casal ou ainda de outras pessoas.

Por fim, consideramos que os dados aqui levantados dão margem ao desenvolvimento de novos estudos, já tendo sido levantados diversos assuntos e questões que poderão ser abordados em pesquisas futuras acerca dos relacionamentos amorosos contemporâneos. É válido, ainda, salientar que neste estudo apenas envolvemos relacionamentos amorosos que culminaram em um casamento em duas distintas gerações (mulheres casadas em 1993 e em 2013).No sentido de aprofundar o conhecimento dos processos que podem levar a decisão

pela formação de uma nova relação amorosa, sugerimos que outros estudos sejam desenvolvidos com um público mais amplo, com casais de diferentes formas de relacionamento, com distintos tempos de relacionamento, e inseridos em culturas de diferentes partes do mundo.

Consideramos que o conhecimento – construído por meio da presente pesquisa e de investigações futuras – pode contribuir para a compreensão dos processos envolvidos no estabelecimento das relações amorosas na contemporaneidade, e poderão assim fornecer subsídios teóricos para profissionais que trabalhem na área dos relacionamentos amorosos. Ademais, tal conhecimento pode auxiliar na elaboração de propostas de intervenção que visem a agir sobre a fragilidade dos vínculos pertinentes à atualidade, promovendo relações duradouras baseadas no respeito mútuo em que a prática da autonomia moral seja preconizada.

Referências

Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: um estudo sob a ótica feminina*(Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia*, 22(1), 15-22. Recuperado de http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12765.

Almeida, T. (2008). *Fatores que influenciam o desenvolvimento do namoro*. Artigo apresentado no Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde mental e violência: Contribuições no campo da Psicologia Clínica Social, São Paulo, SP. Recuperado de http://www.artigonal.com/relacoes-amorosas-artigos/fatores-que-influenciam-o-desenvolvimento-do-namoro-735930.htm

Altafim, E. R. P., Lauandos, J. M., &Caramaschi, S. (2009).Seleção de parceiros: Diferenças entre gêneros em diferentes contextos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 117-129. Recuperado de http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=539481&indexSearch=ID.

Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2010). Amor e moralidade: um estudo com participantes de 5 a 70 anos de idade**.***Revista de Ciências Humanas (UFSC)*, 44(2), 363-380. Recuperado de https://periodicos.ufsc.br/index.php/ revistacfh/article/view/2178-4582.2010v44n2p363.

Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2012).Exemplos sobre a importância do amor: estudo com crianças no contexto da moralidade**.***Temas em Psicologia*, *20*(1), 261-272. Recuperado em de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2012000100019&script=sci_arttext

Alves, A. D., Alencar, H. M. D., & Ortega, A. C. (2014). Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 e 9anos.*Revista Psicopedagogia*, *31*(94), 21-34. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000100004

Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015a). Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas. *Revista de Ciências Humanas e Artes (Online)*, 21(1), 105-131. Recuperado de

http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v21n1/00_arius_v21 _n1_2015_edicao_completa.pdf#page=105.

Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015b). Estudo exploratório acerca da concepção do amor e possibilidade de amar para adolescentes.*Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da FAINOR,8*(1), 158-173. Recuperado de http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/353/225.

Araújo, M. D. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), 70-77. doi: 10.1590/S1414-98932002000200009

Barros, J. (2012). *Relações amorosas no local de trabalho: eu e os outros*(Dissertação de mestrado). Recuperado de http://hdl.handle.net/10071/6368.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humano*(C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Blandón-Hincapié, A. I.,& López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja em laactualidad: Jóvenesen busca de estabilidad. *Revista Latinoamericana de CienciasSociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505-517. doi: 10.11600/1692715x. 14134271014.

Borges, C. D. C., Magalhães, A. S., &Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103. Recuperado dehttp://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000300008

Braga, T. V. M. (2012). A nova classe média no Brasil: reflexões acerca de suas expectativas. Gestão & Sociedade: *Revista de Pós-Graduação da Uniabeu*, 1(2). Recuperado de http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/gs/article/view/386

Brito, R. C. S., Silva Júnior, M. D., & Henriques, A. L. (2009). Critérios de escolha de parceria amorosa em mulheres climatéricas e menopausadas. *Revista do NUFEN*, 1(2), 55-74. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200005

Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em revista*, 16(1), 28-46. doi: 10.5752/P. 1678-9563.2010.

Comte-Sponville, A. (2007). *Pequeno tratado das grandes virtudes*(E. Brandão, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1995).

Correa, H. V. V. (2011). *Critérios utilizados na seleção de parceiras amorosas em relacionamentos de curto e longo prazo entre mulheres de orientação homossexual em idade reprodutiva* (Tese de doutorado). Recuperado de http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5346/1/Dissertacao_CriteriosUtilizadosSelecao.pdf.

Coutinho, S. M. D. S., &Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações:" Que seja terno enquanto dure". *Psicologia clínica*, 22(2), 83-106. doi: 10.1590/S0103-56652010000200007

Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo,SP: Contexto.

Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Obra original publicada em 2001).

Falcke, D., &Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos brasileiros de Psicologia*, 62(2), 143-155. Recuperado de http://www.redalyc.org/html/2290/229016553013/

Ferry, L. (2013). *Do amor: uma filosofia para o século XXI* (R. Janowitzer, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Difel.

Fonseca, S. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. Recuperado de https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1237

Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: teoria e prática*, 10(1), 95-112. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100008.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*(5a. ed.). São Paulo,SP: Atlas.

Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rio de Janeiro,RJ: Editora Rosa dos Tempos.

Guelfi, E. C., Frasson, C. A., & Baltazar, J. A. (2006). Análise dos fatores que levaram à escolha do cônjuge em indivíduos pesquisados na cidade de londrina e região. *Terra e Cultura,* (43), 81-89. Recuperado de http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n43/terra_08.pdf.

La Taille, Y. (2001). Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças.*Cadernos de Pesquisa*, (114), 89-119.doi: 10.1590/S0100-15742001000300004.

La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre,RS: Artmed.

La Taille, Y. (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si.* Porto Alegre,RS: Artmed.

La Taille, Y., Oliveira, M. K. de, & Pinto, H. D. S. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão* (10a ed.). São Paulo,SP: Summus.

Lago, S. P. (2002). *Namoro pra Escolher (com quem casar): idéias e práticas de namoro entre jovens em Belém/PA.* Artigo apresentado nos Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, MG. Recuperado de http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1250/1214Milfont, T. L., Gouveia, V. V., & Costa, J. B. (2006). Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 25-33. Recuperado de http://www.redalyc.org/html/188/18819105/

Neri, M. (2008). A nova classe média. *Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS*. Recuperado de http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/26172

Neri, M. C. (2009). Consumidores, produtores e a nova classe média: miséria, desigualdade e determinantes das classes. *Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS*. Recuperado de http://www.cps.fgv.br/ibrecps/cpc/CPC_textofim_FORMATADOx_PA2.pdf

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança.* (4a ed.) (E. Lenardon, Trad.). São Paulo,SP: Summus. (Obra original publicada em 1932).

Resolução 466/2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. (2012). Ministério da Saúde, Brasília. Recuperado de http://www.conselho.saude.gov.br.

Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. Estudos de Psicologia (Campinas), 26(2), 215-225. Recuperado de http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/11989

Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando familias*, 19(1), 61-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006

Senna, M. F. N. (2015). *Políticas públicas de distribuição de renda sua influência na mobilidade social: o caso da nova classe média brasileira* (Dissertação de mestrado). Centro Universitário Unieuro, Brasilia, DF, Brasil.

Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da"cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia (Campinas)*. 27(3) 383-391. Recuperado de http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98803.

Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. D. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003.

Souza, L. D., &Menandro, P. R. M. (2007). Pesquisa documental em psicologia: a máquina do tempo. In: M. M. P. Rodrigues,P. R. M. Menandro(Org.),*Lógicasmetodológicas: trajetos de pesquisaempsicologia.* (151-174). Vitória, ES: GM.

Wagner, A., Falcke, D., & Duarte, E. M. B. (1997).Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1). Recuperado de http://www.redalyc.org/html/188/18810111/

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009).Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&tlng=es.

Apêndice A

Parecer favorável do CEPda Universidade Federal do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES - CAMPUS GOIABEIRA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Concepção de amor: investigações na área da ética e da moralidade
Pesquisador: Heloisa Moulin de Alencar
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 19226813.8.0000.5542
Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 419.793
Data da Relatoria: 11/10/2013

Apresentação do Projeto:
O projeto apresenta todas as informações necessárias para que esse relator possa emitir seu parecer. Consta de introdução, objetivos, métodos, cronograma, instrumentos e TCLE. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e sem intervenção sobre o corpo dos sujeitos da pesquisa.. O contexto de aplicação foi bem definido e os procedimentos estão claramente expostos. Ainda que possivelmente cause constrangimento entre alguns participantes, o tema discutido (concepções de amor) não requer cuidados especiais em sua condução, além das garantias já informadas pela pesquisadora.

Objetivo da Pesquisa:
Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar a concepção de amor em adolescentes e adultos, relacionando este conceito à discussão ética e moral. Sendo assim temos o objetivo de analisar os juízos de adolescentes no que diz respeito à concepção de amor, e sua relação com a moralidade, investigando, entre outros, os seguintes aspectos:
1 Conceito de amor;
2 Amor: igualdade versus equidade;
3 Amor:generosidade versus justiça para consigo;
4 Amor: generosidade e vínculos.
Por sua vez, também, temos como objetivo geral comparar o discursos de mulheres entrevistas a

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.090-000
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3335-2711 **E-mail:** thiago.moraes@ufes.br

20 anos atrás com discursos de mulheres que serão entrevistadas, no que diz respeito às suas vivências amorosas no relacionamento com seus parceiros. Destacamos, entre outros, alguns temas que serão investigados:

1 Concepção de amor;

2 As histórias de amor;

3 A dinâmica na relação amorosa;

4 Perspectivas atuais e futuras das relações amorosas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apesar de pesquisa ser realizada sobre um tema que possa causar constrangimento entre alguns dos participantes, a pesquisa não apresenta qualquer tipo de risco que requeiram outros cuidados além dos já garantidos pela pesquisadora. Trata-se de uma atividade cujos benefícios, inclusive, são de grande monta para a compreensão das relações amorosas entre as pessoas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante para o conhecimento do desenvolvimento das pessoas e não apresenta nenhum conflito ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de consentimento livre esclarecidos e de assentimento estão adequadamente escritos e com todas as informações necessárias informadas. Solicita-se apenas alteração do telefone do CEP, que é, agora, 4009-7840

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Dada a qualidade do projeto, não há conflitos éticos.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

VITORIA, 09 de Outubro de 2013

Assinador por:
Thiago Drumond Moraes
(Coordenador)

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.090-000
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3335-2711 **E-mail:** thiago.moraes@ufes.br

Apêndice B

Tabelas das categorias detalhadas

Tabela 3 – Categorias iniciais de tipos de resposta: Justificativas apresentadas pelas mulheres para dar início ao relacionamento amoroso com o parceiro atual.

CATEGORIAS	PARTICIPANTES					
	Passado		Atual		TOTAL	
	Np	(%)	Na	(%)	N	(%)
I - Características do parceiro que favorecem a boa convivência						
1) Carinho	4	5,97	7	8,86	11	7,54
2) Gentileza/Educação	0	0,00	8	10,13	8	5,48
3) Tranquilidade	5	7,46	3	3,80	8	5,48
4) Atenção/Solicitude	2	2,99	4	5,07	6	4,11
5) Simpatia/Diversão	5	7,46	1	1,26	6	4,11
6) Maturidade dele	3	4,48	3	3,80	6	4,11
7) Compromisso/Responsabilidade	0	0,00	5	6,33	5	3,42
8) Compreensão	3	4,48	1	1,26	4	2,74
9) Sinceridade	1	1,49	1	1,26	2	1,37
TOTAL	**23**	**34,33**	**33**	**41,77**	**56**	**38,36**
II - Características do parceiro que contribuem com a capacidade de prover						
10) Disposição para trabalhar/estudar	2	2,99	9	11,39	11	7,54
11) Segurança/Proteção	5	7,46	0	0,00	5	3,42
12) Inteligência	4	5,97	0	0,00	4	2,74
TOTAL	**11**	**16,42**	**9**	**11,39**	**20**	**13,70**
III - Características do parceiro que se aproximam de valores morais						
13) Respeito	0	0,00	4	5,07	4	2,74
14) Fidelidade	0	0,00	2	2,53	2	1,37
15) Paciência	1	1,49	1	1,26	2	1,37
16) Amor virtuoso	0	0,00	2	2,53	2	1,37
TOTAL	**1**	**1,49**	**9**	**11,39**	**10**	**6,85**
IV - Outras características do parceiro						
17) Ele é bonito elegante	0	0,00	4	5,06	4	2,74
18) Religiosidade	0	0,00	3	3,80	3	2,06
TOTAL	**0**	**0,00**	**7**	**8,86**	**7**	**4,79**
V - Sentimentos próprios						
19) Sentimentos	6	8,95	1	1,26	7	4,79
19.a) Sentimento inespecífico	2	2,98	1	1,26	3	2,06
19.b) Paixão	2	2,98	0	0,00	2	1,37
19.c) Amor	1	1,49	0	0,00	1	0,68
19.d) Felicidade	1	1,49	0	0,00	1	0,68
20) Atração física	5	7,47	1	1,26	6	4,11

21) Admiração	1	1,49	1	1,26	2	1,37
TOTAL	**12**	**17,91**	**3**	**3,80**	**15**	**10,27**
VI - Maturidade pessoal						
22) Maturidade dela	4	5,97	0	0,00	4	2,74
TOTAL	**4**	**5,97**	**0**	**0,00**	**4**	**2,74**
VII - Afinidades/Diferenças entre o casal						
23) Afinidades	6	8,95	7	8,86	13	8,90
24) Diferenças	1	1,49	3	3,80	4	2,74
TOTAL	**7**	**10,45**	**10**	**12,66**	**17**	**11,64**
VIII - A concepção dos outros sobre ele						
25) Outros o admiravam/respeitavam	3	4,48	0	0,00	3	2,06
TOTAL	**3**	**4,48**	**0**	**0,00**	**3**	**2,06**
26) Outros	6	8,95	8	10,13	14	9,59
TOTAL	**67**	**100**	**79**	**100**	**146**	**100**

Tabela 4 – Categorias iniciais de tipos de resposta:Justificativas apresentadas pelas mulheres para a decisão de se casar ou coabitar com o parceiro atual.

CATEGORIAS	PARTICIPANTES					
	Passado		Atual		TOTAL	
	Np	(%)	Na	(%)	N	(%)
I - Estabilidade financeira						
1) Estabilidade de ambos	3	8,11	9	18,76	12	14,12
2) Estabilidade dele	1	2,70	5	10,41	6	7,06
TOTAL	**4**	**10,81**	**14**	**29,17**	**18**	**21,18**
II –Sentimentos						
3) Amor mútuo	1	2,70	2	4,17	3	3,53
4) Sentimento inespecífico mútuo	2	5,41	2	4,17	4	4,70
5) Outros sentimentos mútuos	1	2,70	1	2,08	2	2,35
6)Outros sentimentos dela	1	2,70	0	0,00	1	1,18
TOTAL	**5**	**13,52**	**5**	**10,41**	**10**	**11,76**
III - Desejo de estar junto						
7) Desejo mútuo	6	16,21	1	2,08	7	8,24
8) Desejo dela	3	8,11	0	0,00	3	3,53
TOTAL	**9**	**24,32**	**1**	**2,08**	**10**	**11,76**
IV - Desejo de constituir família						
9) Desejo mútuo de constituir família	1	2,70	4	8,33	5	5,89
10) Desejo mútuo de constituir família com filhos	2	5,41	1	2,08	3	3,53
11) Desejo dela de constituir família com filhos	1	2,70	0	0,00	1	1,18
TOTAL	**4**	**10,81**	**5**	**10,41**	**9**	**10,59**
V - Desejo de outras pessoas						
12) Desejo dele	1	2,70	1	2,08	2	2,35
13) Desejo de familiares	2	5,41	1	2,08	3	3,53
14) Valorização dela sobre o desejo de familiares	2	5,41	1	2,08	3	3,53
TOTAL	**5**	**13,52**	**3**	**6,25**	**8**	**9,41**
VI - Conhecimento mútuo						
15) Conhecimento mútuo	1	2,70	6	12,50	7	8,24
TOTAL	**1**	**2,70**	**6**	**12,50**	**7**	**8,24**
VII – Idade/maturidade						
16) Idade/maturidade dela	2	5,41	1	2,08	3	3,53
17) Idade/maturidade dele	1	2,70	0	0,00	1	1,18
18) Idade/maturidade de ambos	0	0,00	1	2,08	1	1,18
TOTAL	**3**	**8,11**	**2**	**4,17**	**5**	**5,89**
VIII - Pragmatismo/Conveniência						
19) Conveniência de ambos	1	2,70	2	4,17	3	3,53
TOTAL	**1**	**2,70**	**2**	**4,17**	**3**	**3,53**
IX – Sexualidade						
20) Sexualidade de ambos	0	0,00	2	4,17	2	2,35

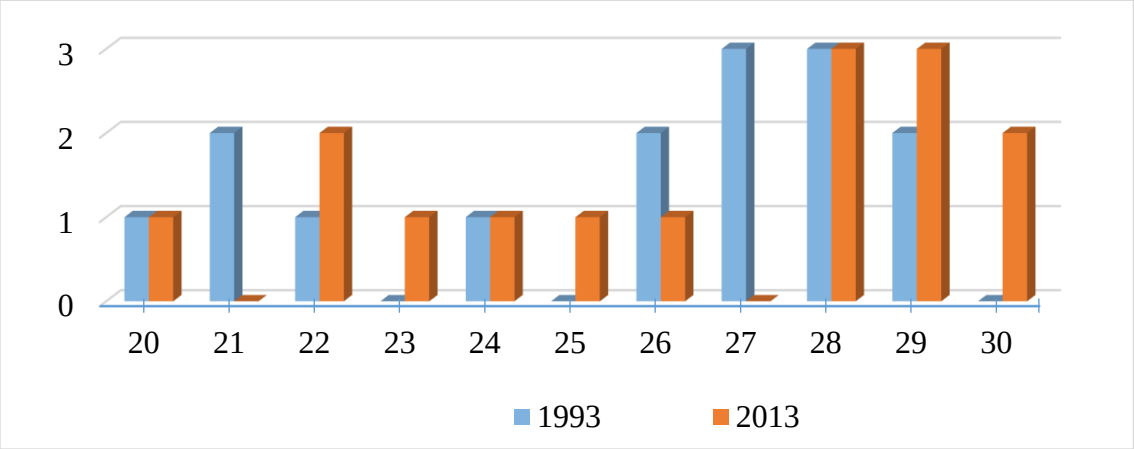
TOTAL	**0**	**0,00**	**2**	**4,17**	**2**	**2,35**
X – Privacidade						
21) Privacidade de ambos	1	2,70	1	2,08	2	2,35
TOTAL	**1**	**2,70**	**1**	**2,08**	**2**	**2,35**
XI – Características de parceiro ideal						
22) Compatibilidade das características dele com o que ela desejava	0	0,00	2	4,17	2	2,35
TOTAL	**0**	**0,00**	**2**	**4,17**	**2**	**2,35**
XII – Religiosidade						
23) Questões religiosas	0	0,00	2	4,17	2	2,35
TOTAL	**0**	**0,00**	**2**	**4,17**	**2**	**2,35**
24) Outros	4	10,81	3	6,25	7	8,24
TOTAL	**37**	**100**	**48**	**100**	**85**	**100**

Apêndice C

Caracterização das Entrevistadas

As participantes entrevistadas se encontravam na faixa etária entre 20 e 30 anos, sendo as idades distribuídas conforme ilustrado no gráfico da **Figura 2.** Desse modo, identificamos maior concentração das participantes de 1993 entre 27 e 28 anos, e de 2013 entre 28 e 29.

Figura2 - Distribuição etária das entrevistadas.



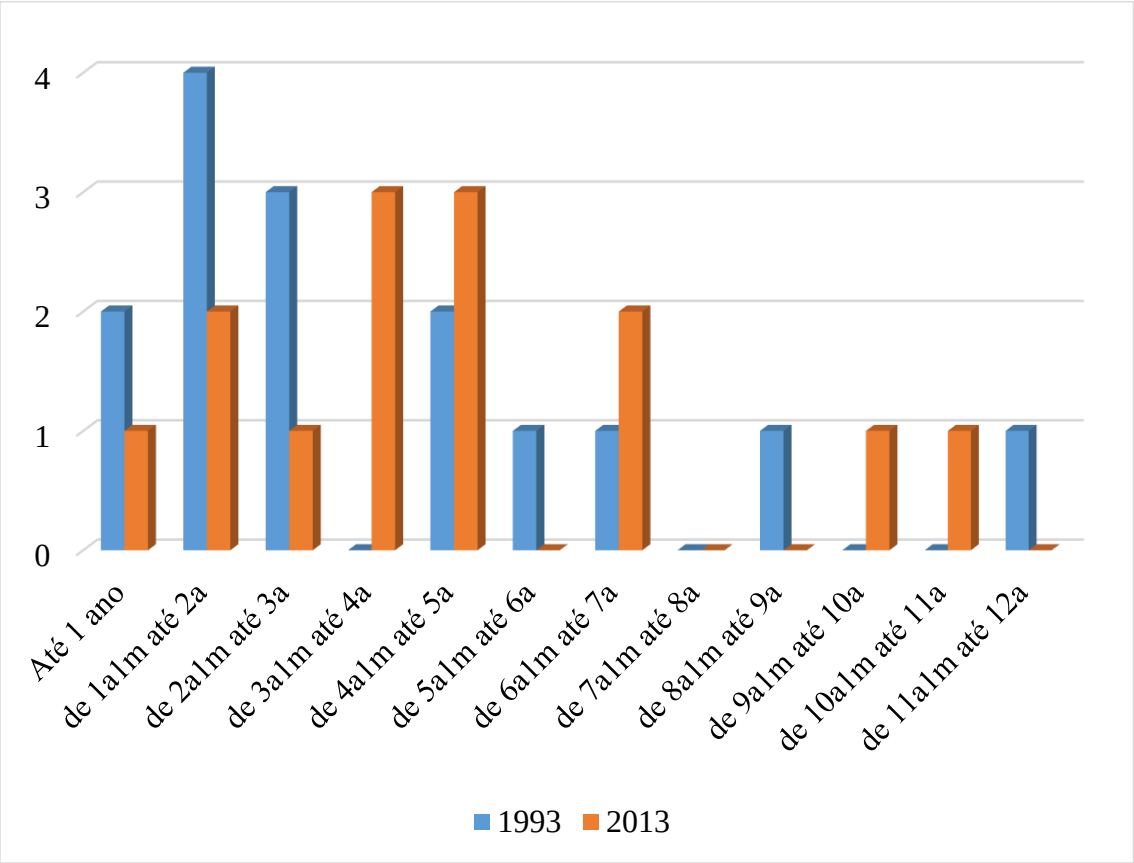
Embora não tenha sidoeleito como critério de seleção, verificamos que, dentre as entrevistadas, a maior parte exercia atividade profissional no momento da entrevista (25 das 30, sendo 12 delas de 1993 e 13 de 2013). Percebemos, portanto, que as participantes, tanto do passado quanto do presente apresentaram características que são favoráveis a sua própria capacidade de prover. Ademais, todas elas estavam em processo de formação acadêmica, ou já haviam concluído sua formação profissional, conforme exposto na **Tabela 5**, o que reforça a noção de que, tanto em 1993, quanto em 2013, as entrevistadas buscaram se desenvolver profissionalmente.

Tabela 5 -Nível de formação das participantes.

NÍVEL DE FORMAÇÃO	**1993**	**2013**	**Total**
Nível técnico	0	1	1
Graduação em andamento	3	7	10
Graduação completa	10	3	13
Mestrado em andamento	2	0	2
Mestrado completo	0	1	1
Pós-doutorado em andamento	0	1	1
Pós-graduação LatoSenso	0	2	2
TOTAL	**15**	**15**	**30**

Quanto ao tempo de relacionamento anterior ao casamento, percebemos uma grande variação, sendo que o relacionamento mais curto durou apenas nove meses, enquanto que o mais longo chegou a 12 anos entre as participantes de 1993, e em 2013, o menor tempo foi de um ano, e o maior de 11 anos. Para melhor visualização deste dado, apresentamos no gráfico da **Figura 3** a distribuição do tempo de namoro/noivado de acordo com intervalos de um ano. Observamos que, entre as entrevistadas do passado, a maioria desenvolveu um relacionamento por no máximo três anos antes de se casarem (nove das 15). Diferentemente, em 2013, apenas quatro entrevistadas haviam se relacionadopor no máximo três anos, e grande parte (seis de 15) havia tido uma relação com mais de três e no máximo cinco anos.

Figura 3 -Tempo de relacionamento (namoro/noivado) anterior ao casamento.



Já em relação ao tempo de casamento (ou de coabitação com o parceiro), percebemos uma variação de dois meses a quatro anos entre as participantes de 1993, e de cinco meses a sete anos entre as de 2013. O gráfico da **Figura 4** ilustra o tempo de casamento das entrevistadas agrupados em intervalos de um ano. A ilustração torna clara que o tempo de casamento das entrevistadas do passado se concentram em até um ano, enquanto que em 2013 um terço delas estavam casadas por mais de três anos e menos que quatro.

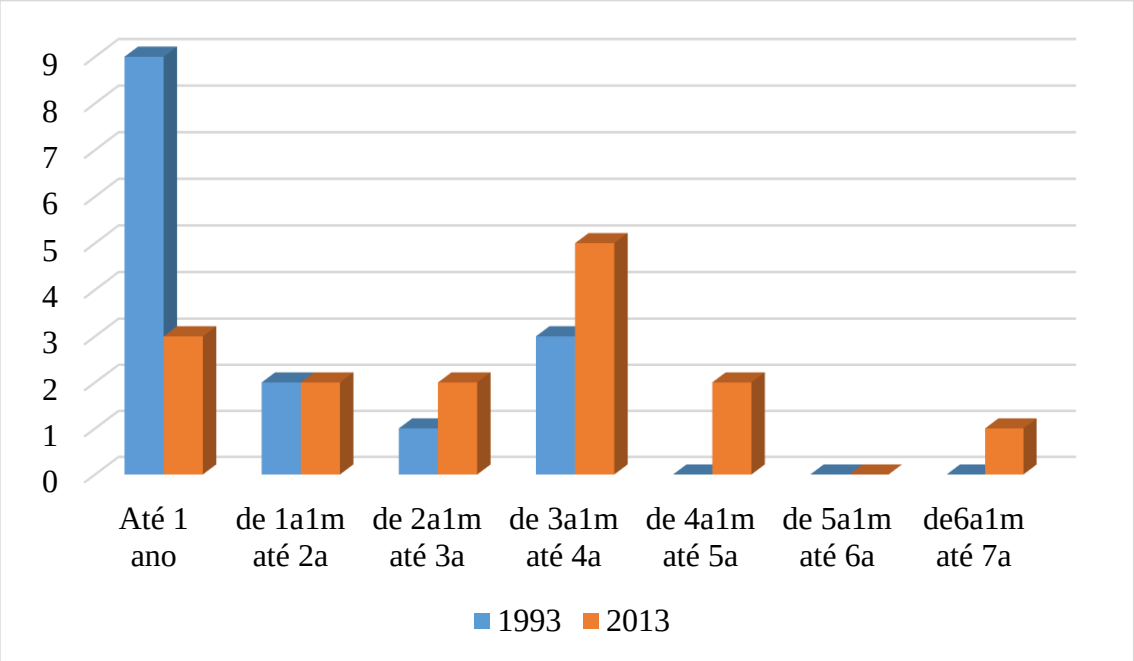



Figura 4 - Tempo de casamento (ou coabitação) das entrevistadas.